

volte ao lar...
antes que o dia termine

Andréa
Faulhaber

Ágape





Andréa
Faulhaber

volte ao lar...

antes que o dia termine

Ágape

São Paulo, 2016

Volte ao lar... antes que o dia termine

Copyright © 2016 by Andréa Regina Amorim Faulhaber

Copyright © 2016 by Editora Ágape Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Rebeca Lacerda

PREPARAÇÃO

Fernanda Guerriero Antunes

REVISÃO

Patrícia Murari

Vânia Valente

CAPA

Dimitry Uziel

DIAGRAMAÇÃO

Manoela Dourado

DESENVOLVIMENTO DE EBOOK

Loope – design e publicações digitais |

www.loope.com.br

COORDENADOR EDITORIAL EDITORIAL

Vitor Donofrio

Giovanna Petrólío

João Paulo Putini

AQUISIÇÕES

Cleber Vasconcelos

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Faulhaber, Andréa

Volte ao lar... antes que o dia termine / Andréa Faulhaber. -- Barueri, SP: Editora Ágape, 2016.

ISBN: 978-85-8216-183-8

1. Cristãs – Vida religiosa 2. Mulheres – Vida cristã 3. Mulheres – Conduta - Estilo de vida I. Título

16-1070 CDD-248.8437

Índice para catálogo sistemático:

1. Mulheres – Vida cristã 248.843



EDITORIA ÁGAPE LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1112

CEP 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

www.editoraagape.com.br | atendimento@agape.com.br

*À graça transcendente, alinhavada em todas as coisas,
amor que da palavra concebeu cada mulher, onisciente DEUS.*

Aos meus pais, pelo caminho da liberdade.

Ao meu amado Fred, amigo de todas as horas.

A Júlia e Miguel, heranças eternas.

“COME HOME, COME HOME,
YOU WHO ARE WEARY, COME HOME!
EARNESTLY, TENDERLY, JESUS IS CALLING.
CALLING: – OH, SINNER, COME HOME!”*

(Will Lamartine Thompson – 1847 -1909)

* “Venha para casa, venha para casa, você que está cansado, venha para casa! Sinceramente, com ternura, Jesus está chamando. Chamando: ‘Oh, pecador, venha para casa!’”

Prefácio

POR SILVIO ANDRÉ ALVES

“MULHER VIRTUOSA QUEM A ACHARÁ?
O SEU VALOR MUITO EXCEDE AO DE RUBIS.”

(Pv 31:10)

Quando fui escolhido, confesso que senti o peso da responsabilidade de elaborar o prefácio de uma obra literária do quilate de “Volte ao lar... antes que o dia termine”. Afinal, o prólogo é o “anfitrião” do leitor.

Aceitei o convite, trabalhando nos esboços até o texto final, não apenas por ter a honra de ser o genitor da autora e com ela ter ensaiado seus primeiros passos. Dei-lhe de presente *Ulisses*, de James Joyce, e outros clássicos, ao perceber seu interesse pela leitura e sua vocação para a arte da escrita. Também por conhecer o seu espírito voltado para a natureza e a família, sua simplicidade e seu coração afetuoso, concluí que não poderia me furtar à oportunidade de cumprir esta valiosa missão.

O livro que você começou a ler vai conduzi-la a uma profunda reflexão sobre a mulher como o mais delicado poema de Deus, verdadeira obra-prima do Criador, sua beleza, virtudes, e os seus valores genuínos; vai fazê-la entender que os direitos civis, políticos e sociais conquistados durante décadas, através de vários movimentos, sem dúvida trouxeram para a mulher os benefícios da igualdade de direitos. A conquista de significativos espaços na sociedade trouxe grande ascensão em todas as áreas e a ocupação de cargos importantes nos mais diversos campos.

Todavia, o desejo veemente de alcançar posição social, riqueza, poder e glória desperta a ambição, a cobiça e a ganância, sentimentos destrutivos que levam ao degredo moral e espiritual, e fazem perder a sensibilidade. Dessa forma, a mulher vem perdendo também parte de si mesma: o amor, o carinho, a doçura, a paciência, a compreensão, a dedicação no lar, a harmonia, a paz, a capacidade de doar e, às

vezes, até mesmo o respeito. É óbvio que valores espirituais como a fé, a oração em família, o tempo devocional, o temor a Deus e a meditação na Palavra estão sendo afetados.

Essa competitividade está conduzindo a mulher a dar maior relevância ao seu papel social, olvidando-se dos seus ideais originários. Surge então o momento de se questionar e se autoanalisar: Quem sou eu? O que estou fazendo? Onde está aquela pessoa simples e verdadeira, cujos sonhos eram de ter uma vida plena, deixar uma marca de profundidade, construir um lar com filhos, e que tinha aspirações que não atingiam patamares interessantes apenas para os outros?

Chegou então o momento de rever os seus conceitos, estabelecer suas prioridades, voltar às suas origens, resgatar seus valores e recuperar a sua verdadeira identidade. As mãos que assinam expedientes também foram feitas para plantar flores, escrever poemas e fazer obras de arte, além de afagar de maneira terna e delicada os cabelos macios das crianças, dos idosos e dos enfermos.

A ostentação, a luxúria, o orgulho e a vaidade são abomináveis aos olhos do Senhor (Pv 6:16-19; Ap 18:4-7; Ez 24:13). Somos lar do Espírito Santo, portanto, devemos voltar ao templo que existe dentro de nós para purificá-lo e torná-lo digno do seu habitante. A simplicidade de antes deve ser inspirada no próprio Jesus, que sendo grande se fez pequeno, e sendo o dono do mundo, nasceu em um lugar considerado desprezível. Em Deus está a plenitude de vida de que precisamos. Para assumirmos essa plenitude temos que permitir que Ele seja a razão e o centro de tudo em nosso viver.

Além de narrar experiências da própria autora, seu livro ainda é um convite ao resgate desses valores perdidos ou esquecidos, mas que podem ser recuperados, conforme os ensinamentos de Jesus, em Lucas 15:8. Aquela mulher não se conformou com a perda da moeda e foi imediatamente em busca da dracma perdida até encontrá-la; para tanto não mediu esforços, empreendeu uma busca incessante com dedicação, diligência e perseverança, vivendo a alegria de buscar e encontrar o que havia perdido.

Valores que para nós parecem pequenos são os maiores aos olhos de Deus; são tesouros esquecidos que podem ser encontrados, lembrados e avivados em nossos corações: Aquela viagem à terra natal para reencontrar paisagens que talvez nem existam mais e também rever parentes e amigos; a visita aos lares de idosos,

orfanatos e hospitais; o folhear do velho álbum de fotografias; a restauração de algum objeto com a participação de todos; a recuperação do que foi herdado de mulheres antecessoras, como artesanatos, bordados, pinturas e outras relíquias... Buscar a dracma, o tesouro que está oculto ao mundo é tornar reais* as palavras da escritora e poetisa Cora Coralina no poema *Assim eu vejo a vida*:

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
Mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

O poder, a fama e os bens materiais são alegrias efêmeras, que na maioria das vezes nos absorvem a ponto de nos afastar da nossa essência e do que temos de mais importante e precioso em nossa vida, podendo nos trazer consequências tristes.

Por isso, há um chamado de Deus:

Volte...

* O poema *Assim eu vejo a vida*, inédito, foi publicado originalmente pelo jornal *Folha de São Paulo* – caderno *Folha Ilustrada*, edição de 04/07/2001.

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Prefácio
Apresentação
Volte ao jardim...
Volte à simplicidade...
Volte a si mesma...
Volte à delicadeza...
Volte a uma vida plena...
Volte a criar...
Volte à poesia...
Volte a sentir...
Volte ao seu sonho...
Volte a um trabalho de amor...
Volte à sua aldeia...
Volte aos valores...
Volte à verdade...
Volte à sua caixa de recordações...
Volte aos amigos...
Volte aos seus filhos...
Volte à sua família...
Volte ao seu amor...
Volte à igreja...
Volte ao lar... antes que o dia termine
Agradecimentos
Colofão

Apresentação

Jesus está nos chamando de volta ao lar.
Éramos meninas quando fomos embora, lembra?

Corríamos entre os arbustos, em campinas com riachos de águas claras, folhas secas e pedrinhas. Olhos de bondade nos esperavam sempre, quer estivéssemos num lugar espaçoso ou em uma ruazinha. Olhos que viviam em nosso coração.

Capazes de girar de braços abertos e perdoar sem hesitação, nós nos contentávamos com papéis desenhados a lápis de cor que, transformados em barcos, viajavam nas enxurradas, carregando sonhos visíveis aos nossos olhos ansiosos.

Estávamos tão perto da nossa essência que, sem saber, morávamos no reino de Deus. E esse reino começava no lar, mesmo quando ele não era um lugar digno de eminência. Assim, meninas que moravam em um lar triste, gostavam de sonhar com dias mais bonitos.

Na verdade, o lar era o sensorial em nós. Era a assadeira repleta de massa de bolo, pronta para ser raspada com os dedos no saborear da receita deliciosa. Era o banho, momento em que tínhamos nas mãos espuma e ouvíamos sons de cachoeira ao tapar dos ouvidos. O lar eram os pais, irmãos e tios, e também qualquer cantinho onde ficávamos com nossos pensamentos. O lar eram tantas coisas! Livros velhos, potes com biscoitos, filmes feitos para dançar abraçando os móveis e arbustos que se agitavam ao vento da tarde, perto de algum muro velho e amigável.

Com o tempo, quase todas as meninas passaram a achar bobagem olhar do fundo de um copo para ver o mundo colorido e imaginar asas de borboletas. Vozes de dentro ou de fora sempre insistiram para que parássemos de seguir trilhas de formigas, pois havia algo mais urgente a fazer. Na concepção adulta, não haveria possibilidade de o lar coexistir com as salas de espera, nas quais gente pretensamente madura simulava indiferença para com quem estivesse bem à sua frente.

Então, assim que começamos a sonhar com uma vocação, com uma casinha amarela na montanha, com restaurar armários de livros e plantar canteiros, ao lado

do bom homem que iríamos encontrar, nosso olhar foi atraído por propostas menos singelas.

Foi o que aconteceu quando o som das ruas nos fez desejar a grandiosidade no modo de vida das chamadas “mulheres de verdade”. Em um caleidoscópio de inúmeras faces, elas emergiam comandando outras mulheres e homens, e pagando por sua própria beleza e pelo conceito de felicidade. Carregando pincéis de maquiagem e diplomas, firmaram uma declaração de competência nas pranchetas e ao volante. Essas mulheres passaram a representar a liberdade que nossas mães (em tese) não tinham, encerradas atrás da modéstia doméstica, usando aventais sujos de doce e com os cabelos desalinhados.

Pareceu-nos um avanço e tanto transitar de elevadores a reuniões, e destas a jantares esquentados pelos aparelhos modernos que apareciam nas propagandas. Teríamos casas mais elegantes, sem objetos deixados pelo corredor. Sim, uma vida melhor – pensávamos.

Sempre existirá uma coroa de honra para mulheres que presentearam nossa sociedade com seus dons e talentos. Não obstante o apelo do mundo, muitas mulheres buscaram com integridade uma formação que as permitiu voar acima das mazelas sociais. Profissionais dedicadas, heroínas em tripla jornada, equilibrando responsabilidades, conseguiram se sobressair em seus campos de atuação de forma honesta e dar dignidade a um lar, muitas vezes sem ajuda de outros líderes.

Porém, em meio a essa luta, o que não prevíamos aconteceu.

Fomos transitando dentro de nossas próprias conquistas, sem nos lembrar dos prismas que refratavam a luz e dos caderninhos que deixáramos em casa, nos quais estava anotado o começo de nossa história. Álbuns com olhos de meninas tristes, bastidores com bordados maternos, livrinhos de receitas e tecidos preciosos ficaram lá também. Nas esteiras rolantes, outras mulheres tão determinadas quanto nós quiseram transformar o mundo, em um movimento também tão constante quanto o da Terra. O suposto triunfo em algumas áreas evidenciou outras carências e quase esmagou o lúdico em nós; despontou sobrepujando valores e gente que, para Deus, serão sempre os menores na Terra e os maiores nos céus.

Chegamos ao sucesso como queríamos, mas também a um mundo de poucos filhos com mães de verdade, de equipamentos trocados pelo apreço consumista ao descartável, do zelo pelo ego e suas máscaras. Quando isso aconteceu, as ruas

residenciais estavam quase órfãs de mulheres, que sempre foram as guardiãs de valores e sentimentos. Também estavam mais vazias de meninos e meninas, que foram sendo trancados nas propriedades e nos corredores dos colégios.

Agora, há mulheres demais frustradas, humilhadas pela guerra diária para alcançar a cadeira giratória atrás de uma porta de vidro. Como contabilizar quantas andam ressentidas do tempo perdido longe das salas de jantar compradas com suor justo? São salas empoeiradas pelo desuso, onde essas mulheres perguntam por que seus filhos não vêm. Como bailarinas cristalizadas em velhas penteadeiras sentem saudades.

Urge revisar o caminho com a métrica de sempre, palmo a palmo. Temos que limpar os vestígios de uma ambição combativa que respinga de tal forma, que a essência de mulher permanece escondida sob uma crosta de conveniências e expectativas. Existe uma vida silenciosa que pulsa identidade, diz o poeta Walt Whitman. Um registro biológico deixado por Deus sempre gritará em alerta quando Sua criação errar o caminho.

A normalidade da vida adulta de toda mulher sempre tem seu dia final; é quebrada quando esta se depara com a própria imagem no espelho de algum banheiro. Ali está aquela esfinge refletida, à procura da menina livre. O nó na garganta é a reserva hormonal de um corpo que negou suas necessidades por muitos anos.

Há um tempo em que toda mulher passa a suspeitar que o Espírito Santo está pairando nos quintais e cozinhas familiares. Já não ignora que o trabalho movido apenas por sucesso, dinheiro e ostentação afasta a poesia e a dança. Onde estão os relacionamentos nobres e a resposta de gratidão da vida? Onde estão os tapetes macios para seus pés descalços e as joias de felicidade pelas quais lutou?

Há uma história não experimentada.

A mulher passa a sonhar com uma vida de paz, que a acaricia em meio ao movimento. Deseja abraçar alguém ao acordar de manhã, ir às feiras e poder compartilhar com as donas das barracas alguma simplicidade. São devaneios que convivem com o medo do julgamento e do fim daquilo que chama de reputação. O que faria se alguns de seus certificados fossem parar na gaveta?

De um modo geral, nossas mães e avós não tinham tão grande número de certificados, dinheiro e equipamentos. Elas não tinham redes sociais e saíam menos

que nós. Suas férias costumavam ser mais modestas e elas frequentaram menos tempo a escola. No entanto, a maioria das mulheres de nossos tempos não dispõe de tanto contato com a integridade como essas antecessoras, com suas histórias. Muitas não trabalharam pela própria reputação, mas obtiveram maior reconhecimento tácito de sua família e um lar como parte de sua própria identidade. As mulheres de antes nos apresentaram vidas menos perfeitas e uma série de decepções, mas são coroadas por um dossel de raízes, valores e lições que continuam sendo entregues à humanidade, mesmo depois de sua partida. E, mais do que tudo, são reconhecidas como mães, quando nós não somos tanto quanto gostaríamos. Quem sabe não seja tarde demais para compreendermos que ensinar a amarrar cadarços traduz algo que não está nítido nas palavras!

O alcance do favor de Deus não nos exigirá abandonar tudo o que fizemos e o que seja parte de nosso dom ou do suor sagrado. Com graus de misericórdia, Ele virá segurar nossas mãos e nos levará para longe do engano da autossuficiência.

O silêncio da Bíblia em nossas cabeceiras nunca significou uma concessão, pois o livro de Provérbios diz que a sabedoria grita nas esquinas buscando quem a possa ouvir (Pv 1:20) e oferece um banquete a quem se dispuser a sentar-se aos pés de Deus (Pv 9:1-5).

Esses pergaminhos resistiram à passagem de séculos para descrever um lar que é fonte de luz para moradores, vizinhos e peregrinos. Ali, uma mulher plena está edificando valores para a eternidade (Pv 31:10-31). Em alguns dias, ela acorda cedo em busca de excelência para sua família, sendo criativa e persistente. Essa mulher se veste de púrpura e linho fino, desfila autoridade e generosidade entre empregados e mercadores. É uma mulher bem-sucedida, que conquistou com seu trabalho o direito de adquirir bens e propriedades. A mulher de Provérbios não somente faz todas essas coisas, como trata com inteligência o olhar alheio que se dirige à sua casa. É sua oração que conduz toda a família a uma reputação que não se abala, comentada em esquinas e praças; seus filhos recebem o elogio público e seu marido é um homem próspero, convidado a ocupar posições relevantes, devido aos conselhos dessa mulher. O amor a Deus e a reverência aos Seus caminhos está no centro de todas as suas escolhas e dentro dessa casa aconchegante, que exala alimento delicioso. Vozes se levantam e louvam suas qualidades de mãe e esposa quando ela passa debaixo das vinhas que plantou.

A boa-nova vem dizer que essa mulher sobrevive em nós, e que não precisamos temer o frio, o abandono ou o dia de amanhã. Adornadas com nossas novas vestes, vamos emergir da tristeza das perdas para a gloriosa coragem que há em Cristo!

Ao longo destas páginas, o amor de Deus se revelará, assoprando aos nossos ouvidos quem devemos ser e o que precisamos buscar. Ele nos levará de volta ao lar, um lugar de saudade onde aquela criança ainda mora, nos levará ao riso e à leveza, em uma instância profunda. Só assim poderemos ajudar os outros e sentir que nossa vida valeu a pena. E por isso O reconhecemos como nosso Salvador.

O amado nos chamará de formosas, nos dirá que o inverno já passou e que o tempo de cantar chegou à nossa vida. Para habitar nesses novos palácios, cada mulher terá de deixar fora dos portais o vício da exigência imediatista e entrar no pátio onde haverá cura.

De glória em glória, seremos transformadas nessa mulher relevante, valiosa ao extremo para o marido, os filhos e os pais, atenta ao amor e às amizades, ao lar e ao patrimônio. Seremos amigas, reunidas em um chá abundante de poesia, passeando por lugares e revendo pessoas que talvez nem vivam mais e às quais iremos relembrar em encontros memoriais para revisitar verdades.

Venha por aqui.

Os portões agora estão abertos à horta com canteiros recém-regados pela chuva, conduzindo à compaixão, que paira acima das coisas tangíveis, que poderiam sugar o sentido de nossa existência.

Até a última página, encontraremos a janela azul por onde entra o sol da manhã e a esperança bordada por suas próprias mãos!

E O SENHOR TE GUIARÁ
CONTINUAMENTE, E FARTARÁ A
TUA ALMA EM LUGARES ÁRIDOS,
E FORTIFICARÁ TEUS OSSOS, E
SERÁS COMO UM JARDIM REGADO, E
COMO UM MANANCIAL
CUJAS ÁGUAS NUNCA FALTAM.

(Is 58:11)

Volte ao jardim...

Eu pretendia chegar cedo ao meu setor, naquela terça-feira, e adiantar um trabalho atrasado. Foi quando vi uma senhora à beira da estrada, perto de casa. O sol quente em seus cabelos totalmente grisalhos me fez parar. Ela era encurvada e andava devagar.

Abri o vidro do carro e perguntei se ela queria carona. Assim que parei, a senhora agradeceu com uma dúzia de exclamações maternais.

Só então a reconheci.

Anos atrás, quando chegamos à região para ficar, eu a tinha visitado em um casarão de muitos quartos, onde ela recebia pessoas para orar. Dona Maria — era como a chamavam. Ela não mudara, como de fato não mudam as velhas senhoras que mantêm a simplicidade interior. Notei que estava usando um vestido com estampas miúdas. Era tão pequena que tive de ajudá-la a subir no banco do carro.

Quando ela me disse para onde estava indo, calculei que teria que desviar meu caminho cerca de vinte minutos para levá-la ao seu destino. Olhei para ela novamente e não tive dúvidas quanto a fazer isso. Afinal, ela era o tipo de senhora a quem todos chamariam de “velhinha”. Quem poderia deixar uma velhinha longe do seu destino?

Nosso trajeto passava por um setor de chácaras e áreas de preservação. Iniciamos um diálogo para tentar quebrar a monotonia. Contei a ela que, anos antes, tinha conhecido sua casa de grandes janelas cor de vinho e avencas na varanda.

Perguntei como andava sua vida, seus filhos e esposo. Ela, tristemente, começou a me contar que uma de suas filhas havia morrido no ano anterior, após uma doença grave. Começou a chorar e enxugar o rosto nas mangas do lindo vestido de flores. Eu chorei com ela aquele golpe que maltratava seu velho coração.

Pensei em estacionar o carro para abraçá-la, mas ela deve ter percebido meus movimentos e, não querendo me causar mais atrasos, olhou fixamente para a frente com seus olhos apertados

me dizendo que agora tudo estava bem. Procurei palavras de consolo para a mulher de rosto enrugado. Pela idade, ela bem poderia ser minha avó.

Chegamos ao supermercado onde ela iria fazer suas compras do mês e comecei a me despedir com um abraço que ela sustentou, apertando-me os braços com ternura. Naquele estacionamento, ela orou por mim em voz alta e de uma maneira tão grata e amorosa que parti rumo ao trabalho com uma sensação de que a vida me trouxera até ali.

Assim que cheguei à reserva ambiental, encontrei-me com um dos arquitetos e começamos a falar sobre o trânsito, até que descrevi a ele o encontro com aquela senhora. Ele riu, comentando que já passara da fase em que uma velhinha conseguiria fazê-lo chorar.

Dias depois, ele mesmo entrou em minha sala apressado. Estava entre entusiasmado e comovido, pois no mesmo trajeto havia encontrado aquela velhinha e lhe oferecido uma carona até o ponto próximo ao seu destino. No caminho, ela fez perguntas sobre a vida dele e, de posse das respostas, começou a orar por todas elas em alto e bom som, ali mesmo na rodovia. A ironia é que, ao contar isso, ele também tinha lágrimas ativadas que denunciavam sua percepção de profundidade sobre esse momento especial.

Compreender a vida de uma pessoa que tem prazer em dar orações de presente não é algo fácil.

Desde aquele tempo, porém, acredito que encontros com velhinhas na estrada podem, literalmente, mudar o rumo de nossa vida.



Jardim de rosas é a fé de uma mulher e o lugar para onde ela pode ir em tempos de aflição ou êxtase. O aroma desse jardim é distribuído em gotas à família, aos amigos e a quem vai passando.

Cada vez que uma mulher suspira pela resposta, engolindo a própria incapacidade sobre o que fazer, está sendo chamada a orar. Cada vez que há um silêncio de gratidão ou uma saudade, significa que está sendo convidada a um encontro supremo.

Mulheres sedentas do amor profundo de Deus podem, nesse recanto e neste espaço de tempo, ler as palavras escritas na Bíblia e beber delas, para que inundem sua alma sequiosa.

As mulheres... ah, as mulheres!

Nelas foram desenhadas, desde o princípio, veias de rio. São passagem e paragem na estrada que vai às terras dos amigos e de outras famílias. A primeira mulher recebeu esse incrível caractere biológico. Uma herança genética de padrões geométricos sofisticados, e que nos torna capazes de decodificar a vida, foi o presente de Deus para nós.

Apesar das mutações históricas, a elegância de alma das mulheres continua levando cada uma de nós (quando desejamos) ao silêncio de um espírito quebrantado, onde véus são rompidos revelando o que é invisível. Por isso, abraçamos com naturalidade o sobrenatural.

Mulheres têm intuição, impressões, guardam imagens, desejam sondar e conectar polos dessas mesmas impressões, aprofundar o diálogo com quem as acompanha, ainda que a companhia relute em conversar.

A beleza das mulheres é a mesma que desce pela garganta da flor, pintada de modo rasgado em feminilidade até o ventre, em matizes de transparência rosa e lilás. Manter esse desenho e toda a geometria pensada depende de uma volta diária ao jardim do Criador, ao Éden resguardado no coração.

Mulheres amargas e engasgadas se ressentem das amputações da vida, golpeando quem as cerca com o mesmo ímpeto com que foram feridas. Somente a oração pode restaurar a alma genética que elas deveriam possuir.

Toda mulher precisa escolher um lugar onde não só ela, mas sua casa se encontre com Deus. Almofadas, Bíblias, devocionais, cânticos e ideias criativas podem tornar esse lugar um santuário com tributos gloriosos. Seu companheiro aprenderá, com o passar dos anos, a procurar o acalento desse refúgio que refresca o espírito. Seus filhos aprenderão a orar, tutorados pela condução materna ou paterna.

No momento em que decide que Deus é sua própria vida, o tempo que uma mulher reserva para essa amizade dirá muito sobre suas prioridades.

A modernidade tem uma vantagem que também se converte em uma séria questão: nos faz selecionar o item que desejamos e excluir o que não nos convém. Por isso, tantas mulheres optam por não orar. Selecionam a opção “não orar” usando a mesma lógica que sempre as acompanhou: o olhar mundano que decide o que tem utilidade palpável. Muitas desejam, porém, os excelentes resultados de uma vida de oração. No entanto, o terreno da espiritualidade não está à venda e não se submete.

É preciso parar, buscar e, principalmente, silenciar para ouvir Deus. É preciso estar submissa a um amor maior que não se curvará a agendas humanas.

Toda mulher deve dedicar seu melhor tempo diário a uma longa conversa com o Criador. Dizer que seu tempo de oração acontece somente enquanto faz outras coisas, como dirigir ou tomar banho, é como confessar que não compreende quem Deus é. Mas Deus nos diz em Sua Palavra: “Eu Sou” (Êx 3:14). Sem Ele, todo e qualquer fio de aspiração perde seu sentido.

Sua vida inteira precisa ser uma oração, mas sem a doação dessa hora inicial, desse momento mais valioso que todos os outros, não há o que ser feito em matéria de construção de uma vida integral e reta. Se você não tem uma vida de oração, um tempo de fé e meditação, um lugar para lançar seus temores com sinceridade, se não tem listas do que falar com Deus, expondo os segredos e situações das quais não tem controle, não é possível manter esperanças a respeito de qualquer forma real de sucesso.

Relembro a noite em que perguntei ao próprio Deus por que oramos.

A resposta veio na madrugada, em um sonho. Como se estivesse muito distante, enxerguei uma teia de luzes que cobria o planeta, com pontos de encontro iluminados. Havia também fios finos que, ao tocar nesses pontos, eram acesos vagarosamente. Deus me dizia algo lindo com aquela imagem. Compartilhava comigo que somos conectados ao nosso semelhante e que temos a opção de iluminar e abençoar uns aos outros enquanto oramos. A partir daquele dia, percebi como é especial o gesto de orar por alguém. Aprendi que o segredo da oração é o amor. Um Deus de amor não aceita palavras que não possuam conexão e afeto profundo.

Jesus foi extremamente sensível à dor das pessoas quando andou entre nós. Chorou, amou, envolveu-se com os problemas delas e as seguiu até suas casas, mudando suas vidas, doando a si mesmo por amor à humanidade. Essa é a chave para deixarmos de caminhar em círculos.

Deus não deseja que nossa minúcia o faça mais Deus. Ele quer simplesmente que participemos do milagre, compartilhando com Ele o dom sublime da criação. E não há como tornar compreensível tão imensa generosidade.

Queremos tanto que as situações se transformem em nossa vida, quando tantas vezes ignoramos os caminhos de milagre que o Mestre nos ensinou! Amar torna

possível orar e ambos são caminhos para impactar corações por meio de um poder acima de nossas forças.

Há dias em que ficamos presas à entrada do labirinto de contas, horários e compromissos, imaginando que poderia acontecer um milagre; que de uma hora para a outra as coisas poderiam mudar – nosso chefe, o trânsito, nosso endereço. Poderiam acontecer coisas mágicas, concluímos.

Uma armadilha destes tempos pretende confundir nossa mente quanto aos conceitos de fantasia e milagre. Milagres não são acontecimentos mágicos, mas atos voluntários nos quais a fé movimenta o mundo real; envolvem a vontade soberana de Deus e das pessoas. É possível que só esse conceito a faça desistir, mas uma vida de milagres diários é o que Deus deseja para nós.

Também não existe milagre sem um sonho. O primeiro leito de enfermidade que você precisa deixar é aquele que aprisiona seus sonhos e oferece posição inerte. A matéria do milagre é o sonho acalentado, amado, em uma gestação pessoal que envolve trabalho e criação. Sonhos são matrizes de gerar amor e fazer o bem.

Sonhos podem ser minúsculos ou imensos e todos cabem em orações, vindo a ser celeiros para sementes que irão gerar milagres. Muitos sonhos são plantados por Deus em nós para que vejamos com nossos próprios olhos sua transformação, desde a matéria-prima até uma beleza para ser tocada e sentida.

Em nossa família, nós construímos uma casa com varanda e um pomar e sonhávamos que os passarinhos viessem fazer seus ninhos. Começamos a orar por isso e, em certa época, passamos a avistar muitos ninhos. Foi um sonho pequenino, mas nós o entendemos como grande quando as crianças anunciaram a criação de um posto de salvamento de aves feridas.

Sonhe e ore profundamente por amizades maravilhosas e as terá; sonhe e ore por uma casa acolhedora e a verá nascer do coração de Deus e do papel; sonhe e clame pela mudança para sua cidade natal e um dia estará voltando, se esta for a vontade do Pai. Sonhe e ore de forma minuciosa e nunca pare.

A fé é um canteiro plantado por mãos de quem trabalhou duro e enfrentou o sol das circunstâncias para alcançar algo que não vê, mas que sabe que está ali, após as montanhas. É o diálogo simples com o vento, mas também é o desenho da espiral no interior da semente: é preciso olhar com surpresa cada nuance, irrigar os montes de terra, observando o arco-íris que a água faz. Esses rituais de fé e precisão,

transportados para nossas orações, nos farão ver um dia a glória do Senhor em nossas vidas.

A fé verdadeira nasce tanto da pausa quanto do movimento no meio do dia. Nossas orações são uma ceia para a qual o Senhor é o convidado. Pronunciadas à beira da pia, enquanto cortamos o tempero e cozinhamos o almoço, vão sendo aquecidas na panela do dia a dia. Enxugadas com o braço ou na manga das blusas, nossas lágrimas são recolhidas por Deus (Sl 56:8).

Há em nós vontades fúteis e passageiras, mas há também aquelas que têm raízes vivas e cheias de verdade. Nesse ponto, a expressão dessa vontade é algo de grande valor.

Leia sobre os milagres de Jesus e verá que Ele desejava ouvir o coração de seus seguidores (Mc 10:51; Jo 5:6). Embora soubesse exatamente o que iriam dizer, Ele teve prazer na expressão de seus sentimentos e na realização de seus sonhos.

Quando estamos orando por uma mudança que não está ao nosso alcance, a oração se transforma em gesto de humildade e dependência do Altíssimo. Uma palavra interessante para traduzir a oração é invocar. Ninguém invoca sem, primeiro, reconhecer que está em um ponto inferior.

Não existe milagre sem que isso signifique trabalho duro depois que o milagre vier. A dureza desse trabalho é provida também da mesma beleza que tem o fruto quando cai da árvore e fecunda a terra, doando suas sementes para gerar outra árvore. Precisamos morrer para o nosso egoísmo, deixar que nosso suor e nosso pensamento movimentem nossas mãos, para transmutar as coisas já sonhadas por meio da oração e do esforço.

Quando desejei voltar para o lar, para a minha essência, aconteceu algo especial. Eu disse a Deus que não pretendia mais viver uma vida superficial e expressei todos os meus sentimentos em longas horas de oração. Imaginava detalhes e os compartilhava com meu melhor Amigo, desabafando sobre as incoerências que assistia ao meu redor e as que sentia em meu interior. Fui falando sobre o quanto desejava pequenas alegrias.

Com o passar dos dias, Deus começou a me permitir viver situações nas quais poderia acompanhar meus filhos. Amizades antigas reapareceram e o sentimento de saudade me atravessou. Deus criou para mim uma nova agenda, com objetivos bem singelos como cuidar melhor de algumas plantas e visitar meus pais. É uma agenda

tão eficaz que, quando menos espero, estou cumprindo todas as responsabilidades sem o peso de um fardo. Nada, entretanto, me deixa mais surpresa que a habilidade do Senhor em modificar agendas. Há dias em que chego a receber telefonemas que adiam compromissos.

Minha esperança está posta na beleza do processo de alquimia, que nos leva a Deus e nos permite experimentar o viver transcendente.

Neste momento, por exemplo, estou orando pela sua vida.

Pela fé, posso ver uma mulher que vai procurando a tranquilidade que existe na primeira hora da manhã, antes que todos acordem, quando os sons do dia lá fora são os de latidos de cães e cantos de pássaros. Essa mulher sabe que acordar mais cedo para estar em oração conduz ao milagre quântico da economia de muitas horas de angústia.

Perto da poltrona que separou para as orações, há um cesto, onde deixa repousar seus livros e nomes de pessoas. Posso ver quando começa a recitar devagar a gratidão por tantas alegrias. Agradece pelo dente de leite da filha e pela cura de um parente. Enquanto fala, esse lugar vai se tornando sagrado e abençoado. Consigo ver a luz que vai cercando tudo.

Um Deus amigo, que guarda cada detalhe de sua infância e contabiliza com lamento os dias tristes dessa mulher, está bem ali ao lado, mas ela ainda não pôde notar. Ele a viu ontem quando foi impaciente com o trabalhador de rua, enquanto estacionava o carro; registrou seu olhar de crítica à caligrafia do filho ainda imaturo. Ele a observa agora e vai acariciando seus cabelos de um modo que ela, inexplicavelmente, começa a sentir. Essa mulher vai reavendo o coração bondoso e a capacidade de superar, de aprender com suas próprias falhas.

Nesses minutos da manhã silenciosa, palavras que saíam lentas dos lábios vão brotando da rocha tocada pelo Pai (Êx 17:6). Essas palavras irão, aos poucos, transformar-se em uma torrente que carrega as dores e umedece a terra dos ideais. Gotas de paz vão lavando a alma e encharcando as sementes.

Os lábios, aos poucos, confessarão ao Espírito Santo a incapacidade de compreender as palavras da Bíblia e esse lindo Conselheiro irá assoprar seus mistérios.

Enfim, virá o silêncio tão desejado.

O silêncio humano pode significar ausência e desprezo, mas o que dizer desse silêncio que há no tempo de oração? Ele espalha respostas ao longo do dia, em surpresas enviadas do céu a cada momento preciso.

Orar é como encontrar um oásis em meio ao barulho do mundo e banhar-se em suas águas puras, secretamente. Começamos a perceber a hora da oração como um delicioso e desejado encontro. Talvez sejam necessárias manhãs adicionais para conversar e escutar, escutar, escutar. Este é o encontro de amor que antecede todos os outros e que torna as demais experiências realmente eternas.

É assim que se volta ao lar e à essência, que é o ponto de partida e também o porto de chegada.

E, finalmente, a vida passa a ter sentido.

[...] OLHAI
PARA OS LÍRIOS DO CAMPO,
COMO ELES CRESCEM,
NÃO TRABALHAM, NEM FIAM.
E EU VOS DIGO QUE NEM MESMO SALOMÃO,
EM TODA A SUA GLÓRIA, SE VESTIU
COMO QUALQUER DELES.

(Mt 6:28,29)

Volte à simplicidade...

Adélia me explicou, antes de girar a chave, que aquele era um apartamento antigo, bastante amplo, mas com um só quarto.

Quando entrei, fui abraçada por suas filhas, que herdaram da mãe os olhos amendoados, de um castanho quase verde.

Ela me convidou a sentar no colchão que fazia as vezes de sofá, coberto com uma manta artesanal. Encostei entre as almofadas e apreciei a visão da janela grande, que exibia uma árvore com galhos e folhinhas que encostavam na vidraça.

De um aparelho de som veio a música que misturava instrumentos naturais aos clássicos. Sons de cítara e flauta encheram o ar.

Adélia foi até a cozinha preparar um chá. Ela tinha conseguido um ramalhete de hortelã e estava feliz por isso. Conversamos sobre seus pais, seu trabalho como educadora e antropóloga e sobre um livro que estava lendo naquelas semanas. Ela também me falou sobre o quanto vinha lutando para manter os valores humanos no coração de suas meninas, às quais criava sozinha desde a separação.

Entre risinhos, as três me trouxeram uma bandeja forrada com primor. Dentro dela havia uma chaleira, geleia caseira e um prato decorado, com biscoitos de gergelim. Sentadas no colchão, admiramos o piso antigo. O desenho dos nós da madeira em vários tons era bonito à luz da tarde.

O armário da sala vinha acompanhando a infância das meninas e estava guardando louças descasadas que contavam histórias.

Depois do chá, fomos até o quarto, onde desenhos escolares enfeitavam as paredes. A filha mais jovem se dispôs a dançar para nós, usando um vestido bordado no peito.

Chegou a hora de ir embora e, já no térreo, fui convidada a conhecer algumas pedras secretas, escondidas ao pé da árvore grande, e a observar o musgo e as samambaias que

nasciam no tronco. Essas samambaias ainda povoam nossas lembranças sobre aquela tarde inesquecível.



“Fui à floresta porque queria viver profundamente e sugar a essência da vida! Eliminar tudo o que não era vida. E, não, ao morrer, descobrir que não vivi”. As palavras de Henry David Thoreau, em sua autobiografia *Walden – A Vida nos Bosques* (Ed. Antígona, 1854), são como o mergulho em um rio limpo.

Thoreau nasceu em 1817, no interior dos Estados Unidos. Tomar conta das vacas, na propriedade da família, fez com que ele apreciasse os campos. Esse amor se tornou evidente enquanto trabalhava com o naturalista suíço Louis Agassiz, coletando espécies na região em que morava, em Concord, Massachusetts.

Na adolescência, já interessado em uma vida mais profunda e verdadeira, integrou um grupo que se chamava “Os Transcendentalistas”, coordenado pelo famoso escritor e poeta Emerson. Era extremamente interessado na lógica que envolvia as situações, por isso não aceitava o modo de pensar materialista e burguês da maioria de seus contemporâneos. Thoreau, como nós, estava cansado.

Uma formação em Literatura Clássica e Línguas só tornou mais nítida sua visão de mundo e sua exigência pessoal por verdade e poesia. Ele fundou com seu irmão uma escola cujos métodos de ensino incluíam passeios no campo e aboliam os castigos físicos, ideias não muito bem-aceitas pelos pais dos alunos.

O sempre insatisfeito Thoreau passou a visitar aldeias indígenas, à procura de um lugar para experimentar a vida simples, que já habitava o terreno das possibilidades. No entanto, decidir viver nas proximidades de um lago, apenas com o necessário, ajudou a fazer nascer um movimento que chegou até nossos tempos e que se chama *simplicidade voluntária*.

Às margens do lago Walden, em uma área emprestada, ele construiu uma casinha com porão, para onde levou poucas roupas e livros. Plantava e colhia para comer e trocava alimentos por outros gêneros. Lá, ele escreveu *Walden, A vida nos bosques*, que inclui filosofia, crítica social e observações sobre ser vizinho de pássaros.

Ao longo de uma vida em que foi se tornando poeta, naturalista, ensaísta e ativista, Thoreau dedicou-se, entre outras coisas, a analisar os efeitos negativos de uma sociedade capitalista na natureza e no espírito do homem e a combater o que entendeu como uma doença social.

Como Thoreau, descobri que ir à floresta e sugar a essência da vida é mais do que estar por um tempo perto da natureza. É escolher quem você quer ser hoje mesmo, sem esperar que se passem décadas para fazer isso.

Como perdi precocemente alguns amigos, sei que planos como aposentar-se e viver perto do mar podem acabar sendo uma linda ilusão. Na verdade, as pessoas temem e adiam as mudanças, planejando para daqui a muito tempo uma vida diferente e que talvez nunca aconteça, muitas vezes porque não têm coragem de optar pelo agora.

Eu escolhi minha própria Walden. E fiz algumas dessas escolhas com minha família, pensando naquilo que cabe em nossas histórias, respeitando valores que nos são caros e dispensando alguns dos formatos impostos.

Essa Walden não é apenas um lugar, mas o encontro de vários. Certamente, é também a fuga de alguns.

Não quero excesso de bagagem nem uma vida complicada, por isso fui mudando tudo ao meu redor e aceitando a mudança que Deus promovia em meu interior.

Assim, minha floresta é feita hoje de momentos excepcionais junto a meu marido e filhos, da atenção àqueles que me cercam e do resguardar deste templo pessoal, ao som de orações que iniciam a cada dia.

Desde o canteiro de ervas na floreira da janela aos dias para ir à feira, há situações que me colocam diante da vida que sonhei. Cozinho sentindo os sabores, ouvindo música clássica e paro todas as coisas quando outra mais importante cruza o meu caminho. Treino meu olhar para captar o instante. Aquilo que importa pode significar um bebê sorrindo no supermercado ou a brotação das jabuticabeiras.

Uma igreja viva e verdadeira, que reúne pessoas de todas as idades por ideais de amor, também é parte da Walden que vive em mim. Lá compartilhamos momentos de adoração, gargalhadas e almoços de domingo temperados por amigos. A igreja é um lugar de encontro genuíno e democrática distribuição de amor. Ali, continuo aprendendo sobre tolerância e bondade.

Hoje conserto mais as coisas do que compro novas. Não quero o item atualizado do mercado e não estou contribuindo para o acúmulo de lixo no mundo. Faço arte com minhas próprias mãos e tenho o prazer de entregar pães e potes de geleia que preparamos juntos em embrulhos graciosamente improvisados.

Vivemos com menos e isso permite o descanso, porque fomos reduzindo a lista de credores, eliminando vantagens oferecidas pelo mercado financeiro e caindo em menos armadilhas.

Descobrimos maravilhas na pilha de usados, esquecida pela humanidade. Leia-se por pilha as vendas de garagem, sites, antiquários, bricabraques e feiras de rua. Eis minha receita de como encontrar lindas telas pintadas à mão, livros pelos quais não se tem que pagar caro e pessoas que falam de certo objeto contando como o adquiriram. Você não vai a esses lugares para entulhar sua casa; vai em busca do que está realmente faltando: um banco de jardim, uma lixadeira, um vestido de festa...

Desde o momento em que você inaugura um objeto, ele se torna usado. Então, não faz sentido obter determinados produtos apenas pelo preço de etiqueta, especialmente se entendermos que aquilo que possui boa qualidade ficará como novo se for bem cuidado.

Também quero falar da comida típica encontrada na rua, em charmosas barracas, veículos e pequenos bistrôs. Ela pode ser tão atraente quanto a que você encontraria no restaurante da moda e propiciar uma experiência autêntica sobre a realidade dos moradores de um lugar.

Ir à floresta é afastar a futilidade do seu pensamento; na verdade, treinar esse mesmo pensamento na direção daquilo que é intenso, avaliando necessidades reais. Sugiro que deixe passar um tempo entre o desejo e a procura pelo que deseja. Aliás, proponha-se diferenciar a exata distância entre necessidade e desejo, percebendo que o necessário preenche e o desejo egoísta esvazia. Lembre-se de que Jesus afirmou que nos daria sempre o necessário para viver (Mt 6:25-32).

Acima de tudo, como fez Thoreau, cabe uma pergunta sobre o que é vida para você.

Ao me fazer essa mesma pergunta, descobri que entendia por vida andar com Deus, resgatar valores, estar perto das pessoas que amo, trabalhar em um legado, honrar meus pais, captar delicadezas, cuidar do meu corpo, ter à mesa alimentos saudáveis e experimentar sabores, ler bons livros, fazer viagens intuitivas, ouvir e

tocar músicas inspiradoras, criar coisas com minhas próprias mãos, ver bons filmes e ter a natureza ao alcance dos meus cinco sentidos.

Entre as coisas materiais, listei nosso lar com seu jardim e quintal, e uma decoração feita de boas memórias. Conferi ponto a ponto e fiz algumas orações para compreender o que havia deixado para trás. É claro que existem outras escolhas das quais não me lembro agora, mas repensar o que é valioso me fez eliminar o excesso.

Se acredito na riqueza que há na simplicidade, deixo de gastar tempo diante de vitrines, pulo os canais que não produzam crescimento interior, descarto alguns destinos turísticos, compro apenas complementos de que necessito, busco alimentos frescos em feiras e outros lugares próximos, paro muitas vezes para falar com amigos, e assim por diante.

Outro dia fui com uma amiga olhar um aparador clássico, que ela desejava comprar para sua casa. Na visita, a senhora que o vendia apontou para outra mesa, bem esculpida e sólida, que ficaria perfeita em qualquer ambiente. Naquele momento, achamos que seria boa ideia ficarmos com o par. Ao chegar em casa, porém, me permiti uma atitude vencedora: disse à minha amiga que aquele era realmente um belo móvel, mas que minha casa já estava repleta de móveis especiais, não havendo lugar para uma peça que eu considerava bonita demais para terminar escondida em algum canto.

Ela se mostrou surpresa e até levemente desapontada com a mudança que viu em mim, pois já contava com meu estímulo e empolgação para comprar. No entanto, acredito que o processo inteiro foi precioso para nós duas e deixa claro quem me tornei: alguém que resiste a impulsos que não são saudáveis para sua família e suas finanças; uma pessoa que não quer mais viver para as coisas, mas deseja que as coisas tragam vida melhor às pessoas.

Pode ser que meu coração eventualmente volte àquela mesa, assim como a moça que viu um rapaz na estação de trem, mas carregar coisas na memória é bem menos pesado que levá-las de um canto a outro de nossas vidas.

Quando não cuidamos daquilo que temos e nem mesmo lembramos por que adquirimos, um objeto começa a representar acúmulo. Como as coisas existem para dar felicidade e honra às pessoas, cabe a nós criar momentos que sejam capazes de transmitir essa honra, primeiramente por meio de nossos atos.

A verdade é que o mundo está cheio desses objetos sem função. As casas exibem aparelhos de jantar nos quais ninguém pode cear e coleções de livros resguardados de manchas de dedos, que são visitadas apenas pela poeira. A prática decadente da ostentação, aliás, avança para dentro de armários e cristaleiras e ganha a declaração do dono de que alguns objetos não serão, mesmo, usados.

Toda mulher consciente deve separar um tempo para repensar suas escolhas materiais. Meu conselho é que esse tempo não extrapole o suficiente para dar novo destino a cada objeto. Perde o sentido viver uma vida inteira decidindo o que fazer com algo que não tem vida. As coisas, na verdade, ganham vida quando as colocamos ao lado daquilo que tem alma: o jarro existe para as flores, como as toalhas para os convivas.

Essa máxima pode ser aplicada às atividades que realizamos e que não fazem mais sentido em nossa existência. Muitas mulheres prosseguem aceitando todos os convites que possam alavancar seu *status* ou torná-las simpáticas a outras pessoas. Sacrificam tempo precioso ao lado de quem amam e não preveem que essa atitude mantém Deus fora de suas portas. Há lugares aonde se pode ir apenas para constar e até amigos com os quais não ocorre um aprofundamento mútuo e edificação.

Quando deixaremos encontros superficiais para ir em direção aos mais esperados?

Talvez você tenha dito que deseja realmente uma vida simples. E se tivesse que descalçar os sapatos e correr na grama com uma criança? Estaria pronta para ouvir a cadência da voz envelhecida de seus pais? Abriria mão de uma caixa de chás importados pelo simples sabor da erva plantada? São fundamentais os cartões de crédito em sua carteira e os cursos adicionais que pretende fazer? Uma última pergunta: seu ego não está exigindo complementos e multiplicando opções aleatórias que se confundem entre as reais prioridades?

Fomos criadas para viver com tempo de qualidade, assim como uma borboleta que sobrevoa os jardins e tem encontros que polinizam beleza.

Na verdade, viver com menos é permitir-se respirar.

Mas, e quanto às outras formas de vida que estão sob nossos cuidados? Toda vida disposta ao redor de nós existe para e pelo amor e depende de nossa atenção e cuidado para existir em plenitude.

Por ordem do próprio Deus (Gn 2), a natureza não serve somente aos propósitos do ser humano (e incluam-se aqui os de usufruir e ostentar). A natureza vive da

troca e de atenção a pequenos detalhes poéticos. A desatenção é que causa o desequilíbrio, a poda sem piedade e as temporadas graciosas sem espectadores. É a ganância o principal motor de destruição, que começa quando não há amor, quando são transportadas sementes cuja origem, de fato, não interessa. Espécies assim são úteis apenas para compor o paisagismo morto, para contrastar com o que é literalmente concreto, exibindo qualquer função plástica. É a vida que não multiplica, não alegra – lógica morta que não supõe o motivo pelo qual surgem doenças e tristezas.

Árvores, arbustos, forrações e flores são um convite para que a vida flua intensamente e para que a apreciemos e cuidemos dela, como nos foi ordenado desde o princípio (Gn 2:15). Deus nunca precisou do homem para fazer brotar flores e alimentar fungos e insetos, mas decidiu honrá-lo com a possibilidade de um amor que interage.

O esteta parece sempre preocupado que a árvore sirva como um enfeite de sua casa, mas despreza as folhas que caem e sujam seu gramado. Para fugir à vida, não se senta na relva e nem nota o musgo, o cogumelo que cresce, o passarinho que se banha na fonte, a revoada de borboletas.

Há animais criados somente para defender propriedades. Passam dias inteiros enclausurados nos apartamentos e casas dos donos, que só chegam e saem. Um amigo nos contou sobre um homem vaidoso em uma enorme casa impecável, pavimentada com mármore, onde criava dois grandes cães de raça oriental. Os cães estavam com o pelo embaraçado e ganiam por atenção. Seu dono lhes dava ração e um arremedo de afago que, diante da súplica dos bichos, podia transformar-se em um safanão e em porta fechada.

Na verdade, somos presenteadas com vida. Animais, plantas e recordações também são o nosso lar. Assim como todo o conjunto de objetos preciosos com os quais tornamos essa vida mais bela.

Muito mais proveito há em possuir poucos objetos queridos que diversos que nada nos dizem. Muito mais valor existe em ter uma agenda sucinta, que nos permita fazer o que realmente tem valor, que sermos pessoas que exalam pressa e com as quais não se pode conversar.

Quando apinhamos casa e agenda, passamos a ser prisioneiros de uma carruagem desgovernada, onde entramos por conta própria. Saltar de dentro para fora de uma

vida vazia é um ato de coragem. Não podemos nos permitir esperar para dar esse salto, acreditando que os espaços de trabalho, horários ou expectativas irão mudar. Somos nós que temos que levar para a mesa a plantinha, a foto do filho, a frase especial, pedir licença e sair no horário para encontrar tudo o que faz sentido.

Thoreau e eu encontramos nossa Walden. E, agora, me leve até sua floresta.

OS TEUS OLHOS VIRAM O MEU CORPO
AINDA INFORME, E NO TEU LIVRO
TODAS ESTAS COISAS FORAM
ESCRITAS, AS QUAIS IAM SENDO
DIA A DIA FORMADAS, QUANDO NEM
AINDA UMA DELAS HAVIA.

(Sl 139:16)

Volte a si mesma...

*M*inha tia era uma mulher da terra e, por ser pequena, chamada desde sempre de Mariazinha. Era casada havia mais de três décadas com um pastor que amava o campo e vinha todas as semanas de bicicleta àqueles rincões. Por causa disso, dizíamos que ele pertencia à linhagem dos “pastores de bicicleta”, homens apaixonados por ajudar o semelhante e apaziguar suas dores com sacolas de frutas do pé e doses do Evangelho.

Fui com ela, andando devagar em direção à velha porteira. Minha tia era uma mulher de poucas palavras, que decidira ficar e fazer daquela região seu lar.

A porteira da minha infância estava lá, pendendo para o lado em que eu me pendurei um dia, para avistar os pés de buriti, em uma época em que a tia não era mais que uma mocinha. Ela ficara órfã de mãe, aos cuidados de um pai exigente que, com relutância, a entregara em casamento ao rapaz que tinha somente uma casa feita de pau a pique, na fazenda distante dali.

Quantas vezes havíamos esperado o ônibus naquela estrada poeirenta, feita de vento e árvores retorcidas! Subíamos da fazenda à porteira, a tia, eu, a mãe, os primos e minha avó, já com as pernas arqueadas. Meu avô estava sempre cultivando a roça para quando chegássemos, pois queria que tivéssemos o frescor da mandioca saindo da terra macia, o líquido da cana descendo pelo pescoço e a água do ribeirão livre de tocos e palmas.

Minha tia foi uma das noras a morar sempre perto. Nas noites pouco enlustradas, caminhou à frente dos cultos no sertão, candeieiro nas mãos afeitas à lavagem de roupas nas pedras dos rios, decidida, silenciada pelas lutas agrestes.

Três filhos lhe nasceram na casa pouco maior que uma choupana, chão batido, bancos de madeira. Ela os criara perto daquelas águas, onde havia o pé de buriti que diziam ser a morada de uma sucuri. Ensinara cada um a defender-se, a juntar uma vassoura de palha, a polir panelas com areia, a fazer sabão de coada, a cuidar de galinhas e porcos.

Chegamos ao quintal onde essas galinhas ganharam nomes, no qual tantas vezes os mamões faziam a nossa festa debaixo dos pés esguios e de sombra miúda, onde eu e ela fizemos menção de brincar, separadas em seguida pela autoridade natural, hierarquia incontestada.

O córrego fino já quase não tinha água, mas reconheci o barranco onde me sentava e acolhia peixinhos na barra da saia, por indicação da tia, que fora menina pouco antes de mim. Ela testemunhou os carões que ganhei de minha avó por perder as panelas, levadas pela correnteza.

Fomos descendo junto à cerca de arame e avistando a casa velha dos avós. Já perto, vimos que a parede cheia de fuligem parecia a mesma e as janelas ainda rangiam. Ali, a tia vira seus filhos crescendo junto à oficina de farinha, buscando o balanço das redes no final do dia. Agora, os velhos estavam mortos e os olhos dela ganhavam um arqueado de tristeza ao entrar naquela casa.

Do lado de fora da parede, uma roseira descendia da mesma raiz daquelas que minha avó tanto amara. Fui caminhando devagar até tocar no fogão a lenha, com a tia atrás de mim, até que senti seu abraço. Não sei se era a primeira vez que ela me abraçava, porque sua bondade me fizera sentir esse afeto ao longo de toda a minha infância. Sei que ficamos ali paradas, recebendo o consolo daquelas paredes de barro que se mantinham de pé e ainda guardavam o cheiro de fumaça dos velhos tempos.



Era uma menina de tranças, que passava as férias com os avós e assistia a filmes vespertinos, sentindo-me parecida com outras meninas risonhas que via na tela. Podia estar feliz com um pão aquecido e uma caneca de leite.

Poucas décadas se foram, mas meu nível de exigência sobre uma tarde perfeita havia me levado até o ponto em que me encontrava.

Circulava em um estacionamento lotado com o carro que ainda estava pagando. Era grata pelo emprego e dava o meu melhor, mas a vida tinha que ser mais que prestações e vagas em um lugar visível, próximo a uma reunião agendada. O gasto de atenção e tempo nessa tarefa simples já superava o que eu investia em meus relacionamentos pessoais ao longo de todo aquele dia.

Desci em cima de um buraco no chão, fugindo dele para salvar o salto, o que fez meus pés doerem. Caminhei um bom pedaço sob árvores lindas que gostaria de poder tocar. Ia em direção a compromissos com pessoas que se lembrariam vagamente de mim dali a semanas, tendo apagado minha imagem da memória em alguns meses. Não desgostava delas e tentei ver, por detrás do rosto de cada uma, que pais seriam. Então, as imaginei em um almoço de domingo.

Eu trabalhava em uma reserva ecológica e aquela reunião fazia parte de um dos projetos políticos que acompanhávamos. Na época em que me candidatei àquele emprego, levando meu currículo e a esperança de encontrar paz junto à natureza, pedi a Deus um sinal. Quando voltava da entrevista, pela trilha, um veado parou em frente ao jipe e me encarou por um bom tempo. Entendi que todo o propósito da minha caminhada como jornalista me levava até ali para aprender novas lições, que viriam nos anos seguintes. Naquele emprego, eu teria mais tempo para os meus filhos, mas ainda era menos do que meu coração sonhava.

Na reserva, atrás de qualquer velho birô, era possível encontrar gente idealista. Havia uma mulher que costurava folhas e flores desidratadas com tons de limão e mate em papéis artesanais, movimentando com beleza os dedos experientes. Todos os dias nos traziam músicos e gente ligada à ecologia humana e suas maravilhosas utopias. Da minha janela, via a ilustradora botânica com seu chapéu e os lápis aquarelados, procurando o melhor ângulo para visualizar a curva de um talo. Para educar crianças, professores vendavam seus olhos e conduziam suas mãos por entre as plantinhas do jardim de cheiros até o universo dos perfumes que adormeciam o olfato. No meio do dia, canções de índios e de tribos urbanas vinham da mata, chegando à pequena casinha branca que me servia de escritório.

Tamanha felicidade estava sempre em contraste com um sentimento coletivo de angústia diante de uma realidade crua: havia tanto trabalho a ser feito que nunca conseguíamos captar com justiça todas as frações de beleza, pois éramos poucos para uma demanda que se renovava muito mais depressa que nossa capacidade. Os diálogos políticos iam dos corredores administrativos às trilhas, obrigando todos nós a uma submissão baseada na espera por leis que ficavam sempre no fim da fila de projetos. As reuniões sobre esses assuntos se repetiam, como em um ciclo, e não conseguíamos identificar o ponto de recomeço.

Desenvolvi o hábito de acumular impaciência diante de qualquer novo projeto que suplantasse outro, que nem mesmo tinha começado a brotar. Lamentava que velhos e crianças não fossem os principais donos das trilhas e que seu espaço, criado pelo próprio Deus, fosse sempre usurpado por prioridades políticas e burguesas. Achava que qualquer pesquisa científica precisava ser mostrada e saboreada com deslumbramento, mas quase todo o registro encantador terminava guardado em armários herméticos, sob códigos burocráticos que exigiam protocolos.

Os elementos bonitos continuavam lá, porém alguma coisa estava errada e eu ia descobrindo o que era. Nossas intenções e esforços eram sinceros, mas faltava um sentido integral, que nos interligasse. Eu pressentia a ausência da chancela divina aos procedimentos inerentes àquele trabalho, como um todo. A pequena herança que estávamos deixando poderia preencher alguns parágrafos de um livro qualquer a ser esquecido sobre a estante. Mesmo as equipes que se sucediam esqueciam, em minutos, a caminhada dos grupos anteriores. Não existia uma conexão profunda e clara entre o que sempre houve e o que estávamos fazendo. Mesmo que a matéria-prima do nosso trabalho fosse a obra do próprio Deus, isso nunca ficava absolutamente claro. Eu, pessoalmente, considerava isso um golpe de pretensão humana: desejar preservar algo ignorando sua verdadeira fonte.

Embora eu tentasse me consolar todos os dias lembrando da bondade de muitos companheiros, percebia que os ambientalistas eram pilhas de nervos, guerreiros assolados por toda espécie de ansiedade. Eram corações desejosos do melhor, mas não conseguiam mudar o mundo como desejavam. Todo o registro de seu idealismo parecia curto e fugaz. A paixão que habitava aquelas mentes mambembes também lançava faíscas do ego de uns contra os outros, em debates que não findavam. Eu me perguntava se era para isso que estávamos dando nossas vidas.

Minhas orações me levaram a entender que só havia uma Esperança (1Ts 1:3) verdadeira para o mundo. A Esperança já havia sido enviada a uma cruz (Cl 1:27) para morrer por homens que a rejeitavam, por isso a natureza sentia dores de parto e os homens sofriam dessa maneira, tentando recuperar o irrecuperável. O respeito pela natureza e pelo outro vinha sendo extinto e Jesus era nossa única salvação. Compreendi que Sua promessa de renovo era tudo de que o mundo precisava (Rm 8:19-23), mas também era o que os homens não queriam.

Nos próximos meses em meu trabalho, senti como se escamas tivessem caído dos meus olhos, e eu pude ver que alguns dos ideais nos quais acreditava não estavam entre as prioridades cotidianas. Lembro-me de observar que a visita de um índio e seu desejo de expressão eram um fato insignificante diante do verniz ensebado das relações com diplomatas. Também me lembro de descobrir bordadeiras que reproduziam em pontos a história natural e ver que eram constantemente ignoradas. Trabalhei em um documentário sobre velhinhos que moravam perto dos campos de soja e cuja saudade da paisagem original quase se podia tocar com os dedos, porém praticamente ninguém quis ir até lá.

A docilidade do encontro com o animal na trilha ia sendo penhorada em favor de uma crescente pressão por metas, eventos e datas. Com meu olhar aterrado, constatei que me sentia trabalhando em corredores burocráticos cujas paredes eram troncos de árvores. O bucolismo, o sopro da brisa e a tranquilidade entre os homens só existiam em minha imaginação.

O cheiro das cascas tortuosas e aquecidas pelo sol entrava pelo vidro do carro enquanto eu dirigia até minha casa, em uma daquelas tardes nas quais teria que voltar ao serviço. Sem nenhum aviso, lágrimas grossas começaram a saltar em meu rosto. Temi que algum conhecido, nas paradas de ônibus próximas ou em um carro na estrada, pudesse me ver e coloquei óculos escuros. Dirigi um pouco até que a névoa das lágrimas embaçasse completamente o caminho. Então parei no acostamento.

Pensei nos meus filhos e na correria do preparo dos lanches. Lembrei-me das mãos macias que teimavam em agarrar as minhas pernas na despedida diária. Seus olhos gritavam que era cedo para ir à creche, à escolinha. Não poderíamos ficar juntos um pouco mais? Caíram no meu colo, na massa de recordações, as refeições engolidas às pressas e as poucas palavras trocadas com meus pais, que envelheciam, entre um turno de serviço e uma ida ao supermercado. Minha mente passeou nos cômodos da casa dos nossos sonhos, construída detalhe a detalhe e fechada dia após dia, teias de aranha nos cantos das varandas. Lembrei que nunca mais havia visitado meus tios e as antigas paisagens.

Essas imagens me fizeram mergulhar em busca do meu próprio coração naquela tarde. Eu o encontrei emperrado pela ferrugem. Havia conquistado tudo, até mesmo a cadeira giratória em uma sala só minha, mas a sabedoria e a espiritualidade,

a pausa e a intimidade nas relações me faltavam como o chão. Telefones e horários marcados pesavam sobre a poesia, mas a culpa não era das pessoas que me cercavam.

Eu simplesmente tinha de confessar: quando havia tomado meu último banho de chuva? Por que fazia tantos discursos sobre equilíbrio ambiental, quando a falta de harmonia começava em mim? De que me serviam modelos diferentes de agendas, se estava acumulando tantos afazeres debaixo de uma capa que encobria as minhas prioridades? O choro convulso na solidão do acostamento foi o primeiro de muitos em dias difíceis de confronto com algumas verdades.

Decidi fazer algo completamente alheio ao tipo de mundo que escolhera, onde o idealismo humano estava acima do chamado divino: liguei desmarcando um compromisso. Só então fui para casa. Sem saber, eu estava voltando para uma casa essencial, voltando para mim mesma.

Agora, escrevendo uma carta para você, como já não se faz há muito tempo, vejo como foi difícil deixar tantos hábitos lá atrás. Eu venci, agarrada com tenacidade às mãos de Cristo, e espero que você também se deixe salvar por Ele. Este livro é uma ode à sua própria esperança por dias melhores que estão vindo por sobre as ondas.

Tente enxergar, além das letras impressas, um manuscrito cuidadoso, uma caligrafia como as que ilustram mapas. Fiz os primeiros apontamentos deste diálogo à mão, em uma caderneta que começava a mofar na gaveta e que ganhei do meu marido, como um presente que apontava para dias melhores. A capa tem estampas de rosas e passarinhos que víamos antigamente nas ilustrações científicas. Usar essa caderneta foi minha primeira tentativa perceptível de retomar as práticas e os valores que perdi pelo caminho.

Enquanto voltava para casa, notei a sombra das árvores passando pela minha pele. Abri os dedos na tentativa de captar toda a sutileza e uma essência viva declarada em todas as coisas. Comecei a reparar no vento leve balançando as cortinas das casas, nos cachorros latindo nos quintais e no suor na testa da mulher que vendia lanches na esquina.

Uma hora depois, eu estava sentada perto de um canteiro de cebolinhas no quintal, movimentando-me para a frente e para trás, sentindo impotência e frustração. A expressão de desapontada sobrecarga não só escondia o lindo bordado que deveria ser minha vida, como cobria minha história com alinhavos feios e mal-acabados.

Eu me ressentia de haver deixado as coisas pequeninas que nos fazem tão sensíveis e delicadas. Relembrava a mim mesma como eu já havia sido, deitada no escuro, olhos repletos de expectativa e ouvidos cheios de música. Notas de lavanda que só eu sentia enchiam minhas noites. A menina sensível e a moça sonhadora haviam dado lugar a uma mulher com dificuldade de reconhecer seus próprios sentimentos a respeito do mundo.

Naquela manhã eu comecei a orar, entregando minhas angústias. Comecei dizendo algo sobre me sentir longe dos planos de Deus, expressando o medo de perder a admiração de todos, inclusive dos meus filhos, ainda pequenos. Disse a Ele que desejava dar orgulho aos meus pais, marido, amigos, e ser uma referência. Mas não sabia onde, exatamente, a linha tênue dividia meu idealismo da vaidade e da fome por apreciação e admiração. Não sabia o que Deus pensava da minha busca, embora me lembrasse vagamente do texto sagrado que, em minha cabeceira empoeirada, me assoprava delicadamente: “Tudo é vaidade” (Ec 1:2).

Nos dias que se seguiram, eu não pude deixar transparecer nada disso, pois seria tachada, de modo silencioso, de desequilibrada. Em uma sociedade que se especializou no olhar crítico, você não confessa que está infeliz consigo mesma. A verdade é que o rosto das pessoas esconde frustrações que só aparecem quando as portas estão trancadas e todo mundo foi embora.

O que você teria dito a mim se, nesse tempo, eu lhe tivesse confessado que tudo o que queria era achar um pouco de paz e um abraço sem pressa? Como as pessoas a quem revelei que ia desistir de tudo, você me chamaria de louca. E eu nunca estivera em tão sã consciência.

Quando você decide voltar ao lar, às suas origens e abandonar todas as pequenas coisas que estão lhe fazendo tão mal, para resguardar e apreciar outras que já conhece tão bem porque são suas, Deus já está esperando.

Eu não deixei meu emprego logo nos anos seguintes, mas abandonei hábitos que considerava grilhões da minha vida.

Enquanto orava todos os dias e me tornava uma pessoa mais simples, fui abrindo mão da necessidade consumista e vaidosa, desejando passar mais tempo com meu marido e filhos, resgatando aquele ímpeto de fazer uma nova receita e colhendo cada solução que Deus me enviava. Fui reconstruindo minha identidade como mulher.

No entanto, haveria muitos degraus pela frente na minha trajetória de volta ao lar essencial.

Como acontecia com as árvores do Cerrado, percorri meu caminho até descobrir que havia outra vida debaixo das cascas grossas que o tempo foi sobrepondo. Era um caminho para me questionar sobre meus valores e dons e sobre quanto amor justificava tatear pela resposta, que foi surgindo como as borboletas azuis que alçavam voo por aquelas trilhas.

Estava tendo mais um dia de trabalho intenso, quando olhei com um suspiro para fora da janela. Vendo a beleza de um ipê que florescia, concluí que nunca teria tempo para desfrutar daquela sombra.

À noite, em casa, sentei diante da escrivaninha que colocara no meu quarto com o propósito de tornar-me uma escritora. A mãozinha de minha filha dançava em um dos puxadores. Eu estava fazendo as pazes com minha capacidade de contemplar e fiquei olhando seus cachos. Imaginei que ela devia carregar muitas respostas naquela cabecinha ansiosa por brincar, pois o próprio Jesus já havia dito que das crianças é o Reino dos céus.

Foi nesse momento que ela retirou da gaveta uma caixinha. Era ali que eu guardava a caneta-tinteiro e a caderneta que meu marido me dera, havia anos. Com olhos límpidos, ela se voltou para mim e me pediu que lhe ensinasse a usar aquilo, que mais parecia um brinquedo.

Foi então que tudo mudou e, desde esse dia, nunca mais parei de escrever.

PORQUE EIS
QUE PASSOU O INVERNO:
A CHUVA CESSOU, E SE FOI.
APARECEM AS FLORES NA TERRA,
O TEMPO DE CANTAR CHEGA [...]

(Ct 2:11,12)

Volte à delicadeza...

Sentada em um banquinho, alfinetes na boca, testa franzida, ela firmava os olhos para buscar detalhes.

Mulher de bonitos traços aquela, com seus cabelos curtos e selvagens ao redor do rosto inteligente. Seu currículo relatava uma formação na universidade, além de manhãs e tardes nos escritórios do centro.

Sua arte e o caminho dentro de si passavam pela delicadeza. Enquanto apertava cada ponto, ia pensando nas mudanças que queria fazer em casa, para colocar qualquer coisa graciosa à vista de todos. E se emendavam assim o trabalho e a vida, ponto por ponto.

Os dedos sem esmalte percorriam a barra do vestido de noiva. A saia leve de renda em flor de laranjeira era aplicada com bordados fartos. Ela buscava tornar aquele vestido um manto de alegria para quem o usasse. Suas mãos exalavam graça e tinha certeza do quanto era valioso o que fazia. Toda ela, aliás, era certeza.

Uma carreira de pérolas pequeninas a obrigava a desafiar a gravidade, equilibrada na metade do banquinho. Ficou de pé e deu alguns passos para ver de longe.

Não. Ainda não estava bom. Tinha uma nesga em um dos lados e precisava de um tule leve sobre os contornos laterais.

No dia em que decidiu abrir seu próprio atelier e aproveitar as matérias do curso de Moda, seus conhecidos acharam modesta a ideia.

Somente a mãe concordara completamente, lembrando-se de quando ela era menina e fazia vestidos de noiva para as bonecas nuas. A mãe a conhecia e queria ver encerrado o ciclo de busca a que a filha se lançara, havia quase uma década.

E, agora, Laura celebrava mais uma manhã, entre tafetás e vidrinhos de pedrarias. As noivas aguardavam seus lugares na fila de espera pelos vestidos, com muita antecedência.

Laura se ria da gente que tentava dar nomes pomposos à sua profissão! Flor de laranjeira, bordado francês, tons para capelas à luz de fim de tarde... tudo estava ali, presente nos vestidos que eram, para ela, sonho. Um jornalista até lhe perguntou onde aprendera a criar modelos como aqueles, que contavam histórias.

Laura meneou a cabeça e respondeu:

— Nasci costureira.



O termo “lar” deriva do latim *lare* e significa “parte da cozinha onde se acende o fogo”. Daí também temos a origem da palavra *lareira*, simbolizando o fogo em torno do qual a família se reunia desde o mundo mais remoto, e aí havia calor e intimidade.

As mulheres, porém, nunca se contentaram em dar apenas esses elementos às famílias. Tem sempre que haver um jarro de flor, uma rendinha presa, um arremate qualquer. As mulheres sempre foram assim, reunindo nas cozinhas de casa outras pessoas além dos familiares. Indo e vindo com iguarias maceradas nos almofarizes, pratos para comer com os olhos.

Pontos de bordado foram sempre repassados em riscos sobre papel branco e carbono. Os lençóis alvos, com figuras de cogumelos e patinhos costurados em crivo, eram estendidos nas camas, limpos e perfumados. As cores das flores eram temas das almofadas espalhadas pelos cômodos. Essas mulheres também tomavam distância para olhar com orgulho seu feito. Umas molduras com pregos nas extremidades iam dando morada à lã, numa espécie de tela que ficava firme e servia para almofadas e tapetes.

As mulheres tinham em seus jardins bougainvilleas, dalias, rosas e outras plantas que a modernidade determinou que fossem separadas das demais, sem igual acréscimo de poesia à nova estética. E, assim, já não se plantam jardins como aqueles. Samambaias jogavam pencas, antúrios com seus talos em riste iam disputando caminho com folhas novas que faziam cócegas em quem passava. Tinham também, entre suas coleções, umas florzinhas em arbustos, capazes de atrair olhar

desatento; florzinhas que requeriam elogios do povo da calçada, pedidos de mudas plantadas em latas.

De geração em geração, muito acima da opressão ao seu redor, cada mulher dessas representava um grande ventre de generosidade e figurinhas cálidas, azulejos e flores em fileiras, que carregavam aqui e acolá.

Transmutadas pelas circunstâncias, essas detentoras eternas do bem-fazer amamentaram seus filhos e minha imaginação, tornando bonito meu mundo. Da hora em que o galo cantava até quando o último filho adormecia, estiveram sempre empenhadas em enfeitar as coisas e as circunstâncias.

Cecília Meireles deu de presente à humanidade a crônica *Casas Amáveis*, publicada em muitos idiomas, antologias e edições. Ao longo do texto, ela nos leva a passear em residências de outros tempos, na infinidade de detalhes que se distribuíam desde átrios até os quintais. Alpendres e espaços iluminados pelo sol nos convidam através das palavras da escritora. Cecília vem nos dizer da alma perdida das casas. Ela nos convoca a refletir sobre o que é imortal e o que é passageiro, sobre o que ficou gravado em nossa mente e aquilo que não tem esse poder.

Marina Colasanti também nos deu outro presente de consciência que se chama *Eu sei, mas não devia*, igualmente publicado e redistribuído em doses saborosas de genialidade. A escritora nos fala sobre morarmos em lugares que vão ficando cada vez mais obscurecidos pela falta de beleza e afeto e de quando nos acomodamos à repetitiva monotonia das obrigações. Descreve com fartura de recursos a perda de identidade dentro dos espaços, hábitos e residências humanas.

Procure ler esses dois presentes e reflita, perguntando-se que tipo de lar você tem mantido sob seus cuidados. Esse é o meu convite à criação de algo totalmente novo, aprazível e tocante.

Esse novo olhar irá permitir que a vida circule e se renove em todas as direções. A possibilidade do alimento, da gargalhada, da fusão entre real e imaginário em cada cômodo e recanto estará sujeita à existência de mãos que farão de tudo para alcançar olhares, mentes e corações.

Não importa de quanto espaço disponha, haverá sempre um estímulo a imaginar que cada ponto de parada é um recanto que possa atrair quem passe por ali. Não corra atrás de grandes somas para tornar sua casa um lar. Mas não meça esforços para

conseguir fazer isso com sensibilidade e ousadia de quem empurra um móvel daqui para ali, de quem abraça novos inventos entre maços de papel e pano.

Cinco sentidos são as portas para a nossa alma, abertas pela generosidade de Deus. Cômodo, móvel e parede terão de ser mais que matéria para alcançar esses sentidos. Tire da gaveta fotografias, mantas e bandejas que sirvam à conveniência natural. Cada objeto pode dar boas-vindas a quem chega e evitar que uma pessoa transite sem ter o que ver e viver, o que guardar e lembrar.

Cabe a toda mulher o resgate das refeições juntos, tantas vezes quantas for possível. A mesa será lugar de experimento de agridoces e ervas, de se contar como foi o dia e de se rir muito, sem economia de boas trocas em todos os sentidos. A passagem de um prato deve ser mais do que o hábito velho de servir comida. Deixe subir os perfumes e o tilintar de talheres.

A música tem de vir das cabeceiras e janelinhas, seja em sinos de vento, som de rede balançando, seja entremeada de silêncio pacífico.

Olhos vivos de amigos e filhos vão se encontrar com a arte e sinais de sabedoria dispostos nas estantes. Palavras manuscritas e cortadores de biscoito dentro das gavetas lembrarão que as datas estão chegando.

Certa vez meu marido me deu um pequeno porta-joias, réplica de uma cômoda antiga. Pinturas barrocas, puxadores delicados e quinas em dourado fazem da peça uma relíquia. Eu guardei esse presente até que nossos filhos o tiraram do armário. Passaram a reunir em suas gavetinhas tesouros que eles encontram por aí. Miçangas, pedras que se soltaram de anéis e outras maravilhas estão misturadas ali a velhos colares de pérolas e moedas antigas. Abrir essas minigavetas nos leva de volta a lugares por onde viajamos, ao passo que broches com suas flores de pedra engastadas conduzem o trajeto.

Essa peça, que decora nossa sala, nos lembra com que alegria cada um deles veio do quintal para dentro de casa trazendo em suas mãos sujas de terra um novo tesouro encontrado!

[...] EU VIM PARA
QUE TENHAM VIDA [...]

(Jo 10:10)

Volte a uma vida plena...

Já era noite quando, enfim, decidi que uma exposição seria a melhor despedida para Alzira. Eu não sei como me envolvera tanto, mas o fato é que os pertences de Alzira estavam guardados no depósito da minha casa e a cremação seria no dia seguinte.

Com sua presença, Alzira ainda desfilava diante de mim, o rosto quase indígena de quem trabalhava demarcando terras, por feliz ironia. Ela quis, mesmo, por toda a sua vida, ajudar os índios, mas um câncer de útero pôs freio a esses planos.

Sua voz, do outro lado da linha, parecia alegre demais quando ela me contou que o médico havia retirado um grande mioma e enviado para análise. Era uma mulher inteligente e devia estar negando as situações que a preocupavam. Continuou usando um tom idêntico quando, meses depois, me disse que não era um mioma, mas um câncer do qual não havia mais sinais. A voz de Deus insistia dentro de mim que um tumor tão grande assim não iria deixá-la em paz. E foi o que aconteceu.

No ano seguinte, Alzira faria 40 anos. Estava construindo uma casa com tijolos ecológicos e painéis de garrafas coloridas que tinha colecionado durante a década anterior. Entre os pertences no meu depósito, constavam a enciclopédia em italiano, uma espagueteira e material orgânico para fazer papel artesanal. Cascas de cebola estavam misturadas a retroses e novelos de algodão cru, dentro das caixas.

Para os tapetes de tear, ela elegera fios de cores propositadamente lindas. Iria uni-los no final da trama imaginada, não sem o esforço de coordenar os pedais e mover os braços energicamente. Devagar e depressa, devagar e depressa — cantava a madeira.

Ainda no hospital, eu a consolei pela perda de um mestrado e de uma viagem iminente à Austrália. Alzira completava mentalmente a lista do que lamentar e balbuciou poucas palavras sobre não ter tido uma família só sua, já que nunca se casara. Não lhe faltou expressar a

gratidão a um Deus que estava limpando suas mágoas. Ela partiu em uma madrugada, após ter pedido que recitássemos o Salmo 23.

Dias depois, eu estava atendendo à voz amável que, em meu interior, me dizia o que fazer com as coisas de Alzira.

No lugar onde trabalhávamos havia um centro de visitantes, com paredes brancas e grandes portas de madeira maciça. As meadas de algodão cru poderiam marcar o caminho até as folhas secas e papéis artesanais que contariam sua vida em textos. Pregadas às paredes, conduziriam ainda ao seu tear e aos tapetes que descansavam dentro de um cesto e depois àquelas linhas de cores que nunca mais encontrei juntas.

Cada imagem em sépia acompanharia uma frase, um trecho de história, uma poesia que ela amava e os instrumentos de demarcação, os quais carregou até o fim (cadernos, mapas e lentes).

E foi assim a exposição sobre a história daquela querida pesquisadora, uma das vidas mais plenas que conheci.

Houve uma cerimônia curta em que o vento de fim de tarde tentava carregar suas cinzas e propagar o canto de sua mãe. Parecia um canto caiapó, feito de lamento e religiosidade.

O canto fere até hoje meu coração.



Este réquiem sugere com amor que você não desperdice nenhum som, nenhuma sinfonia que aguarda.

Quando tantos apelos impedem a volta da plenitude, uma canção soa dizendo: “Não escute!”. Os inconvenientes chamados do mundo vão se dissipar assim que você deixar de atender a cada um deles, como faz o lacaio na direção do falso clamor tirano.

Em meio ao trânsito, atropelando e sendo atropeladas, não nos damos conta de quando foi o último tempo que separamos para nós. Mas o começo de uma mudança de vida pode vir de uma simples pausa para o café.

Um tipo de anestesia precede a cegueira das coisas sensíveis e de fato necessárias. Anestesiadas prosseguem tantas mulheres, soterradas pela histeria coletiva, pela luz artificial de lugares em que são apenas um número.

Se houver pausa, porém, o olho voltará a ver.

Após tantos anos de concessão subserviente a uma vida sem muita fertilidade, a mente poderá cobrar o preço do hábito e lutar contra o direito de parar. No entanto, essas mentiras satânicas podem ser desarticuladas pelo poder de Deus.

Temos direito à pausa, à chuva, aos pássaros.

Temos direito a aquecer a mão de outra pessoa com calor humano.

E vamos começar a fazer isso muitas vezes, dizendo não ao que obstrui o caminho da pausa. Como o próprio Deus, vamos saborear aquilo que fizemos e ver como é bom. O movimento não virá de impulsos, mas de reflexão.

Depois do primeiro, o próximo passo consciente.

O silêncio entre a ação e a calma dirá se devemos ou não retomar o que estávamos fazendo.

Toda pausa é, ainda, um antídoto contra o exagero. Porque às vezes procuraremos a verdade no que acabamos de fazer, vamos prosseguir vivamente, e não como máquinas.

Os primeiros filmes de ficção científica previam um mundo cibernético e a substituição do homem por andróides. Mas não foi isso que aconteceu. Uma arquitetura maligna trabalha para automatizar almas, o que é bem pior.

Quando buscamos a vida plena, uma nova senda nos aguarda. Como meninos felizes por pular as ondas e encontrar as conchas, vamos degustar e nos alegrar.

Essa é a vida que vem de Deus!

Se estivermos atentas aos seus preceitos, nossos instrumentos não serão suficientes para colher com alegria o fruto de cada dia. Cesto e amassadeira (Dt 28:5) ficarão gastos pelo esforço de ajuntar toda a provisão de alegria que virá do céu (Êx 16:5).

Benditas serão nossas horas, e profusamente bem aproveitadas. Não estaremos tentando pisar o passado e planejar o futuro, mas presentes e vivendo com intensidade o que nos é proposto. A linha de nossa experiência conduzirá à cadência do fuso de toda a história, com fios de cores que se combinam.

Salomão descreve sua busca por riquezas (Ec 2) e sabedoria a um só tempo em que percorreu os pátios extensos, conferindo detalhes. Jardins de espécies raras e toda forma de arte eram o seu cenário. Mestres da gastronomia lhe apresentaram pratos com especiarias trazidas de longe e seus costureiros utilizaram ouro e

pedrarias. Torres erguidas com sândalo e outras madeiras nobres testemunharam a glória do seu reino. Açudes regavam o bosque e deixaram estupefata a orgulhosa rainha de Sabá (1Rs 10:1-13).

Salomão, porém, não parece impressionado por seus próprios feitos (Ec 2:11). Ele relata sua história apenas como introdução para o tema que centraliza sua paixão e cada palavra que escreveu: Deus e Seus preceitos (Ec 12). Cada palavra sua nos ensina que existe um tipo de sabedoria muito diferente da inteligência comum. A resposta que encontrou arremata os textos apontando para o temor a Deus (Ec 12:13). Salomão sentencia que os momentos com a pessoa amada e uma vida plena são caminhos escolhidos por Deus para a felicidade neste mundo (Ec 9:9). Os textos escritos por Salomão parecem nos convidar a uma avaliação de nossa vida.

Eu me lembro dos dias de faxina em nossa casa quando eu era menina. Não tenho saudade dos tempos em que se usava escovão para obter brilho dos pisos de cimento frio e nem do óleo de peroba impregnado nos dedos, mas guardo, entre as lembranças nítidas desses dias, a sensação final de ter feito algo bom. Era também latente o sentimento de fazer algo para o todo, uma marca que até as crianças compreendiam claramente. Dávamos banho nos cachorros, ajudávamos a lavar o carro, íamos à feira com os avós, fazíamos companhia e também batíamos a massa do bolo.

De igual maneira, minha mãe sempre nos permitia experimentar um pouco da comida que estava preparando e parecia bastante frustrada quando havia sal a mais ou temperos verdes a menos. Era comum ver que sua testa ficava enrugada também quando percebia que uma costura não havia ficado tão perfeita quanto imaginara e a vi várias vezes desmanchar pontos pelo mesmo motivo – nessas ocasiões eu sempre protestava, pensando no trabalho cansativo que ela teria para bordar tudo de novo. Minha mãe gostava de conferir seu trabalho e ver que o que tinha feito era bom. Ela se sentia plena com algumas dessas realizações.

Uma breve conversa com minha mãe me fez entender perfeitamente por que mudamos tanto em relação ao sentimento de plenitude. Perguntei a ela como tinha sido viver sem tantos equipamentos modernos para facilitar a vida. Ela sentenciou que hoje há muitos aparelhos, mas também há muita vaidade e que isso, sim, é desgastante.

Era um traço da geração de nossos pais e avós terminar uma tarde com o campo arado, sementes plantadas, raízes arrancadas e a boa sensação de plenitude. Meus pais sempre preferiam fazer tudo de novo se o mingau empelotava ou se um reboco de parede começava a cair. Não eram só perfeccionistas, mas representantes de uma geração que ia mais lentamente que a nossa e mais interessada nos resultados a longo prazo.

Depois que decidimos voltar ao lar essencial e à prática da oração, precisamos identificar os sinais dessa plenitude ou, ao menos, a ausência desses sinais, em tudo o que fazemos.

Viver plenamente é conseguir aproveitar com sabedoria cada instante, buscando desfrutar a vida, eternizar os resultados de nossas atividades e o elo de cada relacionamento que temos.

Pessoas que vivem plenamente possuem a consciência de que não pertencem somente a esta vida, mas que vieram de uma explosão de rara beleza que as fez nascer para propósitos infinitos. Situações incompreensíveis também irão contribuir no todo que é a obra de arte da vida até que esta se torne plena.

Mulheres com uma vida plena começam a reordenar suas escolhas pela parte prática da vida. Elas buscam não somente para si mesmas, mas para as pessoas ao seu redor, uma melhora gradativa em todos os âmbitos.

A maturidade de uma mulher se revela também na maneira como ela se alimenta. A busca de itens saudáveis, com menos toxinas e suplementos industriais para enriquecer a alimentação da família, demonstra isso. A mulher consciente de seu papel quanto à plenitude pessoal e da família está sempre procurando caminhos que conduzam à saúde integral. Pode ser que uma mulher revele isso estando empenhada em eliminar medicamentos em excesso e voltar à escolha pela saúde preventiva.

Uma mulher que simplesmente vai “levando” a vida não se importará de parar em qualquer *fast-food* ou loja de conveniência e abarrotar a sacola com o que sabe que trará prejuízos ao corpo. Por outro lado, quando o nível de consciência sobre o seu valor e de seu semelhante começa a se elevar, mesmo que não possa pagar mais caro por produtos orgânicos, começará uma busca dentro de suas possibilidades.

Um texto bíblico nos alerta para a importância da procura. A mulher sábia de Provérbios é comparada a um navio mercante, que traz de longe aquilo que pode fazer bem a si e aos que ela ama (Pv 31:14).

Ninguém que viva plenamente faz um bolo apenas por fazer ou sintoniza uma rádio por sintonizar. A vida como um todo precisa fazer sentido e falar a outros homens e mulheres de um amor mais imponente, que use como canal as obras humanas.

Escolhas pessoais como não poluir o planeta, trabalhar com dignidade, gastar o dinheiro com sensatez, dar exemplos construtivos aos filhos e esposo têm seu alicerce fincado nesta certeza.

Acima de tudo, viver uma vida abundante significa esmiuçar seus pertences e seus sonhos em busca de uma linha clara que conduza ao plano original de Deus.

ENCHEU-OS DE SABEDORIA
DO CORAÇÃO, PARA FAZER TODA OBRA DE
MESTRE, E A MAIS ENGENHOSA, E A DO
GRAVADOR, EM PANO AZUL, E EM PÚRPURA,
E EM CARMESIM, E EM LINHO FINO,
E DO TECELÃO [...]

(Êx 35:35)

Volte a criar...

*A*res de lar, era o que tinha aquele restaurante. Desde a primeira vez em que vi o painel de vidro e as plantas na floreira, quis entrar e escolher uma das cadeiras de ferro fundido para me sentar. Logo atrás dessas cadeiras, havia uma estante enorme, que lembrava um velho armário de despensa. Era onde eles enfileiravam pacotes de biscoitos e rapaduras cheirando a canela.

De dentro da cozinha, lá atrás do balcão, saía dona Netinha, a senhora de cabelos curtos e grisalhos, usando um avental e dando ordens por entre gestos de faça isso ou aquilo. Ela não chegava a ser uma matrona, porque havia humor em suas palavras. Na verdade, parecia uma mãe em sua casa, e isso me fez gostar mais ainda do lugar.

Eu pedia sempre à moça do balcão um salgado de queijo e frango desfiado, que eles chamavam de “pão da vovó”. Com surpresa, descobri um tempero que também faria parte da minha história. Fui aprendendo a admirar o capricho embutido no fazer desses doces, biscoitos e outras iguarias.

Dona Netinha era a alma por trás daquilo tudo.

Tinha falado ao arquiteto que queria uma casa para servir seus clientes, um cantinho pintado à mão, cortinas e tudo o que um lar tivesse; as filhas davam sugestões de como adaptar seu gosto às propostas da modernidade. Para agradá-la, o arquiteto foi atrás de ladrilhos hidráulicos de verdade. Ganhou de sua boca uma alegre exclamação de “que beleza!”, assim que instalou as peças. Aquilo era quase tão bonito quanto o chão de tijolos encerados das casas que ela deixou no interior, quando decidiu ganhar a vida numa cidade onde tudo era novo.

Naquele tempo, tinha em seu domínio a casa, os filhos, o fogão a lenha e os tachos quentes com doce fresco. Netinha, além do mais, era uma espécie de botica ambulante. Sabia remédio para falta de apetite, compressa que aliviava unheiro e mantinha estoque de mastruço para

combater lombrigas. Sua casa vivia cheia de cunhadas, sobrinhos, agregados e aparentados que vinham das roças e povoados. O marido era um homem taciturno e trabalhador.

Não havia quem não lhe reconhecesse os dons, porque costurava as coisas mais lindas para as filhas e almofadas que rendiam elogios. Seus potes de doce carregavam sempre um enfeite ou outro. Era dito entre as comadres que Netinha nascera para as artes de casa e da vida.

E agora, estava ela ali, em uma das muitas lojas que abrira com a cara e a coragem, vendendo seus doces e pregadores de roupa enfeitados com fuxico. Tinha vindo para a grande capital e suas ideias fervilhavam, como sempre.



Quando dona Netinha morreu, ficou silencioso também o movimento diário de receitas que ela inventava e testava ali naquele balcão. A gente continuou achando o pedaço de broa, uma laranjinha glaçada para experimentar. Os filhos mantiveram tudo muito parecido, mas manter a inspiração é diferente de dar à luz uma ideia.

Outra de muitas Marias, minha avó, também era assim, fazedeira de coisas, como se diz no interior. Aproveitava sacas de armazenar grãos, que alvejava para dar a cada banda um bico de crochê. O pano alvejado e bordado era colocado como forro sobre a talha que continha sempre água fresca e um prato com copos de alumínio que brilhavam, mostrando o rosto de quem ia beber. A lição do capricho criativo ficou espelhada dentro de nós.

A despensa de minha avó tinha o teto baixo e umas latas bonitas com mulherezinhas pintadas. Guardava-se ali o polvilho, o café moído em casa, ao lado de grandes vasilhas com carne mergulhada em banha e farinha tostada por suas mãos magras. Quando chegavam os netos, era uma festa de criatividade o que se via naquele fogão a lenha. Ingredientes comuns eram transformados em receitas que ainda me dão água na boca.

Minha avó dava nome às suas galinhas e tinha sempre um bolo ou brevidades, em algum lugar, para oferecer a quem chegasse. De manhã cedinho ela me entregava um balde de zinco e me convidava para um passeio até sua horta, que era o lugar mais lindo de todos. Ficava à beira de um riacho, após um morro. Ainda consigo escutar

o som da alça do balde que dançava em sua mão. Chegar à horta e molhar cada broto verde que saltava da terra preta era rever as gotinhas aninhadas nas folhas das alfaces maiores. Espiar o que a avó inventava convertia o serviço em passeio. Ela plantava os canteiros de modo que ficassem coloridos, com molduras de hortaliças.

Suas filhas aprenderam com ela a transformar em lar uma casa, a partir do que pudessem criar, ainda que tivessem pouco. Passavam o dia cantando, conversando, pondo no molho e para quavar as roupas, compartilhando o cuidado dos filhos. Quavar era ensaboar com sabão em barra um tecido e deixá-lo ao sol, para que o calor amolecesse a sujeira incrustada, já que não existiam os produtos de agora.

Além de quavar, tinham aprendido trabalhos que habitam em palavras perdidas: casear e alinhar; marinar e glaçar.

Essas damas econômicas me ensinaram muito sobre criar qualquer coisa.

Durante o dia, estavam sempre intrigadas com alguma fórmula. Podiam guardar e aproveitar sementes, cascas e talos dos alimentos. “Veja o que fiz com a casca de banana!” – dizia uma. Não sem que outra tivesse suas artes para mostrar.

Das panelas saía um perfume que reunia qualquer coisa que viesse das feiras. E a feira era sempre o paraíso dessas mulheres, com a eterna exposição de objetos simples em alumínio batido, que iam servir de travessa para qualquer coisa magnífica. A criatividade as visitava todos os dias quando tinham de multiplicar o cozido e receber toda aquela gente que vinha para comer. Frutas nunca envelheciam sem que fossem transformadas em um doce ou uma torta. Uma compota podia arrancar interjeições, mas quase tudo o que faziam lançava as palavras em um balde vazio. Aquelas eram mulheres admiráveis!

Firmes com os filhos e duras quando necessário, corrigiam com a criatividade das frases curtas e secas, em tempos de pouca ousadia para crianças. Sabedoria sem diplomas e diplomacia sem títulos. Esvaziavam e nos davam latas de conserva com as quais fazíamos cozinhados de brincadeirainha. Inventavam roupinhas para os corpos de plástico duro de nossas bonecas; com os retalhos de suas costuras faziam vestidos longos de festa. Nós, os filhos, ostentávamos roupa limpa e cheirosa e não saíamos pela porta sem aquelas mãos nos futucando as orelhas, apalpando e ajeitando tudo, procurando soluções para renovar o que fosse possível.

Mulheres como dona Netinha, dona Maria e suas filhas jogam poucas coisas fora e compram menos. Mas o mundo quer manter a você e a mim longe da amizade dessas

damas, estabelecendo a mentalidade do descarte, que contrasta com a antiga dificuldade de comprar as coisas. A morte da criatividade se dá quando uma mulher é convencida a ser feliz ao comprar, e não ao criar.

As novas mulheres vão sendo ensinadas a conquistar, sem o necessário treinamento para a disciplina e a responsabilidade de manter aquilo que conquistaram, e sem muito amar o que lhes foi dado. Isso tem ocorrido com objetos, veículos, gente, projetos, viagens. Por esse motivo, o apóstolo Paulo nos advertiu sobre os perigos da nossa vontade e sobre o quanto devemos submeter nosso querer ao querer de Deus (Rm 12:1-2).

O Criador planejou que também criássemos para doar, nos permitindo aprender com a Trindade a beleza de servir. Aqui também começamos nossa volta ao lar, no ponto em que você decide ser ou não a construtora de sua própria felicidade e aguarda com alegria as tarefas criativas.

O principal discurso de muitas das mulheres de nosso tempo é que nossas antecessoras dispunham de dias inteiros para criar. A estas, porém, cabia o trabalho de lavar e passar, realizar faxinas e cozinhar, entre outros afazeres. Nem sempre beneficiadas pela cooperação de seus maridos, responsabilizavam-se integralmente por todos os serviços de casa e eram, assim como nós, mulheres corajosas.

Toda a coragem que a tem conduzido às conquistas acadêmicas e profissionais, a investir atenção e dinheiro, pode ser combustível para retomar o caminho criativo. Essa força motriz direcionada às prioridades certas permitirá uma organização sábia do seu tempo. Permitir-se criar é, antes de tudo, uma homenagem que toda mulher que luta pode fazer a si mesma.

Ao orar, devemos pedir ao Pai que resgate nossa verdadeira personalidade, elevando nossos olhos ao propósito grande para o qual nos comissionou.

É a beleza que criamos com nossas mãos que transforma rotina em vida.

ONDE ESTAVAS TU QUANDO
EU FUNDAVA A TERRA?
FAZE-MO SABER, SE TENS INTELIGÊNCIA.
QUEM LHE PÔS AS MEDIDAS, SE É QUE O SABES?
OU QUEM ESTENDEU SOBRE ELA O CORDEL?
SOBRE QUE ESTÃO FUNDADAS AS SUAS BASES,
OU QUEM ASSENTOU A SUA PEDRA DE ESQUINA,
QUANDO AS ESTRELAS DA ALVA JUNTAS
ALEGREMENTE CANTAVAM, E TODOS
OS FILHOS DE DEUS REJUBILAVAM?

(Jó 38:4-7)

Volte à poesia...

Karol nunca foi como as moças da sua idade. Ela usa vestidos vaporosos e suas mãos leves contam histórias de todos os continentes. Eu a vi com uma bolsa que minha avó poderia ter usado, descendo o corredor da igreja, sem se importar com o que pensavam suas amigas.

Foi engraçado saber que uma moça de 19 anos comemorava sua admissão em um curso de francês com algum conteúdo medieval. Isso combina também com os livros encadernados que carrega debaixo do braço. Tão à frente do seu tempo, como pertencente a todos os tempos, ela me desafia.

O inusitado é que seus olhos veem o menor filamento de beleza em tudo e ela não teme dançar enquanto canta lentamente, usando um batom cor de coral que faz seus lábios parecerem uma flor.

Karol pode se interessar tanto por poesia de vanguarda, como pelos versos de Yeats ou Quintana.

Sentada comigo na cozinha, ela comenta o bambu desenhado no prato de bolo e a nuvem tingida pelo sol. Apresenta-me um novo cantor e recita o que ele disse revirando os olhos, agradecida de que haja quem possa pôr em palavras os seus pensamentos.

Eu já a vi andar descalça para sentir algumas texturas e saborear com os dedos um pedaço de pão, buscando seu gosto original.

Eu a ouvi descrever a beleza de sua mãe com palavras extraídas dos clássicos, como se fossem ditas todos os dias nas ruas.

No entanto, quando Karol diz salmos em suas orações, até os acentos ganham luz.



magino as crianças no balanço, rindo até perder o fôlego. Eu as imagino apertadas abaixo do meu queixo e sinto o cheiro do sol que trouxeram. Abro os olhos e vejo da janela pequena uma réstia de verde, bem longe.

Descubro que conceder pedaços de mim é morrer aos poucos. Então, evito assuntos meramente mortais que circulam nas rodas da tarde. Velhos temas são embrulhados com laços mesquinhos e cada vez mais dourados.

O emaranhado exato quer fazer morrer a liberdade. Fujo da clausura das avenidas largas para ruelas que detêm recônditos de serenidade. Tapo a boca das filosofias baratas e implanto histórias sinceras em cima de seu vazio.

O caminho no túnel de *souvenirs* pedirá a alma de quem passa ao preço dos pares de sapato que se possa comprar. Desfaça o traçado finíssimo de sua vida e receberá como paga farrapos copiados, diz a propaganda do mundo, com rosto maquiado de branco. Palavras feitas de pecados lustrosos anunciam o espaço, onde se pode cair. Mas nosso próprio sonho sobrevive intacto e ainda há tempo de abraçá-lo.

Não quero uma vida comum. As festas de meus filhos que crescem, eu as quero com bandeirolas e sutilezas em tudo. Quero que as quinas das mesas comportem marchetarias e curvas que embeveçam todos os dias.

Espero uma simplicidade com aroma de macela.

Preciso olhar o rosa-chá no céu das coisas, a avenca tenra, a porcelana azul do vaso recostado à hera.

Para trás os corredores cinza-linho de impessoal soberba, impregnados de cheiro de papel sem alma. Que fujam de mim as sombras burocráticas e erráticas cercadas por garrafas de café velho. Que corram espantados esses olhos sobre jornais empilhados e pastas de lombadas quietas!

Meus pés caminharão para os quintais.

Terei agora meu cesto de bordados e linhas com nomes de açafão, coral, jade e plúmbeo. Pousarei o cesto sobre alguma pedra para ir aspirar o cheiro de lençol limpo no varal. Desenharei o que ninguém, ainda, fez.

Espero para encadernar livros com panos afetivos, receber beijos de bocas lambuzadas de horas felizes e molhar meu pé na água que sai da mangueira.

Não tenho tempo.

É hora de ir vigiar um doce no tacho, antes que a chuva molhe as mudas plantadas. Quero o privilégio de amamentar a vida.

Tenho um computador que me levará a lugares sombreados. Em sua linguagem, a seu modo, novos tempos também ensinam um fazer sem pretensão. Nas anotações virtuais vejo cardápios, itinerários alternativos de uma mulher que quer ser mulher outra vez, em uma experiência de famílias que crescem rosadas, em agitada comunhão.

Umas mudam para o campo e dispensam as comodidades de hotelaria. Outras viajam pelo mundo alugando apartamentos para todos e contam sobre ter fome de minimalismo.

Em algum momento, essas mulheres do mundo todo dispensaram as migalhas da vida automática e são agradecidas pelo que recebem, usando seus ganhos financeiros para multiplicar coisas que flutuam sobre as tabelas.

O novo papel inclui o respeito às limitações.

Mulheres não querem mais carregar o pesado fardo da ordem apenas pela ordem. Precisam dividir com companheiros amigáveis a lista grande do que fazer. Não desejam o fim de suas perspectivas atrás de pilhas de pratos ou papéis. Decidiram viver com satisfação.

Já posso imaginar um trabalho que gere mais que sustento material, mesas postas e crianças ensinadas a honrar pais e avós.

Posso visitar, agora mesmo, essas hortas que andam renascendo.

JESUS, POIS,
QUANDO A VIU CHORAR
E TAMBÉM CHORANDO
OS JUDEUS QUE COM ELA VINHAM,
MOVEU-SE MUITO EM ESPÍRITO,
E PERTURBOU-SE.

(Jo 11:33)

Volte a sentir...

*T*odas as vezes que eu passava por aquela rua, olhava o primeiro andar do prédio baixo, perto da alameda, antes da pista. Marilanda, com certeza, ainda morava ali. Eu gostaria de poder ouvir a sua voz.

Nunca conseguia explicar o motivo de não conversarmos há quase dois anos. Eu tinha seu telefone em alguma velha agenda rabiscada, mas não andava encontrando nem mesmo a mim no espelho.

Marilanda era simplesmente a mulher mais jovem que já conheci, do alto de seus mais de setenta anos. A joia preciosa de sua amizade tinha chegado às minhas mãos quinze anos antes, quando trabalhei em uma escola pública. Nós fazíamos um intervalo entre as tarefas, quando também era o recreio das crianças. Na sala de professores, aquela mulher se destacava entre todas as outras e tinha sempre algo fantástico a compartilhar. As colegas faziam um círculo do qual eu queria participar. Quanto mais eu ouvia, mais queria sorver cada palavra sábia ou engraçada que ela pronunciava.

Suas afirmações vinham para virar às avessas nossos conceitos e nos fazer engasgar com biscoitos cobertos com patê. Ela surpreendia dizendo que, após quarenta anos de casamento, dormir abraçados era menos importante que ter a liberdade de discordar. Eu anotava as receitas com que Marilanda recebia os filhos já adultos, e que podiam estar em qualquer livro. Sua gargalhada me pedia minutos a mais de atenção ao rosto singular.

Seus quatro filhos, a senhora que ajudou a criá-los, um marido inteligente e obstinado e, agora, os netos, constituíam seu universo e eram fonte de seus discursos eloquentes. Permitir que meus olhos a vissem de perto naquele apartamento foi outro presente que recebi, assim como uma caixa coberta com tecido, onde ela mandou bordar o meu nome. Tenho guardado o livro de devocionais que chegou pelo correio, uns anos depois, como convite de suas bodas, estampando na capa sua distinta elegância, ao lado do marido.

Revirei caixas guardadas para encontrar, com alegria, seu número entre outros rabiscados. Digitei cada tecla com seu sorriso na memória, constrangida pelo descuido. Não esperei muitos toques para ouvir do outro lado aquela voz tão familiar. Era óbvia a emoção que nós duas sentimos enquanto contamos sobre a procura de números e endereços, mandando pelos outros recados que se perderam. Marilanda me falou da bênção que significava para ela nossa amizade e, de um momento para outro, silenciou.

Notei que estava chorando. Um choro longo e que me fez sentir muita tristeza por mim e por ela. Primeiro imaginei que minha falta de zelo a tivesse entristecido, até intuir que alguma coisa grave estava dentro daquele choro, que foi se tornando intenso e dolorido.

Após vários minutos e tentativas de retomar a respiração, ela me deu a notícia: Áurea, sua filha amada, que tinha o coração limpo como uma pedra transparente e grandes olhos doces, havia partido após uma cansativa batalha contra o câncer. Aurinha, como a chamávamos, tinha estado comigo na minha primeira gravidez, e me trouxera sapatinhos tricotados. Nas muitas vezes em que me encontrei com a filha da amiga, era impossível não notar sua incapacidade de lidar com um mundo onde havia tanta desatenção. Era nítido, também, seu desejo de amar a Deus e servi-lo, sem nunca concretizar todas as coisas com que seus olhos sonhavam.

Uma cantiga feita de saudades e dor perpassa todas as coisas quando penso no carinho com que Marilanda educou e amou cada um de seus filhos. É surpreendente o modo como ela continua a convidar não somente seus filhos, mas quem a cerca, para um banquete de vida após o outro e após o que poderia não ser vida.

Outro dia estive com ela, em uma tarde de festa, em que testemunhei com suas amigas de muitas décadas mais um aniversário celebrado com hinos e menu cuidadoso. E, ainda que tenha nos doído a falta de Aurinha... como Marilanda estava linda, com aquele sorriso incrível, cantando e agradecendo, junto a seus filhos e marido!



A voz do amor de Deus gerou todas as coisas (Jo 1): seu profundo sentimento de bondade e beleza ecoou em tudo e também em nós.

Sons que atravessam o universo clamam uma volta às afetivas mãos do Criador amado. Cada átomo criado clama que voltemos a ser Sua imagem para, enfim,

sentirmos o que Ele sente.

É fantástico compreender que o mesmo Deus criou a aurora boreal, cordilheiras, nebulosas e corais e afirma que esculpir nossa vida e assoprá-la em nossas narinas foi algo muito bom de se fazer (Gn 1:27-31).

O sentimento de doar foi suficiente para Deus (Gn 1:27), que nos considerou Sua obra-prima.

Mas há dias em que ser o centro da criação parece insuficiente para nós.

Quando perdemos a noção de equilíbrio, deixamos de discernir se estamos fazendo uma coisa boa ou não. Dirigimos nossas vidas de forma confusa e distante do lar original, cometendo enganos e perdendo o respeito pelo semelhante. Dúvidas sobre amizades, empregos e outros assuntos se adensam no túnel de possibilidades que amedrontam. Chegamos a duvidar que a vida, criada com tanto primor, valha a pena.

A falta de gratidão e de autoavaliação está distintamente ligada à névoa que se assenta entre toda mulher e a imagem do que deveria ser sua vida. Enviando uma mensagem a nós por meio do profeta Isaías, um Pai de amor convida seu povo a soltar as ligaduras da impiedade e desfazer as ataduras da servidão, para enxergar a luz da aurora que virá rompendo (Is 58:6-8); no Novo Testamento, convida Lázaro a deixar a escuridão e as ataduras da morte (Jo 11:43).

Neste caso, a palavra morte tem dupla conotação e refere-se ao fim de tudo o que represente vida, mas também simboliza as ataduras deste mundo. Elos sequenciais de obrigações se enlaçam às exigências e a padrões rasteiros que nos roubam capacidade de sentir. Cadeias se interpõem entre nós e a identidade criada.

Quantas de nós não adotaram a competição desmedida como válida? Competir para sobrepujar, sem respeito às diferenças e à singularidade, aconteceu quando nos comparamos com outras mulheres. Fomos escolhendo um só ponto de chegada e matando a identidade que habitava em nós, considerando nossa alma inútil ao sistema. Certas mulheres foram de sensíveis a céticas em alguns anos, deixando de ser meninas gentis para se misturarem à gente bem-vestida e apressada (indo do prazer do ato de bondade ao contentamento irônico). Porém, a Bíblia nos traz um conceito final de vestes que não diz respeito aos nossos trajes, mas a quem somos em Cristo (Ap 7:9).

Nas faces de mulheres belas e rebeldes, representantes de uma contracultura que revela só as costas da luta feminista, os movimentos trouxeram o bom e o ruim e a imposição que gotejava: que nunca mais fôssemos como foram as mulheres que viveram antes de nós e que, daí em diante, tivéssemos amor-próprio ao lutar por um espaço.

As últimas décadas do século vinte fizeram nascer uma mulher que luta bravamente, que ampara outros com seus ganhos e que, com maestria, vai desbravando espaços. Como representante de uma civilização, essa mulher desenvolveu habilidades à custa do extermínio de sua tez mais doce, da capacidade de abraçar, amar, acalantar e gerar vida. Ao olhar o direito de avançar, escolheu ignorar o que estava deixando morrer.

Sua atitude corajosa, mas arrogante, também lançou raízes em direção ao companheiro. Humilhado, o macho recolhe sua capacidade de cuidar do clã e se ressentido das críticas à sua tentativa de condução. Agredido e agressor, o homem tomba, mas ao cair não se ajoelha perante a mulher. Sem compreender aquela que lhe foi dada como um presente, ocupa seus sentidos com estímulos do vórtice que propõe a tudo sugar. A saga da perda de sentimentos ganhou proporções exponenciais, mas a voz de Deus ainda ecoa, nos chamando de volta.

Precisamos, desesperadamente, voltar a sentir!

Quando aprofundarmos nossa amizade com o Pai, nossos sentimentos irão aflorar e veremos a nós mesmas rompendo arquiteturas negativas.

O trabalho amoroso de Deus recria e mantém o universo e se repete a cada dia, quando nasce o sol e quando uma criança chega, trazendo em si a fantástica mistura de genes. Deus continua vendo que o que fez é repleto de beleza e bondade e a natureza imita seu gesto de amor. As constelações cantam, as fossas abissais emitem sons e os animais prosseguem fazendo mel e cavando túneis. Tudo é adoração e proclamação de plenitude, ligando o termo *Genesis* a toda a genética.

Assim como toda a criação, somos convidadas a adorar a Deus, em uma dança que nos conduzirá à eternidade!

Começaremos por sentir perfume de vida durante o banho e o pulsar de um coração grato pelo dia. Sentiremos o cheiro de vida também quando abraçarmos quem amamos. Sentiremos a dor de uma amiga, que perdeu quem tanto ama.

Acima de tudo, sentiremos a paz que excede todo o entendimento, como dizem as Sagradas Escrituras (Fp 4:7).

O que é preciso lembrar é que a sintonia perpétua com Deus é o único caminho de reencontro. Esse caminho nos revelará o desenho perfeito que está debaixo do esboço cheio de borrões; um caminho cheio da bondade, descrito em Gênesis.

Quanto mais perto do Senhor estivermos, mais veremos nossa luz nascer das trevas, como aconteceu no primeiro dia.

PORQUE EU BEM SEI
OS PENSAMENTOS QUE TENHO A VOSSO
RESPEITO, DIZ O SENHOR,
PENSAMENTOS DE PAZ
E NÃO DE MAL,
PARA VOS DAR
O FIM QUE ESPERAIS

(Jr 29:11)

Volte ao seu sonho...

A escritora Harriette Arnow já havia morado em Detroit, próximo a uma estação. Quando o trem maior passava, fazia vibrar os móveis e derrubava seus originais.

Os livros manuscritos eram empilhados na mesa da sala, pois não havia espaço em nenhum outro cômodo. Muitas histórias sobre a paisagem e os povos apalaches nasciam entre seus dedos. Descrevia batalhas, a pobreza que conhecera na infância e a vida nos campos de sua região.

Em um dos verões mais intensos, ela foi com o marido visitar uma propriedade que estava à venda, no sudeste. Mesmo sabendo quanto trabalho duro teria de fazer, Harriette não resistiu à ideia de concluir seus romances em um dos quartos da grande casa que existia ali.

No segundo andar havia uma janela de onde poderia ver os filhos brincando e dar a eles todos os comandos e acenos de que uma criança necessita.

Harriette, então, mudou-se para o campo com a família.

Ela acordava todos os dias muito antes do nascer do sol, preparava os lanches escolares, um bom café da manhã e tratava dos animais. Seu marido trabalhava a pequena distância dali, numa cidade vizinha.

Quando os meninos iam para a escola, ela sentava e escutava os sons da manhã.

A paixão pelas letras deu a Harriette alguns dos clássicos da literatura norte-americana e prêmios mundiais também. No entanto, o amor por sua família lhe deu ternura, acrescida da chance de escrever esses livros em casa, enquanto assava pães e acompanhava deveres escolares.

Quase trinta anos após mudar-se para a propriedade, Harriette Arnow tinha mais de vinte romances escritos e não se sabe quantos plátanos crescidos ao longo da trilha de entrada da fazenda.

Todas as sinopses sobre sua vida relatam a grande alegria de sentar-se e observar da janela as montanhas azuis, enquanto seus meninos corriam.



Aos vinte e um anos comecei uma jornada rumo aos sonhos de Deus para mim, quando fui trabalhar para o Governo e terminar os estudos na faculdade. Meu olhar estava sempre em uma flor, numa rua ou em uma coisa qualquer que me transportasse para longe dos corredores impessoais.

Em pouco tempo, conheci meu marido e a época de namoro foi como um laboratório de sonhos, em que falávamos das perspectivas de futuro.

Nós nos casamos em uma maravilhosa manhã de sol em que a capela de madeira e vidros azulados recebeu um pequeno coral. Amigos fardados ergueram suas espadas à nossa passagem. Fomos morar em uma casinha distante do centro. Dividíamos o nosso tempo entre o trabalho, a faculdade e os trajetos longos dentro de ônibus lotados.

Desde aquela época, resolvemos guardar os planos sobre um tempo de qualidade e alegria. Cultivávamos hábitos saudáveis até que do hábito emergisse qualquer coisa arraigada.

Insisti nas refeições bem preparadas e divididas em uma mesa pequena e enfeitada, plantei um jardim, adquiri livros usados. Meu marido cuidava dos detalhes da manutenção e planejava nossos fins de semana.

Anos depois, começamos a sonhar com filhos e com uma casa maior.

Para escapar do financiamento, achamos sensato comprar um terreno, que começamos a procurar de forma obstinada. Os fins de semana antes gastos em viagens e diversão, agora eram nosso tempo de busca por um novo lar. Nosso carro velho ganhava as estradas. Dentro dele, sanduíches frios e baladas suaves eram compartilhados da melhor forma possível com mapas e uma trena que sempre enganchava.

No dia em que encontramos o terreno para a nossa casa, tivemos que manter em suspenso a respiração. A campina verde-limão era completamente loteada e terminava em um vale onde as montanhas se encontravam. Naquele lugar perfeito e longe das cidades, poderíamos construir uma casa rústica e aberta ao verde. No ano seguinte, estivemos dedicados a ler revistas e livros, retocar esboços e apagar as marcas de lápis, até chegar ao projeto.

Chegar ao próprio sonho significa não caminhar por trilhas iguais às das outras pessoas. A casa dos nossos sonhos, por exemplo, teria um espelho d'água, lareiras, canteiros, lugar para os livros tão amados, armário de recordações e um pequeno pomar. Suas janelas grandes permitiriam às crianças que saltassem de dentro para fora, para a natureza. O grande pé-direito da sala teria acústica ideal para ouvir sinfonias e óperas. A cozinha seria aberta ao convívio e às conversas demoradas.

E eu, que tinha um pequeno salário e terminava minha faculdade, imaginava algum dia escrever livros em algum cômodo dessa casa, olhando minhas próprias montanhas azuis.

Voltar ao seu sonho exige que você tome uma atitude de coragem. Será preciso desmentir os valores que dão às pessoas o lugar conveniente ao lucro de poucos. Para fazer isso, você precisa acreditar mais em suas raízes do que na propaganda massiva e perfumada que circula por aí.

O sistema impõe castas em que só os chamados “líderes naturais” têm a promessa de felicidade. No entanto, essa fantasia se desfaz assim que os encontramos e os observamos de perto. Algumas dessas pessoas prosseguem sob o peso de seus cargos e títulos, entediadas demais para serem gentis. Também têm problemas com achar vagas nos estacionamento e lidar com os professores dos filhos. Tendo comprado alguma fórmula de sonho coletivo, precisam procurar por si mesmas.

Se você permitir que Deus lhe mostre o caminho de sonhos que não estão anunciados, porém, descobrirá onde estão os tesouros. Há flores lindas que nascem no mundo sem que haja uma plateia específica para contemplá-las. Se uma flor tem o sol, a brisa, um habitat onde coopera para a multiplicação e um solo que ama, pode ser considerada uma linda flor, mesmo que ninguém aplauda seu nascimento, nem lamente sua morte.

No reino de Deus, o sucesso dos sonhos está em terem sido feitos para você. O sonho que cabe a cada um é uma espécie de segredo guardado com o próprio Deus, sobre quem nós somos de verdade. Mesmo em caminhos áridos, precisamos descobrir beleza e construir referências que servirão como um marco de nossa passagem até os sonhos.

Quando meus filhos eram menores, estudavam em uma escola distante de casa. O caminho até lá era longo e marcado por campos baixos e com poucas árvores. Para torná-lo mais encantador, meu marido descobriu três pontos de referência na

paisagem: um moinho, uma estrada de ferro e uma casa de pedra. Até hoje, essas são as referências que meus filhos têm daquela estrada no ermo.

Que referência pretendo construir? Quem eu sou? Quais são minhas habilidades? Do que eu realmente gosto? Precisamos procurar nossa essência como se busca o fio da meada, porque, ao longo da vida, seremos frequentemente convidadas a abrir mão dessa essência.

Quando você descobrir que os ingredientes naturais que encontra perto de casa são fantásticos, terá odisséias nas mãos. Se essa percepção chegar tarde, será preciso muito monólogo com o espelho para resgatar seu crédito, em ambos os sentidos.

Alimentei a ideia de que uma escritora deveria saber assar bons pães caseiros que espalhassem um cheiro delicioso pelos cômodos. Com as pessoas que amo fui plantando, uma semente por vez, flores na paisagem que nos cerca.

No momento, escrevo estas palavras sentada em uma poltrona, de onde posso enxergar as montanhas azuis.

E, TUDO QUANTO FIZERDES,
FAZEI-O DE TODO O CORAÇÃO,
COMO AO SENHOR, E
NÃO AOS HOMENS

(Cl 3:23)

Volte a um trabalho de amor...

*M*inha mãe foi sempre uma missionária e jamais perdi de vista sua imagem, abraçada à Bíblia, vestindo um conjunto de blusa e saia que ela mesma fizera — para mim, aquele era um lindo modelo. Tinha um tecido floral, mangas japonesas com viés de cor viva e botões cobertos.

Quando não estava visitando pessoas em suas missões urbanas, os dedos de minha mãe repassavam as folhas de couve e alface, lavadas debaixo da torneira. Nessa hora, sua testa sem rugas ganhava os vincos da seriedade e ela recitava algum versículo. herdava de sua mãe um tipo de cabelo negro, fino e volumoso em cachos que, à beira do rosto, insistiam em formar uma nuvem de fiapos, sempre afastados com o braço. Isso me fazia amá-la mais: o modo como segurava com cuidado a faca ou a esponja cheia de sabão e, com o braço, tirava o cabelo do rosto.

Tarde da noite, eu assistia à sua caminhada pela casa. A camisola de algodão com um bordado gasto, o rosto meio oculto na massa de cabelos e os lábios finos dizendo palavras de bênção, enquanto passava ao lado da mesa, da velha tábua de carne e do banheiro menor ainda por terminar. E havia os dias em que ela narrava guerras espirituais, quando era possível ouvir hinos velhos cantados aos trechos, refrões solitários para combater o mal, o medo e a dor.

Minha mãe nasceu com um saber instintivo, aguçado como uma seta desferida no ponto exato, embebida no remédio do Evangelho. Vinda das casas comerciais que ficavam a caminho da nossa rua, uma gente cansada se sentava em sua cozinha para contar os problemas e receber orações. Com impiedade juvenil, muitas vezes cobre dela ter menos ternura para com as dores dos outros. Queria que pensasse mais em sua própria condição, que calçasse um par de sapatos de salto e fosse passear nas ruas.

Anos se passaram, arrastando com eles incontáveis decepções com as vaidades humanas, para que eu compreendesse sua grandeza de espírito.

Antes que começasse a temporada de vento e redemoinhos, ela nos anunciava que Deus convocara seus serviços e iria enviá-la a algum ponto do mapa, invariavelmente longe de nós. Sua família lhe ensinara a arte de elaborar uma matula para viagens com pouco dinheiro e esse era o caso da tradição das farofas; desde que havia deixado os rios de sua terra natal, estivéssemos nós em ônibus ou carros velhos, ela carregava o embrulho precioso. Um prato feito de partes de uma galinha bem temperada, dourada e passada em farinha da roça, essa iguaria típica viajava discretamente nas latas familiares milhares de quilômetros. Quando a fome vencia nosso orgulho, a farofa era disputada com quem estivesse ao redor.

Antes de iniciar suas missões, minha mãe passava madrugadas costurando sacolas reforçadas com sarja que vendia para complementar a passagem. Também serviam para carregar a matula e seus poucos pertences discretos, confortáveis e quase simplórios. O que mais pesava na bolsa era uma Bíblia grande, dobrada e marcada, anotada e grifada com lápis de cor.

Quando ela voltava, nos presenteava com lembranças feitas de palha, doces comprados na estrada e o abraço que nos reunia outra vez. Trazia-nos, principalmente, bênçãos conquistadas por seus formosos pés, que anunciavam as boas-novas.



Quando há tantas pessoas buscando carreiras apenas pela lista de rentabilidade e valor acadêmico, a verdade continua a mesma: trabalhar é um ato sagrado.

Escolher uma roupa, deixar o lar, ziguezaguear em ruas movimentadas e atender diariamente o semelhante requer mais que um apaixonamento volúvel. A mão terá que deslizar de um ponto ao outro, com leveza e responsabilidade, durante as horas do dia.

Quando o trabalho se torna expectativa de fuga, casamento que se cansou de encantar, surge a teia de obrigações, laços que vão esmagando o prazer de criar aquilo que faria bem a nós e ao próximo. Nos deparamos com uma parede sem pontos de apoio para uma escalada. É um muro que nos deixa do lado de cá da nossa incapacidade, justamente porque avança para dentro de um território obscuro.

Presas a esse ciclo, vamos acessando imagens da vida que não conseguimos ter, da trabalhadora que não pudemos ser. Vamos adaptando e adaptando, reduzindo o que faríamos de ótimo para o bom, e deste para o aceitável, para obter mínima competência. Reduzimos as palavras de congratulação. Sintetizamos a emoção e o passo a passo de nos arrumar diante do espelho. São definições econômicas, automáticas, práticas, focadas e eficientes. Essas definições são calculadas com o objetivo de sobrevivermos às dificuldades impostas por nossas funções sociais.

A ironia é que reclamamos do tratamento robótico recebido onde toda a gente trabalha, mas o processo de sermos transformados em números no final de alguma lista acontece dentro e fora de nós, sem que nos apercebamos disso.

A primeira pergunta que resulta desse processo se refere a *como* chegamos a esse ponto.

O primeiro passo para encontrar a resposta seria descobrir *por que* escolhemos esse caminho.

Se notar que suas intenções ao eleger um trabalho foram baseadas em lucro, vaidade e orgulho, a escalada será extremamente difícil. O caminho mais simples ficará para as que concluírem que suas intenções eram boas, mas a soma das opções ruins as trouxe até onde estão.

Em ambos os casos, Deus tem um meio de reformular o destino das que pretendem voltar (Rm 12:2). Refazer a própria vida vai depender primeiro de quanta disposição existe em você para sacrificar coisas que hoje reconhece como regalias.

Durante todo esse tempo, é possível que tenha trabalhado para conquistar a admiração de pessoas com as quais não se importa. É provável que essas pessoas também não se importem de fato com você, mas com o seu papel social.

O trabalho ideal nasceu conosco. Diretoras de teatro, psicólogas, gerentes de negócios, conselheiras bem-sucedidas sempre foram o que fazem. Vamos descobrindo que amamos um tipo de leitura, um tipo de costura, um tipo de receita e um tipo de missão. Vamos percebendo nosso dom de cuidar dos outros, nosso desejo de ouvir, e ali está a profissão para de fato professarmos.

Sim, porque o trabalho é fé. Professar algo tem valor implícito no próprio ato de servir, fé em que possamos traduzir bondade, apoio e sinceridade através do que fazemos. Trabalho sincero é uma peregrinação em que encontramos respostas.

Quando menos se imagina, surge a troca, o momento que abre as portas a doações maiores que dinheiro e serviço. E serviço é diferente de trabalho, pois é algo que você pode fazer mecanicamente.

O bem que resulta de trabalho verdadeiro gera um valor que não se contabiliza (Fp 2:14,15). O brilho no olho da criança que aprende o bê-á-bá é combustível para a professora apaixonada. Por amor a meninos e meninas, ela descobrirá como restaurar velhas vestimentas e sua alegria estará no arregalar dos pequenos olhos que a acompanham atentos. Ela não colocará sua necessidade acima do ofício sagrado, mas trabalhará por uma solução alternativa que não prejudique o que professa.

Esse fazer, que é querer bem, não se curva a altares mundanos. Está no traço do arquiteto, na panela da cozinheira e na gentileza de quem recepciona. A quem questionar sobre a dureza do mundo, a insalubridade, a deslealdade do mercado, o valor das moedas estrangeiras, a distância da moradia, caberá uma resposta de permanência. Quem faz de seu trabalho uma profissão vive constantemente caminhando acima das águas da dúvida e da ausência de recursos e apoio, porque mantém os olhos postos Naquele que convida a desafiar as circunstâncias (Mt 14:28,29).

Ao acordar com o pensamento incerto, com as dores desse embate com a realidade, o primeiro olhar no espelho fará vencer, aos poucos, a tristeza imensa por um mundo que não sabe ser melhor. O olhar no espelho dirá que você mesma já descobriu um caminho de plenitude, no qual dar é mais que receber.

Assim como o palhaço, que no camarim maquia suas rugas para desfilar no picadeiro sob a lona furada, é preciso reconstruir a alegria.

E, LEVANTANDO-SE, FOI
PARA SEU PAI; E, QUANDO
AINDA ESTAVA LONGE,
VIU-O SEU PAI, E SE MOVEU
DE ÍNTIMA COMPAIXÃO,
E, CORRENDO, LANÇOU-SE-LHE
AO PESCOÇO, E O BEIJOU.

(Lc 15:20)

Volte à sua aldeia...

Uma ligação no horário do almoço me deu a notícia da morte daquele homem.

Não éramos muito próximos, mas sua esposa era a melhor amiga de minha mãe e uma mulher sempre presente em nossa vida. Era para ela que minha mãe telefonava quando tinha uma nova missão. Juntas iam ao monte orar e cobriam grandes trechos a pé até igrejinhas onde ajudavam nos grupos de oração.

Ivone tinha apenas um filho adulto e lutava para concluir a construção de um sobrado destinado a aluguéis que iriam aumentar a renda da família. O térreo abrigava uma oficina mecânica e ela morava no primeiro andar.

Sua presença transmitia quietude e serenidade, não importando sob que circunstâncias estivesse vivendo.

Eu separei uma hora inteira para dirigir até o cemitério, mas não foi o suficiente. Uma chuva repentina inundou as ruas e misturou nuvens cor de chumbo ao sol. Motoristas tentavam driblar as poças e os carros piscavam nos cruzamentos. Parada no sinal, eu olhava os muros pichados e as meninas abraçadas ao material escolar, debaixo das paradas de ônibus que pareciam não ter mudado.

Teria apenas vinte minutos para alcançar o grande grupo reunido na capela. Estacionei no cemitério e comecei a andar devagar quando me dei conta de quanto tempo fazia que me encontrara com as pessoas que estariam ali.

Já dentro da capela, fui recebendo abraços e olhares carinhosos dos vizinhos e de amigos que brincaram comigo na infância. Meu olhar não se detinha muito nos rostos envelhecidos que me enterneciam e os cumprimentos tinham de ser mais breves do que eu gostaria. Abracei a mãe do homem que havia morrido, que parecia encolhida dentro dos meus braços, soluçando em sua fragilidade a perda mais sentida de todas. Deixei seu abraço e acariciei os cabelos de Ivone,

que anos antes eram de um marrom quase negro e brilhante; poucos cabelos agora, quase inteiramente brancos.

Lembrei que meu pai, como advogado, havia organizado anos atrás documentos das propriedades de sua família e vi nisso o olhar cuidadoso de Deus.

Terminou a despedida e saí andando meio sem jeito. O cemitério estava bonito com ruas lavadas, árvores gotejando e pessoas carregando guarda-chuvas. De repente, indo para o estacionamento, aquela dor no peito, aquele abraço da infância vindo em minha direção. Entrei no carro e chorei sentidamente, cabeça apoiada ao volante. Estava ali minha história inteira, entrelaçada à vida daquelas pessoas.

Decidi acompanhar meus pais até sua casa para um café.

Estava me levantando para sair quando meu pai me pediu alguns minutos, pois tinha uma surpresa. Havia comprado algo para mim e guardado em uma curiosa embalagem, envolta em camadas de jornal.

Fui abrindo com cuidado, camada a camada, tentando descobrir os contornos, até chegar à pequena estatueta de argila. Era um velho homem do campo, botões abertos, pés no chão, carregando uma foice, chapéu de palha. Meu avô!

Não sei quantos segundos levaram as lágrimas quentes para voltar aos meus olhos. Meu pai ficou encantado e constrangido por trazer de volta tantos sentimentos naquela tarde de chuva. Olhando para o rosto dele e de minha mãe, tomei mais um gole de café...



Deus não aprisionou os homens ao chão, mas os reuniu em famílias, parentelas que os ligavam à terra e aos entes queridos. Ali eram formadas sagas, histórias preciosas passadas de pai para filho e se constituíam patriarcados mais sólidos que as pedras.

Algo de grave, porém, aconteceu desde a primeira ausência de amor à aldeia e às pessoas que moravam lá.

Muito mais por não tolerar o seu próximo do que por desejo de conhecer o mundo, o primeiro homem decidiu ir embora. Foi se distanciando de seu lugar de origem, vivendo como um peregrino longe de seu clã, na ilusão de que qualquer paisagem seria menos pior que a sua. Quando abandonou sua aldeia por causa das

divisões e partiu em direção a outras, o homem abandonou também o plano original de Deus para sua vida.

Uma constatação simples de que não foi criado para percorrer longas distâncias, como as aves, o encurvou sobre seu cajado. Longe do seu ponto de partida, o homem quis conquistar terras e direitos que não eram seus.

Lá estava o aldeão, em um solo arrendado, recebendo menos do que necessitava para seu sustento, quando a ganância assolou seu coração. Ele queria o lugar do senhor do feudo, do bispo ou do rico comerciante. Como na história do filho pródigo (Lc 15:11-32), estar longe de sua terra significou abrir mão da credibilidade e das referências. Ser importante em um lugar desconhecido exigiu guerra constante.

A saída das antigas aldeias levou o homem não somente a belas conquistas, mas também à transgressão e rebelião cada vez maiores. Pela porta aberta pelo aldeão, em tempos distantes, entraram a inveja e o medo, a ruína e a luta. E nós, que erguemos nosso olhar para castelos que não nos cabem, permitimos que essa história se perpetue.

A humanidade passou a desejar a pérola dentro da ostra quando deixou de apreciar lagoas quietas. Quis a ostentação de vagalhões como propriedade, não se contentando com o simples direito de ir e vir como as ondas do mar.

A perda de identidade da qual toda a gente moderna se queixa está em ter virado o rosto à sua origem.

Assistimos hoje a uma fuga que reconta a trajetória de nossos ancestrais. Eles saíram de suas aldeias, suas cidadezinhas do interior. Deixaram suas raízes, sua família. Nós saímos de nossas casas diariamente em direção a um mundo que não nos ama, mas se apropria de nosso trabalho em troca das moedas necessárias. Queremos ser importantes para os estranhos.

Se estamos longe do trabalho que Deus elegeu para nós, então vendemos nosso tempo em troca de dinheiro. Somos pagos com dinheiro pela nossa utilidade até que sejamos dispensáveis. No entanto, há esperança em Cristo, que, por meio de uma restauração, propõe refazer a história de nossa jornada até o ponto em que estamos (Ef 4:26-32).

Todas nós temos uma aldeia e dons naturais na dimensão de nossas possibilidades. Um Deus que nos vê com misericórdia e planeja nosso destino de forma exata a

partir do *quantum* vem nos salvando de toda a insanidade perpetuada pelas civilizações. Nossa vida não existe apenas para cumprir propósitos gananciosos, mas para alimentar e receber, repartir e plantar, em unidade com tudo o que precisa crescer ao redor de nós.

De onde você é? Com que valores foi criada? Quais são suas raízes? O que tem abandonado? Seus filhos, seus livros, seus canteiros, seus pais, sua simplicidade original ou os bairros de sua infância? Pelo que os tem trocado? Por cenários montados apenas para lhe vender uma ilusão? O Espírito Santo, em gemidos inexprimíveis, nos conduzirá nessa busca (Rm 8:25-28).

Não há lei contra apreciar a beleza da vida e desejar ver novas paisagens, mas há vereditos eternos que versam contra o abandono dos presentes que foram dados só a nós e que são relegados ao esquecimento (Êx 20:12; 1Tm 5:8).

Se houver humildade suficiente para ser grata pelas montanhas que a cercam, seus pés poderão pisar outros solos e haverá êxtase em tudo o que você faz. Quando parar de procurar a milhares de quilômetros o seu ponto de horizonte, verá que esteve sempre ali o que amava. Então, empreenderá uma viagem ao revés.

O caminho de volta à aldeia nos levará à verdade sobre as escolhas e pessoas que nos cercam, e não estaremos dispostas a negociar o que não tem preço, a tornar relativo o que é absoluto.

Maravilhosas palavras de Jesus ainda ressoam no tempo, dizendo que não se pode servir a dois senhores (Mt 6:24). Um há de querer que você esteja cada vez mais próxima de sua natureza, enquanto o outro irá enviá-la para cada vez mais longe.

A primeira coisa que me aconteceu quando me propus a voltar à minha aldeia foi a consciência de que o tempo voava. Tinha a sensação de urgência e uma memória imediata de quando eu e minhas amigas éramos jovens.

Corríamos para alcançar um ônibus, sentindo sabor de sangue e vida na garganta. Costumávamos acordar de madrugada para acrescentar traços de criatividade às coisas. Nossa alma deixava impressões legíveis em móveis, sapatos e coleções de revistas que entupiam a gaveta. Conseguimos, a um só tempo, organizar aquelas revistas, plantar todo tipo de sementes e gerenciar as profissões e famílias, finalizando cada acabamento com um laço de autossuficiência.

Felizmente descobrimos o que revistas e filmes raramente nos deixam ver: que mulheres autossuficientes sacrificam suas amizades e suas origens por

reconhecimento e dinheiro. No início, achamos que não seria um preço tão grande assim – isso até perdermos as primeiras chuvas e alguns relacionamentos.

Não estaríamos tão longe de onde viemos se tivéssemos amparado nossa fé em Deus, e não em alegorias; se tivéssemos buscado a verdadeira identidade que há no Pai, e não em parâmetros. Teríamos vivido um encontro da lógica com a poesia que era inerente a nós. Submetemos nossos sonhos aos gritos de protesto que se espalhavam pelas cidades. Do lado de fora de nossas janelas, eles foram se sobrepondo à Palavra de Deus. Sons sofisticados, a nosso ver, silenciaram as vozes de nossas aldeias e ali ficaram depositadas histórias que nunca mais se repetirão.

Ainda é tempo de voltar! Deixe-se caminhar por querências, lugares de saudade, onde possa rever pessoas inesquecíveis. É possível tocar com os dedos as guloseimas da infância, ouvir o vento no canavial por onde você caminhou um dia.

À medida que o tempo passa, há menos em nós da tirania do ego e mais de perdão e compreensão. Não é a velhice, mas a maturidade, que nos assopra aos ouvidos que esqueçamos nossas mágoas. Caso contrário, a dor nos manterá presas à sua âncora.

Não deixe a paisagem mudar sem que você volte. A rua em que você morava, as casas comerciais antigas com letreiros mal pintados e o som daquele carrinho do amolador de facas estão chamando.

Tudo fica dentro da gente, pedindo uma visita.

[...] TUDO O QUE É VERDADEIRO,
TUDO O QUE É HONESTO,
TUDO O QUE É JUSTO,
TUDO O QUE É PURO,
TUDO O QUE É AMÁVEL,
TUDO O QUE É DE BOA FAMA,
SE HÁ ALGUMA VIRTUDE,
E SE HÁ ALGUM LOUVOR, NISSO PENSAI.

(Fl 4:8)

Volte aos valores...

O capim do Cerrado original ainda estava lá. Dançava em frente ao azul do céu e dos campos de soja. Tudo ao redor tinha a palidez da monocultura, monocromia linear.

O povoado do Capão é uma dor para quem o vê, desde a primeira vez, e uma saudade para quem o deixa.

Eu fui lá para falar aos professores da escola rural, mas deixei meus olhos presos às casinhas com pés de hibisco e aos meninos brincando na rua. Ao fim da visita, as professoras me serviram um suco de capim-santo com limão e um bolo caseiro. Perguntei-me por que todas as escolas não se pareciam com aquela. Nas paredes do pátio ainda havia cartazes com desenhos do cardápio de merenda escolar, feitos à mão. O porteiro, seu Tonino, mantinha as tradições recebidas de seus pais e narrava como os foliões paravam de casa em casa durante as festas religiosas, contando com a hospitalidade do povo.

Dona Lica foi logo me falando que nasceu no Cerrado e ia morrer entre os campos de soja. Na memória, trazia a imagem das correntes grossas amarradas às sucupiras. Essas correntes eram atreladas às esteiras de tratores, que arrancavam as árvores inteiras. Raízes perfumadas apareciam nuas contra o mato do Capão, para nunca mais voltarem à vida. O grosso das águas dos córregos foi virando um fio com o passar dos anos e as mariposas e besouros azuis sumiram. Sumiram também os hábitos de tomar a bênção aos pais e outras coisas sãs. Antes, rapaduras com pau de mamão eram trocadas pelos vizinhos, por cima da cerca. As pessoas agora compravam tudo e moedas plásticas valiam mais que a palavra ou a amizade.

Muito digna, com seu lenço de seda e brincos de ouro que foram da bisavó, dona Lica me chamou para passear. Ia de flor em flor em seu quintal, assim como as abelhas, mostrando-me seus maiores amores, espichando o nariz para dentro do copo da flor. Bem no meio de tudo, tinha os pés do café que colhia para secar, torrar e pilar; tinha a roda de fiar. A insistência

amorosa amarrou cabaças em torno da varanda da casa e cardou em novelos fios de algodão branquinho.

Dona Lica trabalhava desde quando o sol nascia até quase o fim do dia. Prestimosa, lastimava os hábitos da mulher conversadeira, de porta em porta, sem ter o que fazer. Na viuvez, criara seus filhos debaixo da saia e bastava um olhado firme e os rebentos vinham correndo, em obediência ensinada.

Suas mãos cheias de rugas faziam tapetes e doces. Na entrada menor da varanda, sentei-me em um catre que serviu para deitar o marido de dona Lica, quando ele morreu; catre solenemente forrado com um desses tapetes.

Ao fim do dia, aquela mãozinha tão frágil, tão útil, acenou para mim do portão de madeira, numa integridade rara de se encontrar.



“*Vejo dentro de mim a mulher roceira. — Enxerto de terra, meio casmurra. Trabalhadeira.*”, diz a querida Cora Coralina no poema *Todas as vidas*. E quando Cora voltou para sua cidade, para a integridade de sua profissão de doceira, estranhou, também, tanta coisa!

Tinha seus ganhos, seus apontamentos em cadernetas velhas que eu mesma vi quando visitei o casarão do Rio Vermelho, onde morava. No entanto, não se deixava vencer por nada, não se deixava abandonar o ofício de ser mulher.

Não encontrara propriamente o amor, mas amara intensamente o que lhe viera às mãos. Tivera uma família e filhos que já estavam adultos, e moravam na capital. Com dignidade penteara cabelos, oferecera seus conselhos, até que todos estivessem donos de sua própria caminhada, que ela foi guiando até envelhecer.

Então, voltou para o lar.

Havia dignidade em sua poesia e nos restos de lápis que vi, expostos em armários de vidro. Não era a pobreza que a impediria de escrever a vida naquelas linhas azuladas. Venderia seus doces e custearia seus cadernos. A notícia do talento de Cora correu longe, assoprada por um milagre semeado com devoção e ela pôde publicar seus primeiros poemas.

Quando você diz adeus às próprias amarras, todas as coisas irão cooperar para que a nova vida brote. A intenção que soa como uma prece possível dos que possuem boa vontade fecundará a mudança. Conceitos bonitos se converterão em integridade, paciência, honestidade, educação, respeito e humildade.

Assim que voltar à plena capacidade de sentir e agir, irá considerar que até uma visita a um hospital pode ser mais valiosa que um passeio. O local de compras passará a ser um lugar destinado tanto à troca de moeda por alimento fresco, quanto ao compartilhar de alegria. O brinquedo de lata terá mais valor que o industrializado, porque foi feito pelas mãos de alguém a partir de algo que iria para o lixo.

A voz de Deus lhe dirá se há ou não respeito em um programa a que assiste, se há sensatez em ter os filhos em uma escola que exija sacrifício demasiado no orçamento familiar. Essa voz ensinará lições de humildade (Sl 25: 4,5; Tg 1:5).

Talvez você chegue ao ponto de se permitir percorrer estradinhas vicinais, descobrindo rostos que, provavelmente, nunca estarão nas revistas e livros. Talvez volte aos ingredientes simples, com valor justo e notas amigáveis ao seu paladar. Perderá o sentido a experiência que não pode ser tocada com o coração. Tudo o que o mundo chama de “exclusivo” e que nos deixe um nível acima de nossos semelhantes, constrangerá.

Uma visão de profundidade revelará a vida de homens e mulheres que são heróis do cotidiano, aqueles que, como Jesus, abrem mão de sua glória para abençoar a todos com seu serviço (Fp 2:5-8). O mundo procura heróis assim.

Poderes amputados por gerações marcadas pela rebeldia, esses heróis foram tantas vezes chamados de medíocres! A capacidade de concluir um projeto de marcenaria e confeitar um bolo foram esforços apontados como inutilidades de uma vida sacrificial. É loucura para o mundo pedir que você fique uma manhã com seu filho, mesmo quando ele lhe confere tanta importância.

Tenho um imenso prazer em resgatar listas sobre heroísmo.

É preciso ser uma mulher extremamente valorosa para ficar em um hospital frio com uma criança, para pregar botões durante a madrugada, para acompanhar o desempenho escolar, mesmo quando não se teve estudo. Só um gesto heroico faz alguém optar pelo dom de consolar, ainda que esteja cansado demais. Barbear um pai idoso e consertar um móvel de família são glórias silenciosas.

Infelizmente, o conceito de heroísmo hoje não é iluminar, mas brilhar. No afã da busca por uma luz voltada para si, nossa sociedade mergulha em constante escuridão.

A força do Evangelho, porém, está em deixar morrer o eu (Jo 12:24,25).

Há acréscimo de promessas à vida daquele que buscar primeiro o reino de Deus (Mt 6:33), onde valores eternos têm a primazia.

Esse é o convite do Pai.

[...] NA VERDADE
TE DIGO QUE AQUELE
QUE NÃO NASCER DE NOVO
NÃO PODE VER
O REINO DE DEUS

(Jo 3:3)

Volte à verdade...

*F*ui ao corredor pegar um copo com água para aquela mulher que se sentava à minha frente no trabalho. Quando lecionava, Fátima era uma professora brilhante, dessas capazes de promover concursos literários, costurar fantoches e organizar saraus. Queria dar voz a seus alunos, descobrir o discurso interior de cada um, contando as histórias mais bonitas que pudesse.

Mas, naquele momento, ela estava sem voz.

Toda vez que tentava pronunciar alguma palavra, esta vinha de seu peito, entrecortada por soluços nervosos.

Com um claro sinal feito com a mão, avisou-me de que não tentaria falar. Iria esperar a crise passar.

As crises começaram há uma década, em um sinal de trânsito. De um minuto para o outro, ela, que tinha tanto a dizer, não sabia quem era, não sabia onde estava. Não fosse o pai de um de seus alunos vê-la ali parada, com as mãos no peito, poderia ter sido atropelada ou algo assim.

Horas depois, no primeiro atendimento médico, o choque do encaminhamento ao psiquiatra.

Ela carregava o brio de ser muito lúcida e precisava de cada neurônio para dar vida aos ensinamentos diários; era a única companheira da mãe idosa e da filha pequena. Ouviu dos lábios do médico a declaração que chegava em câmera lenta à sua memória: sua sanidade estava em risco.

Fez um esforço para listar o que poderia ter causado tanto desequilíbrio em seu corpo e sua mente. Foi repassando o que antes não era óbvio e lembrou que avançara muitas noites trabalhando. De outras vezes, deixou seu sentimento migrar para a história de quem estava à sua volta, a ponto de sempre dizer sim para tudo. Calar o “não” a fez chegar ali.

Os anos seguintes foram de tratamentos para conter cada crise. Até que um dia veio o pior golpe: uma perícia médica determinou seu afastamento do trabalho e de seus alunos.

Talvez houvesse um plano divino nisso, talvez estivesse cansada de carregar no ônibus aquelas sacolas pedagógicas, cheias de surpresas. Precisava dar tempo a si mesma e olhar para sua menina que crescia, e levar a mãe para passear. Foi aceitando tardiamente o que a vida havia lhe oferecido.

Assim, as crises foram ficando esparsas e ela tinha aprendido a lidar com seus medos e angústias por meio da fé e da paciência.



— descobri que a voz é um tesouro precioso.

— Nossa voz é mais do que o som de nossos pensamentos. Transmite nossa escolha e registra nossa omissão.

Ela não é só o que cantamos ou falamos. Está de tal forma interligada aos sistemas linfático e nervoso que cada golpe os atinge, começando pelo diafragma e outros músculos.

Muito cedo na vida passamos a entender que expressar algo pode ferir pessoas. Quando nos calamos, o silêncio pode nos levar à cômoda repetição de uma atitude, a adiar o confronto e a perder a chance de construir pontes. Deixamos nossas convicções de lado para alcançar uma concordância que pode não ser sinônimo de paz. Assim, campos minados vão ganhando espaço dentro de nós.

Falar com serenidade nem sempre é possível, mas não tentar fazê-lo trará uma montanha de tristeza para dentro do peito.

Ser pacificadora não é um convite a silenciar, mas a interpor uma palavra sã e consoladora, uma tradução leal daquilo que ambos ou vários pretendiam dizer. A paz vem sempre de um processo de humildade. Nesse processo, muitas vezes nos ocupamos com o caminho de fuga, esquecendo que falar inclui a escolha do melhor caminho para dentro da nossa consciência. Esse melhor caminho passa também pela diplomacia. O aprendizado da humildade requer a exposição, o ouvir e o compreender.

Em Provérbios, o pensador nos fala da sensatez que há na pronúncia sábia (Pv 10:19) e do quanto de bênção há na palavra transmitida em seu tempo certo (Pv 25:11).

As crianças costumam ter, desde o modo como olham, uma verdade estampada. Elas não parecem preocupadas em poupar os outros de sua sinceridade limpa de críticas. Perguntar a uma criança se gosta ou não de alguma coisa não irá fazê-la dizer o que você quer ouvir. Ainda que seja um convidado de honra à sua mesa, ela tenderá a falar a verdade, e talvez o faça com uma careta.

Com o tempo, nossos pais ou tutores vão nos ensinando a ser gentis com os demais. O problema é que esse ensinamento resvala para a leitura da conveniência dos novos terrenos em que iremos pisar. Ao longo da vida, vamos trocando o exercício da inocência por certo temor, que pode chegar à dissimulação. Fazemos isso, inicialmente, para nos proteger e a quem nos ouve. No entanto, é comum encontrar adultos que ferem o código de princípios de Deus e dos homens, mascarando a verdade e acrescentando o que é de seu interesse (2Tm 3:1-5).

Não temos o caminho de volta à inocência senão por meio do amor de Deus, que nos leva a analisar nossos atos e escolher o que é correto, conquanto seja difícil (Fp 4:7-9).

Em um mundo que nos propõe mediocridade, temos um padrão divino elevado pronunciando de modo solene a nobreza da verdade. Essa verdade não deve estar apenas no que dizemos, mas no modo como vivemos nossos dias (Ef 4:22-24).

Experiências de quase morte trazem relatos que ratificam as promessas bíblicas a respeito da verdade (Jo 14:1-6). Por algum motivo, essas testemunhas morrem e voltam minutos depois, trazendo consigo uma nova consciência. Elas narram o mais belo encontro que já tiveram, em que sua própria vida lhes é apresentada em detalhes, como se estivessem assistindo a um filme sobre suas ações. Várias dimensões de uma memória nunca esquecida falam do amor de Deus na simplicidade do cotidiano, nos sentimentos mais verdadeiros. No final da experiência, esses viajantes geralmente são abraçados por uma luz que os traz de volta.

Quem viveu uma experiência de quase morte sente imediata necessidade de restauração interior e de quebrar espelhos que distorcem o sentido definitivo de verdade, encontrado em Deus. O espelho do mérito, segundo o relato de nossos viajantes, é uma das mais inúteis procuras humanas. É com emoção que escolhem as

palavras para nos contar que suas ocupações, cursos ou cargos não fizeram diferença na viagem experimentada. Essas coroas de glória que as pessoas constroem para si podem ser úteis em vida, mas sequer costumam estar entre as imagens que Deus guardou a nosso respeito.

Quando Saulo de Tarso foi derrubado por Deus de seu cavalo de arrogância judaica (At 9), ele acreditava no espelho do mérito: segundo suas próprias palavras, era judeu, nascido na Cilícia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus, um fariseu quanto à lei, instruído aos pés do mestre Gamaliel. O orgulhoso Saulo tombou. Foi o próprio Deus quem elevou para Paulo o seu nome, dando-lhe méritos celestiais e uma nova verdade: Paulo, servo do Senhor Jesus Cristo, chamado para apóstolo, para o evangelho de Deus (Rm 1:1); não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas sim por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos (Gl 1:1).

Depois que seu foco é transformado, Paulo passa a descrever uma coroa sublime, que seria como um prêmio de eternidade feito de bondade, justiça, mansidão, fé e outros atributos que só poderiam chegar por meio da doçura que há no Espírito Santo (Fl 3:7-14). Estar perto de Deus nos exige a admissão do próprio fracasso diante das situações e a cegueira dos rumos verdadeiros.

Algumas mulheres colocam suas expectativas acima de seu amor a Deus. Querem tanto deixar o atual emprego, manter finanças e *status*, justificar uma mudança e saber para onde viajar! Estão concentradas no que é secundário. Permitem que seu querer abafe as orientações que estão vindo todos os dias. Fazem isso porque desconhecem a glória da coroa sublime que Paulo enxergava (1 Cor 9:25-27).

Por isso, hoje eu a convido a trabalhar em seu próprio diagnóstico.

Primeiro peço a você que se sente calmamente e observe sua respiração, suas pernas e mãos. Procure notar se repete gestos de ansiedade, se tem tiques próprios de quem não consegue aguardar pela satisfação de sua curiosidade e vontade. Reveja se suas mãos estão sempre no celular, se não desenvolveu uma compulsão por teclas e movimento.

Cansaço constante, angústia, insônia, distúrbios alimentares e depressão podem ser sintomas de uma vida de ansiedade e pressa.

Neste ponto, começo meu pequeno discurso sobre olhar o vento nas árvores, adiar o que é possível, dirigir devagar (e avisar quando não conseguir chegar a

tempo).

Mas será que você me dará ouvidos? Ou me reunirá a todos os outros assuntos que coloca na caixa de temas a serem protelados?

Lentamente, direi que, para uma vida verdadeira, você necessita encontrar-se com Deus. Não lhe falarei de orações formais, embora saiba que você precisa desabafar com Ele sobre questões que estão fora do seu alcance, mas vou sugerir que fale daquelas pessoas que lhe vêm à mente ao longo do dia, que agradeça em silêncio pela chuva caindo no telhado, e coisas assim.

Para terminar, passaremos à última série de questionamentos.

Pergunte a si mesma por que comprou o carro que tem, quantas vezes visita as pessoas que diz que ama, quantas horas tem gastado buscando atingir metas e se tem experimentado vagarosamente os sabores que lhe são oferecidos.

Este será o momento de descobrir onde, de fato, está o seu coração, porque ali estará o seu lar.

Você mesma terminará o diagnóstico, calculando o tempo aproximado de vida que ainda lhe resta. Pense em quanto tempo ainda tem para apreciar os presentes que lhe são dados.

Quero concluir este capítulo com as palavras de Jesus: “não é a vida mais importante do que a comida, e o corpo mais importante do que a roupa?” (Mt 6:25).

[...] ASSIM QUE ESTAS PEDRAS
SERÃO PARA SEMPRE
POR MEMORIAL AOS FILHOS
DE ISRAEL.

(Js 4:7)

Volte à sua caixa de recordações...

Carrie Watts ainda se vê com vinte e poucos anos, embora saiba que os cabelos brancos e muito ralos mostram que está no crepúsculo de sua vida.

Passa quase todo o dia sentada na velha poltrona, em frente a uma janela, olhando a rua. É a maneira de fazer andar o tempo, depois que veio morar com o filho e a nora — uma mulher materialista e mesquinha que a detesta. Seu sonho é fugir dali e escutar os sons que ouvia quando era jovem, voltando ao lugar mais lindo que já visitou: seu lar em Bountiful.

Quando fecha os olhos, Carrie revê os campos ondulados, dançando ao vento, e as casas de madeira antiga na imensidão do dia tão azul como as flores que nascem até onde a vista alcança, um azul quase lilás. O perfume de madeira da casa paterna, depois do campo, e o som da cadeira de balanço rangendo aquietariam seus pensamentos.

No sonho, Carrie vê os próprios pés. Com seu vestido longo, ela corre, deixando as mechas rebeldes caírem sobre o rosto, dividindo o ar entre o impulso e o riso. Está livre e jovem novamente.

Seu filho corre à frente, com todo o vigor da infância. Na brincadeira, ele voa pelo capinzal, pés rosados no chão coberto pelos talos que se curvam. Ela pode escutar a preciosa gargalhada do menino e consegue tocar com a ponta dos dedos o ouro de seu cabelo curto e macio. Pode sentir o delicioso sabor da vida que abraça os dois enquanto correm.

De longe, a cena lembra um quadro impressionista e os movimentos de ambos ganham lentidão e doçura na paisagem ondulada.

Carrie alcança o filho, que, extasiado, lhe dá um abraço. E eles giram no ar enquanto riem.

Longe, alguém canta uma canção do velho hinário da igreja: “Come home, come home...”.

*(Cenas do belíssimo filme O Regresso para Bountiful
(1985), dirigido por Michael Wilson)*



O tempo hoje é seu próprio senhor. É também senhor da maioria dos homens, seus ponteiros tiquetaqueando, com seus mecanismos, com suas anotações anexas. O tempo, fictício e inexistente, manda e metrifica a ganância que a tudo engole e arrebatada a memória.

O tempo não existe. Foi criado, mas é dono de todas as coisas. Está nos nossos álbuns, nas nossas caixinhas de coisas guardadas.

Escravos das metas cronometradas, os homens se guiam dentro de seu egoísmo monástico, atropelando uns aos outros. Administram, negociam, mas não se interpõem no caminho do tempo, que a tudo governa e de nada se lembra.

A razão dessa angústia desmesurada nos faz pascar quando notamos que a pressa não vem da tirania do tempo. A razão da angústia, do desespero, da desatenção é o ego do próprio ser humano, que acumulou para si segundos, minutos e horas que não quer compartilhar.

Por esse motivo, os homens convertem a falta de tempo em justificativa para toda forma de ausência.

Deixa-se a mãe esperando eternamente. Permite-se que os filhos cresçam e revoga-se o direito de vê-los crescer. Faz-se qualquer negócio para lucrar um pouco de tempo que possa ser rifado, por motivo fútil, ao primeiro alerta do alarme.

O verdadeiro Senhor do tempo mandou nos dizer que há tempo para todas as coisas (Ec 3:1-8).

Apesar disso, quantas mulheres sábias você conhece? Não aquelas que administram o próprio tempo, mas as que ouvem o que Deus está dizendo sobre o tempo de cada coisa.

Poucas de nós sabem, por exemplo, que existe um tempo em que o tempo volta.

Ele volta sob a forma de amigos de escola, encontrados em algum supermercado; volta por meio de recordações que seu filho mantém e você não; volta quando

notamos que crianças, que até poucos dias engatinhavam, já nos apelidam de “tia”. O tempo volta dizendo que não há mais tanto tempo a desfrutar com sua mãe, com seus irmãos... Volta por ordem de Deus para levar consigo quem você ama.

E nos vemos como eu me vi. No reencontro de amigos que frequentavam a mesma igreja na juventude, não pude reconhecer alguns. Cachos adolescentes haviam sido substituídos pela calvície discreta. Motoqueiros selvagens adquiriram o olhar de pais responsáveis. As senhoras, que na juventude nos acolhiam e ajudavam na cozinha, caminhavam devagar. Nós nos abraçamos e permitimos que as almas tocassem umas nas outras. Cantamos as canções daquele tempo com um fio de voz embargada e lembrando, aos tropeços, as letras.

Carreiras não passam a ser eternas quando um profissional tem placas penduradas na parede e mérito por tudo o que publicou. Isso ocorre quando pessoas voltam ao seu caminho para recordar a transformação que houve em suas vidas a partir do serviço prestado e fazem seu tributo pessoal. O encontro no corredor e a menção de que uma atitude ficou no coração é que podem lançar nossos atos na eternidade.

Uma casa confortável é um monumento à vaidade quando não pode ser o cenário de vivências que ficarão na memória. As salas silenciosas e impecáveis, as piscinas de onde não se ouve o riso contagiante e as almofadas que não podem ser confortavelmente usadas são troféus à vaidade humana. Uma casa passará a ser eterna na memória de quem a habita quando a vista de sua porta aberta representar uma carícia.

O relacionamento com alguém passará ao intangível quando as novidades e o café frio tomado no corredor já não importarem tanto. O importante será o rosto, o som da voz. Mais que uma conexão individual, encarcerada em templos de bancos lustrosos, a presença de Deus é amor que se manifesta em nós.

Há pessoas superiores ao tempo, para as quais o tempo para, curvando-se em submissa mesura. São aquelas que sabem recordar e construir novos momentos de alegria.

Ao olhar para as sementes das suas memórias, conseguem enxergar um pomar. Árvores de longos abraços, bilhetes guardados, fotografias já amareladas vão brotando no terreno da vida. Quem encontrou o caminho do não e do sim sabe que a matéria-prima do tempo são os fatos. Essas pessoas passam a requerer o imprescindível, arrebatadas pelo propósito de ter amor em cada minuto. Já

entendem quais são as coisas terrenas e eternas – embora em nosso idioma as duas palavras sejam feitas das mesmas letras.

Pessoas que atribuem coroas às suas agendas, chefes e compromissos, assumem a posição de covardia e subserviência. Terão de buscar quem são as potestades para as quais andam se curvando, em ganância irrefreada, que não pode parar a roda-viva do tempo. Terão de exorcizar as legiões que as impedem de ser atemporais, como Deus requer que sejam.

Aí, sim, será possível coroar o verdadeiro Rei, restaurando o senhorio de Jesus na intimidade do cotidiano, porque é Sua a eternidade. Só Ele pode dar ao tempo o sentido do entusiasmo. O termo “entusiasmado” tem origem grega e significa “ter Deus em si”. Temos um significado que areja ou, como diria o salmista, refrigera nossa alma (Sl 23:3).

Desse modo, colocaremos um coração a serviço da memória e de um amor que nunca nos deixou, transcendendo quem éramos antes que o tempo existisse.

Quando desejamos com ardor que nosso tempo seja submetido a um Deus que tem memória, passamos a ser separados para uma vida de exceções magníficas.

EM TODO O TEMPO
AMA O AMIGO;
E PARA A HORA DA ANGÚSTIA
NASCE O IRMÃO.

(Pv 17:17)

Volte aos amigos...

Eu estava esperando a chegada de Rose para darmos uma volta no comércio local. Trabalhávamos naquele setor havia dois anos e, quando conversávamos, era preciso que ambas fizessem um esforço para conter as risadas que nasciam dos longos diálogos. Com as mãos na boca e os olhos brilhando, voltávamos a nos concentrar nas tarefas.

Aquela mulher pequena equilibrava-se bem em cima dos saltos e sabia que era um elogio comentarmos seu temperamento forte. Criava sozinha dois filhos, após relacionamentos infelizes destruídos por alcoolismo, agressões físicas e traições. Era possível vê-la sempre ao telefone, no horário do almoço, tentando consertar as coisas à distância ou repreendendo severamente seus adolescentes, dando orientações sobre roupas, comida e trabalhos escolares.

Um dia, Rose me convidou para ir à sua casa, quando meu marido estava de plantão. Ela morava distante de mim quase cem quilômetros, mas aceitei com prazer o convite, imaginando que teríamos um dia inesquecível. Eu me enfiei com ela no ônibus lotado, divertindo-me com a aventura, já que tínhamos comprado um novo item para decorar sua sala e carregávamos uma grande e desengonçada sacola, que tentávamos desviar das pernas das pessoas.

Eu estava certa quanto a ter escolhido ir e fiquei grata por essa intuição logo à entrada. Um lugar como aquele não poderia ser a casa de uma mulher que criava filhos sozinha e equilibrava finanças e compromissos, morando longe do trabalho. Eu acabara de entrar em um dos lares mais afetuosos que já tive a honra de visitar. Almofadas coloridas preenchiam os sofás da sala, estantes eram enfeitadas com sensibilidade e ordem. A janela do corredor tinha cortinas de renda e, na cozinha, apetrechos mostravam exemplos de asseio e capricho.

Sentei-me com ela e comecei a lhe dizer que estava encantada com o que suas mãos podiam fazer, apesar do tão curto tempo de que ela dispunha para dar conta de tudo. Rose me confessou o quanto se sentia sozinha e como se tornara endurecida pela vida. Precisava parecer

forte para vencer cada dia que tinha pela frente. Em um momento da conversa, a emoção em seus olhos denunciou a alegria de ter com quem falar sobre sua luta.

Naquela noite, sentadas à mesa, compartilhamos um jantar e histórias de sua terra natal. Tanto quanto eu, Rose amava o interior e as paisagens rurais.

Foi uma noite e tanto aquela!

Por isso, esperar para dar uma volta no comércio com Rose era ter a certeza de desfrutar de uma amizade que não deixava dúvidas quanto à alegria do encontro.

Iríamos tomar um café nas padarias próximas ou garimpar peças de decoração que tornariam ainda mais belo o seu lar.

Qualquer programa seria o máximo!



*H*á situações na vida que devemos deixar para trás, imersas na poeira da estrada que percorremos. Tendo o cuidado de evitar mágoas acumuladas, precisamos permitir que nossa história silencie algumas falas.

No entanto, há pessoas que nunca poderíamos esquecer naquele ponto do tempo. Suas fotografias voltarão sempre, pedindo com olhos silenciosos que as revisitemos. Como tesouros que fomos buscar no fundo de um mar de fatos vividos, essas amizades reivindicam permanência em nossa vida.

Amigos com quem temos liberdade nem sempre nos cobram. Não é o seu apelo eventual que deve fazer doer nossa consciência. A urgência do rever se dá pela leveza de pluma que tem a amizade, pelo que de maravilhoso o toque dessa pessoa acrescenta em nossos dias. A bondade do amigo não está em qualquer coisa que ele faça, mas em quem ele é dentro de nós.

Quantas vezes, porém, somos engessadas por obrigações que são mais do que compromissos? Compromissos vêm de uma fonte que os gera, enquanto as obrigações são tarefas autoimpostas. Não sabendo fugir à tendência de acumular afazeres, ficamos reféns do calendário.

Urge ver a pessoa amiga e sentar novamente debaixo de alguma sombra fresca, tocar em suas mãos e permitir que nossos olhos enxerguem seus sentimentos. Nós

vamos adiando, como se adiar a vida fosse algo possível. Vamos adiando e nos escondendo debaixo da capa permissiva das obrigações, que são passageiras.

Chega a hora tardia.

Lá vamos nós encontrar a pessoa amiga (lá está ela com os olhos vincados de rugas). Prossequimos com palavras entrecortadas. Suas perdas irrecuperáveis, que não pudemos confortar e amaciar, pulsam acontecimentos que foram se cristalizando. Sua voz nos diz que é assim mesmo, que é a vida. O que seus lábios não falam e que está guardado dentro de seu coração bonito é a pergunta que também ecoa em nós: por quê?

Se somos amigas de alguém e se o adiar é recíproco e repetido, temos algo a encarar. Temos responsabilidade de sacudir a pessoa amiga, de ir ao seu emprego, ou debaixo do seu prédio, com uma surpresa repentina, com um riso sem jeito, ao menos para lhe dar um abraço. E, se não der, se a distância não deixar? Mantenha o telefone atualizado, a mensagem breve, a chama acesa. Alguma coisa você precisa fazer para resguardar esse presente.

As mais sábias vão incluindo a amizade querida também nos eventos de família. Vão ensinando os amigos a amar aquelas tardes insanas, a tolerar algazarra de cachorro, criança e passarinho. Em pouco tempo, esse tipo de amigo fica indispensável também aos seus pais e irmãos e você passa a ser convidada para os almoços da família dele.

Eu preparei um chá com muitas flores, debaixo das árvores do quintal, em meu último aniversário. Quando vi no espelho minhas primeiras rugas, quis muito uma tarde para rir com minhas amigas e amigos, parentes e vizinhos, e compartilhar isso também.

Escolhi um vestido amarelo também florido e fiz, eu mesma, um bolo confeitado com anéis de coco e morangos. Decorei as tacinhas com espátulas para patê e revi as dobras dos guardanapos de tecido, com todo carinho.

Só antes da hora marcada me lembrei de que os feriados antecipados talvez tivessem levado algumas pessoas a viagens curtas. E foi o que aconteceu... Então, tive de me contentar com a presença de apenas algumas de minhas amigas. Mas desfrutei de um verdadeiro banquete de alegria.

Adélia já é avó (é um tempo rápido até que suas amigas se tornem avós!). Mas, mulheres assim, que têm olhos de oceano, nunca envelhecem. Ela veio de ônibus de

um ponto distante, por isso demorou para chegar, e desceu a escadinha até o quintal já de braços abertos. Sua bata bordada mostrava a mesma mulher romântica de sempre, que eu conhecera há vinte e poucos anos, quando suas meninas usavam tranças e ela dava aulas de origami para crianças. Ficamos de mãos dadas muito tempo, até que ela aceitasse experimentar alguma das geleias que eu havia feito.

Carle trouxe o ramalhete de flores, olhos prontos a ver coisas velozes e lentas, como borboletinhas ao redor de flores minúsculas às quais quase ninguém presta atenção. Começou a comentar um livro com ilustrações e avistou um beija-flor. Falamos sobre uma viagem para onde mora sua filha, e ela me deixou enxergar seu imenso coração atrás das palavras. Cortei com exatidão uma fatia de torta, sabendo que ela ama os detalhes e tentando corresponder à sensibilidade de seu olhar de artista. Eu a escutei suspirar e olhar para mim com ternura. Justo ela me havia dado um livro sobre os livros dentro de nós. Minha filha e a sua haviam brincado de chá de bonecas, usando um joguinho de porcelana pintado à mão, ali no quintal.

Andrea Alessandra é uma amiga de infância e chegou depois de todos os outros convidados, exibindo dentes muito brancos. Ela tem uma pele negra acetinada e sempre afirmou ser meu outro lado, já que temos o mesmo nome. Não conseguiria contar quantas gargalhadas deu e quantas histórias engraçadas narrou até que sacudíssemos a mesa e tudo quanto havia nela, enquanto comíamos, não nos importando se eram as sobras das bandejas de serviço. Lembramo-nos de que ela havia estado muito doente, voltando por milagre a uma vida rica de música, paixão e fé; ela agora pastoreava outras mulheres. Eu assistira a seu casamento com um homem maravilhoso, cantando e pulando como ela mesma fazia naquele momento lindo, até chegar ao pequeno altar florido.

Naquela tarde recebi muitas pessoas. Minha mãe, com suas mãos já envelhecidas e magras e meu pai cuidando dela constantemente, casais de amigos, vizinhos, uma jovem amiga solteira e saltitante. Convidados queridos que caminharam debaixo das árvores, lendo bilhetinhos e guardando laços que amarrei.

Na manhã seguinte, escutei do outro lado da linha a tristeza na voz de Andrea Helena. Ela não pudera vir e lamentava com muitas expressões de afeto ter estado ausente, pedindo que eu fosse buscar o presente que me enviara, através de um portador. Demorei alguns dias, mas consegui, finalmente, ter em mãos a sacola. Havia ali dois livros grossos – uma maravilhosa Bíblia rosa para mulheres e um livro

de promessas. Andrea escrevera à mão dedicatórias dignas da poetisa que é. Eu a vi recitar essas poesias com voz embargada, enquanto descia a escadaria de um solar, no lançamento de seu primeiro livro; eu recebera suas cartas desde que nós duas tínhamos treze anos, algumas escritas de pontos distantes do país; eu me deleitara, muitas vezes, vendo seus filhos crescerem, correndo ao meu redor.

O que recebi de mais precioso naquela tarde foi a possibilidade de parar e sorver a essência da vida inteira em goles de amizade que nunca esquecerei.

E O MENINO CRESCIA
E SE FORTALECIA EM ESPÍRITO,
CHEIO DE SABEDORIA,
E A GRAÇA DE DEUS
ESTAVA SOBRE ELE.

(Lc 2:40)

Volte aos seus filhos...

As mãos de menina com anéis de cores vivas em todos os dedos e o laço, que arrematava a alça de tecido quadriculado, estavam me dizendo muitas coisas.

Dentro do borboletário, pude ver com clareza.

Como ela possuía uma pele clara, e como seus dentes de leite realçavam no rosado da boca, espargindo lindeza em tudo! Era um presente que qualquer notável caminhante poderia constatar e que qualquer tolo poderia ignorar.

Antes do nascimento dessa menina, eu havia ganhado de presente um livro sobre as mães. Na capa, uma mulher deitada sobre a relva encostava o rosto nas bochechas rosadas de uma garota com cabelos de anjo. Fechei os olhos e desejei que uma menina assim estivesse morando na minha barriga.

Quando ela começou a crescer, encantei-me com o fato de se parecer, de verdade, com a garota do livro. E naquele dia, no borboletário, ela estava ali a me olhar, com olhos de jabuticaba, e a me chamar de mãe.

Sua mãozinha me puxou na direção de uma cascata e ficamos escutando o som da água e sentindo os respingos nos nossos pés. Eu podia saborear seus gritinhos de prazer diante dos bandos de borboletas de todas as cores. Naquele momento, não me importavam as contas a pagar, o tipo de carro que eu tinha ou a previsão do tempo. Diante daquele ser, para o qual eu representava tantas respostas, senti que o amor bastava.

Fomos olhar o compartimento onde acontecia a transformação das lagartas. Ela compreendeu que os casulos eram ninhos e quis ver o rompimento da casa translúcida. Eu lhe disse que era isso a vida, e que seria assim também com ela, que um dia romperia seu próprio casulo.

Ficamos um longo tempo ao lado de arbustos que atraíam borboletas e beija-flores. Anotamos nomes de plantas e tentamos decorar o formato de suas flores, para buscar mudas e

ter cada uma delas em nosso jardim. Devagar, nos encaminhamos para a saída.

Eu apertava sua mãozinha com todo o carinho, quando o segurança nos chamou. Ele disse algo que soaria como um presente. Contou-nos que aquelas borboletas amarelas, que voavam ao redor de nós, também tinham recebido o nome científico de Júlia.

Com encanto igual ao das borboletas, ela começou a orar por um irmão, mas eu só descobri quando, meses depois, comecei a sentir uma fome inusitada, no meio das tardes. Comprei um teste de gravidez e fui para casa.

Pedi a Júlia e a Fred, meu marido, que fossem até a padaria buscar alguma coisa para o lanche.

Então, dentro da quietude do banheiro, fiz o teste, e olhei o visor que indicava o resultado positivo!

Assim que os dois chegaram, eu lhes perguntei por que haviam comprado tão poucos pães. Eles mostraram a sacola grande, com ar de espanto, e eu lhes disse que teria mais fome de agora em diante, por causa do bebê. Ambos pularam e gritaram abraçados na sala alta que propagava os sons.

Os meses seguintes foram de muitos enjoos e eu tinha certeza que daria à luz uma menina. Eu não queria revelar, mas tinha medo de não conseguir educar bem um menino, após ouvir tantas histórias sobre a famosa energia dos garotos e suas peripécias de enlouquecer as mães.

Minha apreensão materna também me levava a perguntar a mim mesma se teria pelo bebê tanto amor quanto tinha por minha filhinha.

Até o sétimo mês não pudemos saber o sexo, mas um exame de emergência mostrou o que eu nunca imaginaria: um bebê do sexo masculino.

Os dias passaram depressa e decoramos o quarto do rapaz, pendurando um suéter minúsculo no cabideiro, para simbolizar sua chegada iminente. Era muito engraçado ver aquele casaco em miniatura, feito para saudar o novo dono.

Fui para o hospital com data marcada, devido a picos de pressão e, no início de uma manhã de setembro, pela primeira vez, ouvi o choro de Miguel. E, para minha felicidade, era um choro suave e gentil.

Quando o colocaram ao meu lado e ele acordou, pude ver o intenso tom de azul de seus olhos e uma expressão de paz que me iluminaria para sempre.

Parece que o Criador conhecia meus sentimentos sobre os meninos e me enviara Miguel, esse presente de bondade e carinho sem temores, desde o ventre até hoje.

Certa vez, no supermercado, uma mulher fixou o rosto do menino dentro do carrinho onde eu o colocara e me disse que estava emocionada. Deus estava dizendo a seu coração que eu teria muitas alegrias e que ele seria um bom homem.

Aos sete meses, ele já tinha o dobro do tamanho dos bebês de sua idade. Os cabelos claros escapavam da touca com que protegíamos sua cabecinha nos dias frios. Ele era encantado com as sombras que seu corpo projetava nas paredes da casa e amava engatinhar no jardim, para tocar as folhas das plantas.

Miguel foi sempre modelo de gentileza e respeito pelos colegas. Só recebemos elogios dos professores e soubemos, desde sempre, que seria um cavalheiro.

A cada ano, Deus me mostrou o quanto eu estava enganada sobre a grandeza de gerar uma vida. Tudo é tão maior e mais forte do que eu pensei, que não posso colocar em palavras.

Sinto que os filhos são como o beijo de Deus em nossa face!



Uma profunda inspiração de amor gerou a vida de seus filhos.

Há bilhões de anos, quando nasceram estrelas que talvez nunca sejam identificadas, seus nomes já estavam lá. As possibilidades matemáticas e a rota positiva era traçada com base em uma metafísica, que também previu ramificações complexas em tudo quanto há. Estas, como as nuances de suas personalidades, só podem ser reveladas pela lente do Criador.

A ciência não descobre, ela apenas cogita dentro de fragmentos e teoremas, hipóteses a respeito das conexões que Deus elaborou. Deus é amor, por isso nunca criou elementos que sobrevivessem sem cooperação mútua (1Jo 4:7,8). Estabeleceu a unidade como princípio para a existência de vida. A interdependência das coisas está até mesmo na poeira cósmica e, como aprendemos na escola, em qualquer cadeia alimentar.

Deus estabeleceu raízes profundas que entrelaçam filhos e mães (Sl 139:13-16). Você foi escolhida antes das eras para doar recursos que farão deles adultos bem preparados. O Pai considerou o seu nome único e lhe confiou todo o treinamento afetivo, psicossocial, cognitivo e espiritual de suas crianças.

Essas células multiplicadoras de vida, que possuem características genéticas em cada par de cromossomos, carregam em si ímpeto, harmonia, ideias, força, criatividade e outros atributos. A maternidade é uma aliança na qual você recebe a honra de salvaguardar toda essa beleza impressa por Deus na identidade de uma criança (Is 49:1-5).

Quantas vezes nos perguntamos, em nossa trajetória como mães, qual é o caminho? Jesus nos responde que é o Caminho (Jo 14:6). Por inúmeras vezes, olhamos para nossos filhos com um sentimento de incapacidade, buscando transmitir-lhes o sentido da vida. Jesus nos diz que é a Vida. Essa Vida, desde sempre, vem atraindo mães a seus filhos e estes às suas mães, como em uma ciranda que coroa de beleza os dias na Terra.

Seus filhos estão dentro do círculo de intimidade ao qual Jesus chama de “próximo” (Mt 22:39). Enquanto estiverem sendo educados, todos os dias precisarão de muitos tipos de alimento: espiritualidade, amor, disciplina, sabedoria, cuidados físicos e afetividade são alguns deles.

A missão de mãe depende da disponibilidade não somente de tempo, mas de pensamentos que se voltem para esses rebentos, cercados de tantos estímulos por todos os lados. Em certos dias, os filhos querem um colo para contar como foi a escola; em outros, que amassemos com o garfo sua comida, como quando eram menores. Todas as suas carências emocionais nos pedirão o olhar atencioso.

Infelizmente, mães ausentes tendem a ser permissivas, buscando compensar aquilo que não conseguiram dar, enquanto deixam que seus filhos trafeguem sozinhos entre perigos e alegrias, cedendo a eles vantagens que deveriam ser conquistadas. Toda criança precisa de limites claros, firmeza no olhar, convicção na voz e da autoridade repleta de amor que há na presença de sua mãe (Pv 22:6).

Pensamos no modo de ensinar das gerações passadas que, mesmo nos parecendo rigoroso, apresentava resultados consistentes. Desejamos também ser amigas de nossos filhos, mas vemos que hoje esta linha tênue confunde as pessoas, criando gerações sem noção de autoridade e sem amor próprio, que envergonham seus educadores (Pv 29:15).

Para educar e corrigir corretamente seus filhos, pergunte-se primeiro como Deus trata todos nós (Dt 8:5). Volte os olhos para a justiça de Deus e pense nas leis naturais e espirituais. A justiça de Deus nos permite vivenciar duras lições todos os

dias. Por outro lado, temos também um Pai amável e generoso, que comanda a divisão de cada célula de modo simétrico em todo lugar, alimentando o universo de forma insondável (Jó 38:1-41).

A disciplina em amor só pode ser exercida quando houver o acompanhamento dos atos de uma criança ou de um jovem, de maneira integral. Quando seu filho se torna adolescente, necessita mais ainda de sua opinião e orientação, de que seja amiga o bastante para observar, aconselhar e corrigir, notando as mudanças que vão acontecendo. Quando a disciplina for necessária, terá de ser compatível com a situação vivida. As consequências dos atos negativos só serão coerentes se a mãe possuir esse amor e for capaz de conduzir o amadurecimento do filho, mesmo diante de uma situação difícil (Pv 29:17).

Um dos bons exemplos de disciplina é a lei da restituição. Se uma criança ou um jovem danifica determinado objeto, ainda que não tenha tido a intenção, terá de ser ensinada a restituir. Restituir pode significar gastar dinheiro ou tempo reparando o dano. A mãe pode também conduzir o coração do filho à compaixão e ao pedido de perdão. Essa lição forjará o caráter de uma pessoa com plena compreensão do que é a propriedade (Dt 22:1-4).

Enquanto organiza lanches e ensina como limpar sapatos, a mãe estará cumprindo uma missão que não pode ser delegada nem paga: a de captar o que é necessário para que seu filho viva em abundância de valores espirituais.

Esses passos de afeto, porém, não devem significar que uma mulher está fazendo de sua família um troféu pessoal. No afã da conquista por espaço, muitas mulheres têm dado lugar à obsessão e à neurose por uma ordem que sirva como modelo de perfeição. A chave para encontrar o ponto certo entre disciplina e liberdade está no equilíbrio que cada mulher imprime ao cotidiano.

Podemos receber ajuda de pessoas na busca desse equilíbrio. É maravilhoso contar, por exemplo, com uma babá que tenha sólidos princípios e fé. Mas não há justiça em transferir a nenhuma babá o dever e o direito de educar uma criança. Boas escolas e cursos complementares são excelentes ferramentas para agregar valores e conteúdo, mas não possuem as respostas que são ensinadas pelas mães desde o ventre.

Estamos diante de uma geração que tem entregado a guarda de seus filhos a tutores integrais. Não chamarei esses tutores de educadores, porque a educação é

um papel primordial dos pais. A falha profunda em uma escolha tão drástica tem marcado nossa sociedade com consequências devastadoras. Os pais prosseguem justificando que desejam dar o melhor a seus filhos, quando o melhor seria darem a si mesmos.

Ninguém pode remunerar a paternidade, delegando esta a instituições ou pessoas, e permitindo que tenham para isso mais tempo que os próprios pais. Também não se pode aceitar que os filhos tenham como foco principal alcançar bons empregos e bens, usando como instrumento o estudo. Crianças necessitam de muito mais que informação e planos para o futuro. Filhos que passam dias inteiros dentro das escolas são impedidos de viver em toda a sua plenitude e de aprender verdades profundas. Muitas vezes seus pais alegam que estão trabalhando jornadas integrais para custear ensinamentos também integrais. Onde está a coerência nessa troca?

Alguns estão preocupados com o que seus filhos serão na idade adulta, sem se dar conta de que, neste exato momento, eles já são pessoas integrais, que dispõem de um conteúdo latente e em desenvolvimento (Lc 2:40). Existe um silêncio que nos interroga e um Deus que não encontrou justos sobre a Terra (Rm 3:10-12). Mães e pais de nossa geração já não gastam horas preciosas mostrando a meninos e meninas como pescar, enfiar linhas em agulhas, tornar firme uma gelatina e resolver conflitos que os atemorizam. Assim que estivermos longe demais, dificilmente haverá quem ajude nossos filhos a unir as mãos em oração nos dias de angústia.

A resposta para pais que não sabem como evitar a dependência de cuidadores para seus filhos está dentro do coração. Quando no passado vimos tantas pessoas adiarem suas carreiras por um pequeno tempo para priorizar seu lar; quando soubemos de mulheres que sustentaram suas famílias como doceiras ou lavadeiras, somente para estar perto de seus filhos; quando conhecemos outras que oram e negociam uma oportunidade de trabalhar menos horas ou mais perto de casa, vemos que há uma nova tendência e percebemos que existem saídas.

O discurso do *“tempo de qualidade”* não se cumpre na prática, porque este é o instante em que os celulares tocam. Durante o curto tempo em casa, há mães demais nos banheiros, retocando unhas para o dia seguinte. Uma minoria se senta com seus filhos nos caros tapetes que custaram as horas de abandono. Menos mulheres ainda lhes cantam canções de ninar e muitas vendem dias por férias em hotéis luxuosos que não valeriam uma tarde de sol ao lado de suas crianças.

Impossível não acrescentar aqui um questionamento. Como conseguiremos, apenas no chamado “*tempo de qualidade*”, cumprir a ordenança bíblica que nos diz: “E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.” (Dt 6:6,7)?

Quando lemos esse preciosíssimo texto, não nos parece que o Senhor esteja falando de algumas horas de qualidade, mas de todas as horas de nossa vida.

Precisamos compreender o coração das mulheres realmente interessadas em ser mães integrais.

Minha mãe voltou para uma vida no lar após um dia de serviço cansativo e aulas noturnas. Eu e meu irmão (que sempre foi um exímio fazedor das pipas mais bonitas do mundo) ficáramos acordados até tarde naquela noite. Perdemos a noção da hora, entre aqueles papéis de cores variadas, enquanto ele ia cortando, montando e colando todas as partes das pipas. Mamãe nos contou no dia seguinte que, enquanto girava a chave na fechadura, se deparou comigo ali, de pé. Com os olhos abertos, em uma crise de sonambulismo, eu abrira a porta antes dela. Minha mãe se perguntou o que faria se algo nos acontecesse enquanto estávamos sozinhos. Decidiu, naquela noite, acompanhar melhor nossa infância.

Durante esse tempo, eu e meu irmão brincávamos no quintal sob seus olhares, recebendo roupas feitas por ela, que também complementava a renda da família costurando. O amor de minha mãe fez de meu irmão um homem responsável e um marido cuidadoso, pai de uma família também abençoada. Seu amor deu a mim todos os recursos para contar aqui sua história de missões urbanas que encheram igrejas inteiras com vidas restauradas.

Algo especial aconteceu também no dia em que decidi voltar ao meu lar. Eu entendi que a infância viera morar em meu quintal quando eu não estava lá. Elevei minha voz aos céus em busca de respostas que começaram a vir.

Então, enquanto estava grávida, fui convidada por um amigo a criar um programa de rádio que levasse às crianças a cultura popular de nosso país por meio de brincadeiras, histórias e cantigas de roda. Poderia escrever e deixar ali marcas que fizessem a diferença e incentivassem pais a dar a seus filhos uma infância mais pura.

Surgiu assim uma casa da árvore, lugar imaginário que ganhou almofadas floridas e baús, cozinha e laboratório, varanda e mata nativa. Na verdade, é um lugar que

nasceu de sementes lançadas lá atrás por meus pais e avós. Hoje temos uma floresta de boas intenções, amor que visita os biomas, os povoados, as casas de poetas, e mergulha em rios de pedrinhas límpidas, com peixinhos cor de outono.

Eu não preciso estar todo o tempo cuidando desse projeto, presente de Deus e manancial de vida para muitas crianças de lugares distantes e próximos. Posso acompanhar meus filhos e me dedicar a eles nos dias em que não estou gravando.

Quando Júlia tinha seis anos, começou a ler os roteiros em meu quarto e consegui me ouvir em sua voz. Enquanto me escutava treinar, ela havia aprendido a expressar emoções através da fala. A história se repetiu com Miguel, que, quatro anos depois, passou a recitar poesias, tornando-se um ávido leitor.

Fred foi o último a integrar nossa pequena trupe, que se mudou em definitivo para essa casa imaginária, para onde vamos juntos levar esperança a crianças de todos os lugares. As vozes de nossa família falam de um amor à terra, à sua cultura e à sua gente, que Jesus veio encontrar um dia.

Ao refazer minha vida e minhas perspectivas, o Senhor me presenteou com o nascer do sol e a visão de bocas sorridentes com janelinhas.

Esses são os lábios dos quais quero ouvir, um dia, que tudo valeu a pena.

MAS, SE ALGUÉM
NÃO TEM CUIDADO DOS SEUS,
E PRINCIPALMENTE DOS
DE SUA FAMÍLIA,
NEGOU A FÉ, E É
PIOR DO QUE O INFIEL.

(1Tm 5:8)

Volte à sua família...

A obstinada Nina viera de navio desde a Europa para tentar a vida no Brasil, onde construíra casas pegadas umas às outras naquela vila que era como as de Veneza, sua terra natal.

Guilherme, que a amava como a natureza ao sol, alimentava-se daquela risada que recebia os filhos entre panelas de molho e pães que ninguém conseguia imitar.

Com o passar dos anos, os netos, sobrinhos, genros e contraparentes das ruas distantes recebiam a convocação de vó Nina: haveria jantar na rua da vila. Afastava-se tudo o que estivesse na calçada porque o que importava era gente.

O dia inteiro era gasto em cozinhar, cortar a massa, e enrolar gnocchi para quem viria. Ninguém saíria daquela casa sem estar pleno de riso, de abraço e de comida.

Por isso, quarenta anos após a morte de vó Nina, estavam ali no restaurante aquelas mesas emendadas. O segundo andar virou a casa, a vila. Jovens com penteados modernos representavam os filhos da nova geração. Também o restaurante era antigo naquela praça e os garçons, por décadas, ouviam as mesmas histórias de clientes que foram se tornando amigos.

As toalhas em xadrez vermelho e branco estavam prontas para que se servisse o cardápio memorável: gnocchi, lasagna, canelloni aos molhos pesto, sugo e bolonhesa e, um tributo a vó Nina, panini com pancetta.

As mesas foram enfeitadas com cópias de fotografias. Imagens de meninos e meninas a brincar nos pátios e das tias reunidas em alguma janela estavam entre os retratos. E vieram as exclamações saudosas, as canções daquelas tardes regadas a vinho de mesa e choro de crianças pequenas!

Nascia, pelo menos para a família de vó Nina, a tradição de reconciliar. Se uns eram desafetos de outros, na tarde adentro não o parecia.

Em um dia assim, lá na vila, perfume de molho e gargalhadas se espalhariam pela calçada nos mostrando o que poderíamos estar perdendo.



Pensar nas manias e incoerências que toda família vivencia é rediscutir o óbvio.

Há que existir o parente de hábito exótico, o que nunca fala, o que ri de tudo e até o que é menos responsável que os demais.

Seus parentes, com certeza, são autores de alguma cena inconveniente, seja à mesa, na intimidade familiar ou diante de estranhos. A incoerência pode atingir uma escala que vai da falta ao excesso de atitudes básicas. Podemos até afirmar que todas as famílias são protagonistas de algumas das cenas mais bizarras e triviais de nossa existência. Do mesmo modo como nos sentimos incomodados com algumas atitudes, também geramos insatisfação aos outros ao longo de nossas vidas.

Ainda assim, a família é a unidade de beleza mais vibrante que existe. Sonhada por Deus, ela prossegue combatida, alvejada por dardos inflamados (Ef 6:14-16), mas convicta, certa de seu papel.

Em uma conversa de amigos, se apenas uma das pessoas viveu a experiência da paternidade, torna-se impossível expressar à outra, com justiça, a profundidade do amor de Deus quando criou e abençoou a primeira família (Gn 1:27,28). Unidade é um conceito perfeitamente claro para quem trouxe à luz outro alguém.

A visão dos dedinhos frágeis de um bebê é como um trator, no qual a esteira esmaga o bloco de dureza emocional que ainda pode resistir no interior da maioria dos pais ou mães. A escalada de cuidados (traduza-se aqui amor) minuto após minuto, ano após ano, década após década, acaba tornando obsoletas as palavras. Como expressar? Como verbalizar o intangível?

Há imenso número de famílias disfuncionais, mas se olharmos de perto a linguagem de amor de cada núcleo familiar, veremos fluir um rio de bondade. Agasalhos cobrindo orelhas, bicicletas reformadas e febres monitoradas ao pé do travesseiro dizem muito sobre o que é uma família.

A família não existe para lustrar o ego das pessoas e atender seus caprichos ou para ser exatamente como queira este ou aquele, mas para tornar possível o acesso

ao necessário crescimento em todas as áreas. Aos olhos uns dos outros, ninguém parece ideal. Por isso, esse crescimento se dá também por cortes e podas, e os cuidados ao longo do trajeto até a idade adulta não incluem sempre compreender os motivos de quem está conduzindo a família.

Quase todas as pessoas que conhecemos relatam suas melhores memórias de infância como aquelas marcadas por uma fervilhante alegria familiar. Formada por um núcleo original, agregados, sobrinhos, primos e cachorros adotados, essas reuniões alteram os dias, transformando-os em um tempo notável. Em um riacho no qual se partilham gritos e o mínimo espaço, a alegria se torna intraduzível. As famílias, também nesses dias festivos, são uma nascente de lições. Quando vamos crescendo surge o desejo de fuga a essas lições, que nos exigem tolerar e compartilhar, doando nosso espaço muito mais do que desejaríamos.

Esteja convencida de que sua família é a escolha de Deus para sua vida (Sl 68:6). Ela, provavelmente, não cumpre seu ideal de perfeição, mas está no centro do que a boa, perfeita e agradável vontade de Deus (Rm 12:2) planejou para você.

Todos somos únicos e preciosos. Mas essa singularidade nem sempre é de simples aceitação. Podemos nos deparar com famílias que tenham, por exemplo, um filho sensível à arte vivendo ao lado de um pai que não consegue captar quão valiosos são seus dons. Nem sempre haverá aplauso, mas talvez esse filho necessite de alguma dose de pragmatismo e, o pai, de sensibilidade.

Existe muita nobreza na atitude de alguém que não consegue entender sua família, mas se permite aceitar os demais como são. O problema é que as pessoas nem sempre suportam o peso das diferenças e tendem a abrir mão da convivência familiar, procurando seus pares em amigos, vizinhos, professores e outros que entendam como seus iguais. O que não podem fazer, entretanto, é abandonar a lição primordial que Deus lhes destinou (Cl 3:12-21). Precisam passar pela prova de conciliar e aceitar outras visões dentro de seu próprio lar, compartilhando respeito através do único vínculo perfeito: o amor (Cl 3:13-15).

Sem amor à família que possuem, muitos se tornarão críticos e cínicos, capazes de sempre julgar de forma negativa seus parentes e sem ter muita compaixão por suas limitações.

A pior escolha que um filho ou filha pode fazer é distanciar-se da família por não suportar o modo de ser de cada um. A expressividade estridente de uma tia, a falta

de exuberância da própria mãe e a mania de acúmulo do pai acabam sendo visões indesejadas, e muitos não conseguem manter o olhar fixo no que Deus propôs. Deus está dizendo alguma coisa por meio dessas pessoas e deseja que você abra seu coração e também seja uma luz para elas (Mt 5:14-16).

Não aposte demais na lealdade de amigos com os quais não tenha vivido horas realmente críticas. Se não tivesse aonde ir, se uma dívida caísse em seu colo, se uma doença terminal exigisse cuidados íntimos... horas assim (Pv 19:7).

Tenho visto pessoas com expectativas enganosas a respeito dos amigos. Há uma ponte entre a alma do amigo e a nossa, que permite que ele seja como parte do nosso próprio ser; cada amigo está ligado a nós por fios de encorajamento, esperança, bondade e inclusão. Ponderar sobre a realidade é uma bela missão de amigo, mas lidar com nossas lutas angustiantes é papel de família.

Ter um excelente amigo ou amiga não nos dá o direito de fazer pesar sobre essa pessoa o trabalho de cuidar de nós. Todo amigo que assim o faz está indo além de suas forças. Seus suspiros de exaustão provavelmente não chegarão aos nossos ouvidos, em razão da consideração que ele tem por nós. Amizades nos consolam, nos alegram, nos mostram faces do paraíso que, por si só, já são o conforto. Mas quem perpetua sua imaturidade e sua guerra pessoal obriga seu amigo a estudar um modo de ficar distante. Para manter um amigo próximo e nunca perder de vista a bênção de sua presença, filtre o peso que impõe sobre ele.

Em sua constituição original, mulheres tendem a ser mais ligadas à família. Até mesmo de forma inconsciente, estão sempre buscando destinar o resultado de suas realizações e de seu carinho a pais, irmãos, sobrinhos, cunhados, filhos e marido. Algumas “adotam” contraparentes como se pertencessem ao núcleo familiar.

Benditas sejam as mãos de mulheres que estão empenhadas em cercar de afeto as mesas familiares. Mesmo com o pouco tempo, o dinheiro escasso e a incompreensão de alguns, convidam os parentes, telefonam para os que não queriam mais contato, reúnem os pratos descasados da louça de casa e enfeitam a mesa, deixando que algum perfume venha direto do forno.

Para as que não se sentem dispostas a honrar seus pais, tendo eles ou não um exemplo ideal, a Bíblia diz que o êxito será uma estrada curta, um pequeno passeio até ali (Êx 20:12; Lv 19:32; Pv 30:17). Honrar seus pais não é um chamado que deve corresponder à medida dos atos deles, mas à força do seu amor a Deus.

Só entendemos a extensão desse amor e sua falta quando nos despedimos definitivamente de um parente. Nunca mais ver seu rosto, nem tolerar com bom humor suas manias, nos faz deixar de lado algumas das exigências que estabelecemos ao longo da vida. Transitaremos entre o desejo simples de ter de volta o abraço, o riso sem força e aquele olhar da janela.

Você não vai ouvir relatos de famílias perfeitas em lugar algum, mas no pequeno momento – pode ser uma fração de segundos – em que uma mulher consegue traduzir em si mesma a palavra lar e cercar-se do amor de todas essas pessoas, ela irá sentir-se muito mais alma que corpo.

Descobrir que a palavra “éden” significa prazer e que Deus plantou um jardim para que nele habitasse a primeira família, nos permite entender o que Ele pensa sobre vivermos em comunhão (Gn 2:7-24).

Minha mãe envelheceu e tornou-se frágil para suportar nossa algazarra. Passa muitos dias deitada em sua cama, onde se refugiou das dificuldades com a visão. Esquece nomes e aperta minha mão, como se quisesse reter alguma coisa.

Meu pai cuida mais dela que das próprias necessidades, mas isso não é suficiente para trazer de volta a mulher de antes. Ela nunca foi de falar muito, mas construiu um ninho de amor que nos enlaça por todos os lados. Na sala há bules de porcelana com flores, nas gavetas, coisas anotadas com sua caligrafia. Ela já não se importa com o que era valioso antes. Tudo mudou, menos nosso sentimento. Como a queremos por perto! Não nos importa que não consiga fazer tarefas sozinha.

Nada importa diante da montanha de amor acumulado ao longo de décadas.

ESTA É A VOZ
DO MEU AMADO,
EI-LO AÍ, QUE JÁ VEM SALTANDO
SOBRE OS MONTES,
PULANDO SOBRE OS OUTEIROS.

(Ct 2:8)

Volte ao seu amor...

O título inacreditável daquele convite com o número 25 registrava as bodas de prata. Não era possível! Não fazia tanto tempo assim. Não na minha memória.

Verônica, com seu riso de garça sobre o lago, poderia entrar na sala a qualquer momento, segundo a minha impressão.

Na época, me contou que ela e o marido tiveram um namoro longo. Ficavam parados, em frente ao portão, como dois bobos, tentando ir embora. Para dentro da casa ou para fora, qualquer opção partiria o coração de ambos.

A cada noite, pensavam em frases de despedida que acalentassem aquele desejo grande de nunca se afastarem. Com imensa beleza nos olhos e mãos que insistiam no encontro, voltavam ao ponto de partida. A realidade, porém, os cercava, e era preciso ir. Era preciso o estudo, o trabalho, o dia seguinte para deixá-los cada vez mais perto. Só por meio dessas coisas conseguiriam um dia ter uma casa, com um espaço só deles. Até que, finalmente, se casaram.

Quando nos conhecemos, seu filho (hoje, um homem) abraçava nossas pernas, pedindo colo. Seu marido era um homem grande, espirituoso, com ar nativo. Ela sumia em seus braços quando ele a abraçava.

Como trabalhávamos juntas, eu ia com Verônica à casa de seus pais, onde sempre estavam seus irmãos também sorridentes.

Naqueles vinte e cinco anos, eles tinham organizado as festas de família, mantendo a tradição das orações de fim de tarde e o engajamento na igreja onde se casaram. Criaram um rapaz e uma moça maravilhosos e celebraram a compra da casa própria. Cuidaram de seus pais quando estes adoeceram e apresentaram os primeiros sinais de senilidade.

Verônica conseguiu concluir o curso de Enfermagem trabalhando longe de casa, com a ajuda do marido, que acompanhava as crianças na sua ausência.

Eu, com minha família formada, cheguei ao lugar das bodas antes do começo. Queria ver cada detalhe, queria que meus olhos me convencessem de que haviam-se passado 25 anos. Em meia hora a plateia estava cheia de amigos do trabalho, da infância e da vizinhança. Estavam também ali o sacerdote que abençoara a união do casal, os pais dela, os irmãos e outros parentes.

Houve uma seleção de músicas para a entrada das alianças e de seus filhos, que carregavam uma Bíblia.

Em uma declaração espontânea de seu amor e de sua admiração, o marido de minha amiga cantou para ela a canção que marcara o dia em que se conheceram.

Todos fomos embora com a certeza de que Deus nos permitira nos assentar, naquele dia, entre príncipes.



Deus é amor (1Jo 4:8). No antigo testamento, Ele dá a si mesmo o nome de Eu Sou (Êx 3:14). Portanto, o amor é.

O som do amor irrompeu na escuridão e foi o *logos* que chamou à vida todas as coisas.

Sentindo a solidão do homem, Deus materializou para ele o amor – semelhança de Si mesmo.

Carne da carne, noiva de um amado que vem sobre os montes e um só corpo são metáforas do amor possível.

Os poetas, filósofos e pregadores têm tentado, ao longo dos séculos, alcançar um conceito de amor. Mas o amor ri dos conceitos, porque o amor é ação.

Amar alguém é constatar que o tempo lhe escava rugas no rosto e achar o rosto ainda mais precioso, dado o pertencimento.

A letra da canção *Años*, do compositor cubano Pablo Milanés, vem falar da construção de um amor que avança através das décadas, por entre as conversas, certezas e dúvidas, enquanto o relacionamento é transformado, mas não exaurido pelas circunstâncias. A música insiste em uma harmonia perene.

Voltar ao seu amor é colher a última flor do jardim, é abrir mão de minutos que lhe eram preciosos apenas para estar ao lado. A bênção de encontrar a pessoa amada

deve ser tão constante quanto sua raiz; uma certeza notável, que distingue amor de paixão, separando ambos e tornando a paixão subserviente ao amor.

Esse amor não pode ser contido, mas tudo domina.

Quando o dom imaterial de amar se apropria das coisas que existem ao seu redor, constrói um ninho oculto às tempestades. É todo dia chegar em casa, cuidar, alimentar, ouvir e alegrar o outro. É nunca desistir de ensinar e compartilhar porque nunca se quer perder, não se admite começo nem fim. Antes, quem ama compreende que encontrou seu par na eternidade e mantém a sensação de sempre tê-lo conhecido e o medo de perdê-lo.

É assim o meu amor. A materialização do amor de Deus em minha vida tem o nome desse homem de alma bondosa e atos de cuidado permanente para comigo e para com nossos filhos. Vê-lo dormir ou contemplar a chegada dos primeiros cabelos brancos em suas têmporas é viajar na história escrita para mim. O amor que sinto por ele se servirá da paixão necessária, mas quando a paixão deixar de ser um evento e se distribuir em detalhes, vamos escancarar as janelas do dia e nos declarar vitoriosos. Então, a possibilidade de alguns minutos distante desse grande homem a quem Deus me permitiu conhecer, de fato, me assustará. Por isso estou disposta a viver com ele a intensidade merecida.

Em uma observação menos profunda, mas não menos necessária, quero construir pontes que podem começar com uma palavra que me sirva de pretexto. Não basta estar no mesmo cômodo ou cidade em que ele está. Preciso ter a alma ligada à sua, compreendendo como ele se sente. Essa fusão tão esperada traz sentido à minha existência, mas não se limita a nós. Essa fusão nasceu em Deus e fez brotar vida ao redor: amigos, livros, árvores e nossos filhos.

O amor me ensinou a exercer a compaixão e a compaixão me permite um quebrantamento. Esvazio-me de mim mesma para ver a felicidade estampada na face desse homem.

Percebo que a atual geração tem um querer possessivo que deixa a desejar na prática do cuidado, estando, portanto, distante do amor. A tolerância não aparece assentada onde deveria. Em seu lugar está o ego, com seu cetro de tirania, e a paixão pela paixão. A paixão quer para si mais do que quer bem. Aliás, a paixão é uma miríade de fantasias sobre alguém; tem foco no objeto e um ponto de referência e pode migrar para outro objeto, conforme o tempo passa.

Toda mulher deve identificar, dentro da névoa de seus sentimentos apaixonados, as necessidades de seu amado, centralizando seu sentir na missão do acalantar e aninhar. Então, algo glorioso virá após a paixão.

Algumas de nós estão dedicadas à construção de histórias de profundidade. Podemos ser bondosas, mesmo não recebendo sempre a bondade em troca, porque temos fé em uma mudança que virá com o tempo e com uma semeadura do bem. Por essa razão, estamos conseguindo que nossos companheiros sejam cada vez melhores pais e filhos, que nos olhem com muito mais ternura. Há muitos homens adotando não somente as carreiras e os sonhos de suas esposas, mas carregando seus bebês em cangurus e permitindo que seus olhos se umedeçam diante dos desenhos animados e amando mais seus familiares, porque lhes foi dado amor.

No entanto, também temos, na outra ponta da linha, um acúmulo de impaciência e egoísmo da parte de homens e mulheres que vêm desistindo dessa construção coletiva. Não estamos mencionando aqui aquelas pessoas que foram abandonadas ou feridas em um relacionamento. O tema central, nesse caso, são as que estão em falta com seu relacionamento.

A mulher que não prepara seu coração e seu tempo para o amado não é digna dele. O livro dos Cânticos nos fala de uma esposa que estava preocupada demais com sua aparência para atender a um amor que batia à porta. Quando finalmente ela abriu, ele já tinha ido embora e na maçaneta havia apenas vestígios do óleo essencial com o qual o amado havia se perfumado (Ct 5:1-5).

O desencontro é uma injustiça para quem ama.

Desencontrados por causa de seus empregos, de seus estudos, de seu cansaço, os amores seguem enfraquecidos, silenciados pelo barulho dos aparelhos ligados, das mídias que permitem o contato sem a devida intimidade e de instrumentos que vão assolando os lares.

Se sua família tem estado dividida entre televisão, computadores e celulares, e isso vem atingindo seu casamento, saiba que você tem responsabilidade integral nisso.

A Bíblia diz que a mulher sábia edifica a sua casa (Pv 14:1). Edifícios são erguidos sobre pilares profundos.

Cabe a nós, mulheres, conduzirmos muitas conversações e termos um pulso firme diante das escolhas que ameacem nosso casamento e nossa família. Em suas

mãos estão o sim e o não. Devem ser ditos com amor e sabedoria, porém, com autoridade. Cabe a nós orar para modificar situações em um trabalho que não faz acordos com o mal.

Tem faltado sabedoria a muitas de nós para preparar não somente nosso leito e nossa aparência, mas mesas maravilhosas e canções agradáveis, assim como um coração paciente para ouvir e abraçar homens atingidos de todas as formas pelas pressões do mundo.

É preciso, sobretudo, que a mulher compreenda o dom da submissão de que a Bíblia fala com tanta propriedade (Ef 5:21-23). Esse texto sagrado não trata de hierarquia, mas da capacidade de ser humilde e deixar-se cuidar, de uma inteligência feminina que não agride nem fere a masculinidade do seu amado. A mulher sábia apazigua de forma tão sutil que não a percebemos agir. Provérbios nos conta que ela faz bem ao seu marido, e não mal, todos os dias da sua vida (Pv 31:12).

Submeter-se é oferecer seu coração e corpo de maneira gentil e apaixonada, é conversar educadamente sobre finanças, buscando ser uma auxiliadora idônea (Gn 2:18) do esposo e da família, é conduzir os filhos a respeitarem o pai e admirarem suas qualidades, é ser a conselheira que sabe o momento certo de falar e convidar à oração. São essas, entre tantas outras, as lições que o Espírito Santo nos ensina.

Mulheres servas permitem que o Senhor derrame mirra e incenso sobre suas línguas e suas mentes e são canais de bênção e excelentes escolhas dentro de uma casa que não se curva ao mundo. Não há gritos, não há programas negativos, não há mágoas pendentes e outras fontes de trevas que destroem a unidade (Fp 4:8).

Uma mulher que ama seu marido não critica a família dele, não desmerece o serviço que ele lhe apresenta e não gasta os recursos da família de maneira insensata (Tg 3:1-6). Uma casa desorganizada e sem regras de higiene, onde reina o desrespeito ao descanso e à privacidade, onde há ausência de beleza e sensibilidade, é o caminho por onde o destruidor passa.

O desamor em um casamento se torna evidente quando uma mulher leva ao seu marido toda a sorte de problemas assim que este chega à porta. O lar não é mais o refúgio de paz, mas o inferno onde as angústias não dão trégua (Pv 21:9).

Deus é amor e nos concede sabedoria para sermos a presença viva Dele em nosso lar. Por meio Dele, aprenderemos o momento certo de dizer, ou não, o que precisa

ser dito. Se o Espírito Santo assim o quiser, vamos adiar até quando for necessário (Pv 25:11).

Esposas que desejam que seu casamento seja uma bênção amam, elogiam, abraçam e ajudam o companheiro a transformar-se no homem dos sonhos de Deus (1Co 7:14). Elas são a música no momento certo, o silêncio quando é preciso calar e a bondade de Deus pairando sobre tudo.

Nós somos mais preciosas que joias (Pv 3:15). Como joias, representaremos toda a nobreza e bênção que Deus idealizou.

Na primeira carta aos Coríntios, o apóstolo Paulo nos dá um conceito do amor perfeito (1Co 13:1-10). Ele esteve isolado de seus compatriotas e preso por tentar levar aos homens uma visão do amor que havia em Cristo. Apesar de tudo, descreveu um sentimento que não maltrata e nem é inconveniente, que espera e acredita, ampara e é bondoso, nunca é soberbo ou arrogante, perdoa sem relembrar a ofensa, não está visando a si próprio e nem sente ciúmes. Amar profundamente é nunca deixar de desejar o bem.

O lindo riso com a cabeça pendida, a mão que descreve um círculo no ar e as manias vão se tornando relíquias para guardar no coração.

A partir dessas coisas pequeninas, podemos tentar outro conceito impossível sobre o que é amor.

[...] NÃO DEIXANDO
A NOSSA CONGREGAÇÃO,
COMO É COSTUME DE ALGUNS,
ANTES, ADMOESTANDO-NOS UNS AOS OUTROS,
E TANTO MAIS QUANTO VEDES
QUE SE VAI APROXIMANDO
AQUELE DIA.

(Hb 10:25)

Volte à igreja...

*A*na estava na porta da igrejainha para nos cumprimentar. Visitantes daquela ilha, em férias quinquenais, sentimos um grande desejo de ir ao culto de domingo, ansiando pela comunhão que só pode ser encontrada na Igreja. Nos deparamos, no templo batista, com uma fachada que levava ao passado.

A chegada de alguém era denunciada pelo ranger de tábuas do assoalho encerado. Toda vez que eu olhava para trás, lá estava Ana, cumprimentando outra pessoa.

O som de um órgão antigo saía pelas janelas compridas e havia um pequeno altar de madeira, onde o pastor dava as boas-vindas e convidava a congregação aos primeiros hinos.

Esses hinos com letras distribuídas em histórias, frases densas e maravilhosas, vinham sempre após a descrição de seus autores. Todos os bancos possuíam um local apropriado para estar de joelhos, acomodar Bíblias e taças de ceia. Os vitrais, com seus ornamentos em filetes, ilustravam videiras que subiam pelas janelas altas.

Precisamos de apenas alguns minutos para concluir que todas as pessoas ali se conheciam. Famílias, vizinhos e parentes do outro lado da cidade se apinhavam nos bancos. As crianças balançavam as pernas, esperando pela hora de ir para a salinha de estudo.

Foi quando a voz do pastor encheu o templo, com uma pregação sólida sobre o amor e o zelo aos valores fundamentais.

Quando o culto terminou, conhecemos o mural de missões e fomos em direção àquelas velhas portas de madeira, gratos pelo amor de Deus manifestado em igrejainhas ou grandes auditórios. Cumprimentamos os membros, que estavam curiosos para saber se seríamos novos frequentadores ou apenas visitantes.

E, como se toda a gentileza ofertada fosse apenas uma pequena amostra, Ana nos convidou a visitar sua casa, almoçar com sua família, e fazer parte dessa nova comunhão no dia seguinte.

Não poderíamos ir devido a um compromisso, mas entendemos que, com sua generosidade, Ana foi o Corpo de Cristo para nós naquela noite.



Não sei por que abadias e vitrais sempre me atraíram, com suas vozes sussurradas. Habituada ao perfume de móveis velhos, à simplicidade de outros tempos, sinto que capelas me chamam a orar.

A música que vem do órgão e sermões pronunciados por homens de cumprimento firme e grave moram na primeira igreja que conheci. Eram homens de sólida integridade, exemplo para todos.

Não importa quais os desafios de conviver tão de perto com as mesmas pessoas e enxergar com maturidade suas qualidades e defeitos, sempre será uma honra e um exercício de paixão encontrar um seio no qual descansar, uma igreja com luz amarelada e quente.

A Igreja de que Jesus falou não está isenta de vivenciar preconceitos, sentimentos mesquinhos e angústias. O respeito àquilo que Cristo veio fazer entre os homens fará da igreja um abraço de Deus dentro da comunidade, um pequeno cordão de unidade, com elos mais fortes que todos os outros, e que a sociedade jamais compreenderá (Sl 133).

A proposta de liberdade que o mundo nos ensina separa uns dos outros por interesse egoísta e se opõe, desde o princípio, a qualquer forma gregária de convívio que afirme que pertencemos a um lugar.

Jesus levou a Igreja para o monte (Mt 5:1), sabendo que seus ouvintes não seriam aceitos nos pátios da religiosidade humana. Gente na escadaria causava tropeços aos doutores da lei. Os famintos de amor não caberiam na sinagoga pequena.

Desde então a Igreja tem tido vitória sobre os sofismas deste mundo. Mas quantas de nós têm trocado a rígida disciplina do amor de Deus por filosofias suaves ao paladar? Como Narciso diante de sua própria imagem, quantas mulheres querem uma fé que reflita seus pensamentos e suas concepções poéticas no lugar dos pensamentos inigualáveis de Deus?

A solidão de estar distante das igrejas faz esfriar nossa fé, como uma vela cujo fogo se esvai. A Palavra que gerou a vida nos fez atrelados uns aos outros por um calor que vai muito além de corpos em um mesmo lugar. Nosso coração bate em unidade em toda a Terra.

A Igreja é o triunfo de um Evangelho que propõe tolerância entre os diferentes e integração de linguagens. Determina que temos que nos ausentar de nosso ego e aceitar, com humildade, serviços mais importantes que nossas expectativas. A integralidade dessa vivência está no interesse pelo crescimento do outro (Cl 3:1-17). Com olhos marejados, veremos nossas crianças sendo transformadas em homens e mulheres, à luz da Palavra de Deus e tendo Cristo como seu Tutor.

Igreja é a casa do Pai, são as palavras do querido Jesus (Lc 2:46-49; Jo 2:16).

O templo, porém, somos nós – templos itinerantes que levam por aí a Igreja (1Cor 3:16). Não existe a interrupção entre o templo físico e quem somos, pois há um canal de vida destilando amor em todas as direções.

Vamos à igreja para aprofundar nossa fé e compreender maravilhosos mistérios que não podem ser vistos a olho nu, que prescindem de um observador apaixonado. No entanto, viveremos uma vida de adoração perfeita, que não se limita ao canto com mãos erguidas e que significa escolher a honra verdadeira.

Ser um pilar de fé dentro de sua casa significa ser a Igreja para sua família, com todo zelo e devoção que isso simboliza. Quer dizer que iremos ao templo com idêntica alegria. Não o faremos esporadicamente, de acordo com nossa vontade insubmissa, mas com coração e joelhos curvados a uma Presença que a tudo abraça. A constância dirá que o dia de culto será também o dia de vestir a graça e a bondade, a consideração para com o outro e o compromisso definitivo com Quem nos criou. Nossos filhos verão esse compromisso de amor e serão transformados em templos de glória para levar a luz ao mundo.

Campos de trabalho surgirão da Igreja como oportunidades de abençoar outras pessoas, assim como aconteceu nos primórdios (At 2:45-47). São campos que devem ser arados com carinho e sem ativismo. Ensinares lealdade e responsabilidade aos nossos filhos quando nos dedicarmos a funções de ensino e caridade, visitando pessoas e comungando seus sonhos, sendo úteis ao crescimento de alguém mais.

De fato, a igreja é um dos melhores lugares deste mundo, mas não devemos passar maior tempo ali que em nossos lares, transferindo nossa ansiedade para seus

pátios. Na verdade, tudo tem seu tempo e o lar é o tempo de Deus para exercitarmos o que aprendemos no templo físico e na convivência dos irmãos.

Todas as pessoas que nos cercam precisam não apenas ir à igreja conosco, mas enxergar a Igreja em nós, em uma coerência que faça saltar para dentro da vida toda a Palavra Sagrada. Nossos lábios não pronunciarão críticas aos irmãos de fé ou de sangue, porque não há espaço para a voz do inimigo em um corpo de luz. Nosso exemplo de virtude ultrapassará as paredes para brilhar aos vizinhos e amigos, como aos nossos filhos e marido, a Verdade (1Tm 3:1-13).

As famílias devem ter seu próprio culto semanal, conduzido pelo líder da casa. Se este líder for o homem, é preciso que as mulheres ensinem seus filhos a respeitar a autoridade paterna e ter reverência no momento de culto. Reverência não é uma atitude baseada no medo ou na obediência cega e sem lógica, mas uma profunda admiração pelas coisas do alto. A Palavra de Deus nos ensina a trabalhar noite e dia no ensino desses preceitos aos nossos filhos (Dt 6:6-9). Conselhos sábios ajudarão a construir encontros que ficarão marcados no coração. Porém, é necessário que sejam dias específicos, com um calendário que determine claramente um momento de culto. Em nosso círculo familiar, temos cultos todas as quartas e reuniões de oração com os parentes a cada mês, quando cantamos hinos, lemos histórias e versículos, ouvimos mensagens e testemunhos e compartilhamos receitas.

A mesa de uma família precisa ser espaço sagrado em que o alimento é oferecido como expressão de fé e gratidão. De cada lugar da mesa será possível perceber o sentimento das pessoas, que estarão olhando nos olhos das outras. Estar à mesa sem oração e sem alegria significa viver uma vida sem gratidão.

Uma mesa com corações gratos é, na verdade, o lugar para onde se leva o entendimento da provisão de Deus. Para dentro de nossas despensas e armários são trazidos todos os meses mantimentos que resultam de trabalho também sagrado. Entender isso fará sua família aprender a erguer as mãos em unidade e louvar a Deus assim que chegar de feiras e supermercados – em uma expressão de carinho e dependência do Pai.

Do mesmo modo, os dízimos são essa proporção da infinidade de bênçãos recebidas. Dizimar de seus ganhos e bens é como devolver as sementes à terra para que novas árvores cresçam. Dizimar é escancarar as portas do coração à alegria do dar, quando temos recebido vida de modo tão generoso (2Co 9:7). Alcançar esse

entendimento tem nos permitido amparar crianças em estado de desnutrição, construir igrejas no interior e apoiar missionários. Nossos filhos aprenderam a dar seus dízimos a partir de qualquer moeda que receberem.

O egoísmo humano gerou o senso de que não é preciso pedir por proteção. Um Deus onipresente escolheu servir a homens que muitas vezes lhe viram o rosto, mas nem por isso seremos iguais a esses homens (Is 31:5). Deus não tem que proteger pessoas que O deixaram fora das portas de suas vidas. Por isso fechamos os olhos juntos antes de qualquer viagem ou quando há doentes físicos ou espirituais no lar e fora dele. Invocamos o nome de Deus com um coração sincero, aprendendo que o toque de nossas mãos tem poder, dizendo a Ele que Seus anjos terão lugar em nossa casa, pedindo que passem em nosso jardim e ao redor de nós. Pedimos isso com coração contrito.

Nossos computadores e carros estão repletos de hinos (Ef 5:19; Cl 3:16) em tantos ritmos que traduzem uma sinfonia que vai de suave a intensa, porque não desejamos mais ter entre nós canções que reproduzam o vazio. A poesia que desejamos não pode abrir concessões àquilo que é negativo. A cultura e o saber não servirão mais como desculpas para justificar a aceitação da insanidade dos homens. Não hesitamos em entender que o lixo é o lugar para o mínimo sinal de violência e a ausência de edificação e amor, seja em jogos, filmes, livros ou qualquer outra forma de expressão (1Co 15:33).

Decidimos juntos que os amigos são essa fonte de bondade que nos faz abrir nossas portas, mas deixamos de permitir que suas escolhas ruins sejam derramadas sobre cabeças inocentes (Gl 5:13). Sempre haverá a mesa de algum café para escutarmos o resultado de escolhas que não são sagradas, mas essa mesa não pode ser a da nossa casa. Em uma oferta ao inverso, os amigos virão para o abraço da serenidade e da luz, para nos enriquecer e serem enriquecidos e para aprendermos juntos uma vida que de fato valha a pena (1Pe 4:9). Assim como os parentes, estarão na lista de convidados de pelo menos quinze datas anuais, entre aniversários e outras celebrações. Nesses dias, a vida espargirá em todas as direções o amor de Cristo, nos permitindo viver o céu na Terra e ser Igreja.

Jesus Cristo edificou Sua Igreja e afirmou que as portas do inferno não prevalecerão contra ela (Mt 16:18). Restará sempre a nós a decisão de considerar a autoria dessas palavras.

Nossas escolha dirá de que lado das portas pretendemos estar.

VINDE A MIM,
TODOS OS QUE ESTAIS CANSADOS
E OPRIMIDOS, E EU VOS
ALIVIAREI.

(Mt 11:28)

Volte ao lar... antes que o dia termine

*D*isseram-me que não havia mais mulheres como aquelas, companheiras de colher frutas no pé e nos ajudar nas compotas, esterilizando vidros, interessadas no nascimento dos bebês e em receitas para alvejar panos.

Soube que as moças contratadas para as casas de família eram agora impessoais e já não preparavam leite com chocolate para crianças, e nem participavam dos lanches da tarde.

Eu não acreditei nisso, é claro.

Ouvi uma vizinha me contar sobre a paciência de uma dessas moças, que já estivera empregada em sua casa. A vizinha era uma mulher veloz e prática, muito cuidadosa em seu lar. Com certeza, essa era uma ótima referência. Não sei por que a imagem daquela moça tranquila se manteve gravada em minha mente e fiz uma oração pedindo a Deus que me enviasse uma pessoa assim.

Eu precisava de alguém que compartilhasse comigo o amor pelo lar. Alguém que, por meio período, todos os dias, viesse me ajudar nas tarefas para que eu pudesse cumprir as minhas como mãe, esposa e profissional em tempo parcial.

Não suportava olhar para a neném, agarrada aos nossos braços, e imaginar deixá-la por algumas horas com uma mulher que não tivesse um coração de mãe.

Comecei a orar intensamente para que Deus me mandasse alguém.

Uma querida amiga, que estava cooperando como diarista em nossa casa, me disse com naturalidade que uma pessoa especial estivera ali, há pouco. Não compreendi de quem estava falando. Então, ela me explicou: “É aquela moça, que trabalhou para a sua vizinha”. Me contou que Virgem estava deixando o emprego em um lugar distante de casa, pois desejava passar mais tempo com seu filho.

Nem ouvi a última frase, ocupada em saltar de onde estava rumo ao portão, em busca dessa mulher que ficara em minha memória e em minhas orações, sem que nunca a tivesse visto. No

fim da rua, consegui achá-la.

Olhar para Virgem sentada diante de mim foi como encontrar alguém que eu já conhecia. Após poucas palavras, entendi seu propósito de vida tão similar ao meu e segurei suas mãos, dizendo que a estava aguardando havia muito tempo. Ela vinha do cansaço das conduções lotadas, que a levavam para longe da família, e ficou muito grata por encontrar uma oportunidade de ajudar nas finanças domésticas, assim pertinho de casa, em um emprego de meio período. Começamos juntas, nesse dia, uma história de bênçãos.

Há doze anos essa mulher é parte de nossa família e uma leal companheira que aprecia nossa amizade tanto quanto nós a sua.

Durante esse tempo, nasceu o seu segundo filho e cresceu o primeiro; também seu casamento, tristemente, se desfez. Ela cruzou muitos quilômetros da região de chácaras até nossa casa para nos servir amavelmente. Nem imagino de quantos tachos de doce e roupas branqueadas cuidamos juntas, acalentando as crianças e compartilhando alegrias e tristezas. É um prazer para nós comemorar com ela datas festivas e agradecer todos os dias o que faz por nós. Mas nunca lhe seremos suficientemente gratos por toda a sua doçura e dedicação ao longo desses anos.

Ela, como eu, acredita que o lar é o maior presente que Deus pode oferecer a uma mulher. Entende este como um território de fertilidade e amor, onde filhos e amigos podem aprender bons exemplos e a família ser agregada entre braços abertos.

Virgem é uma mulher boa e generosa, mulher de doces, mamadeiras, amor às coisas simples da vida e à profundidade que habita nelas. Uma mulher de Deus.



Existe um texto belíssimo, em que Jesus Cristo, em pessoa, afirma estar batendo à porta de uma casa (Ap 3:20).

Ele diz que, se algum de nós abrir, viverá um momento especial em nossa companhia e uma troca profunda.

Foi exatamente isso o que aconteceu em minha vida, quando decidi voltar à minha essência. Passei a cear com o Senhor e Ele tem levado minha família a pastos incrivelmente verdejantes.

Eu vim contar das coisas que ocorreram em todas as áreas de nossas vidas desde que decidi abrir essa Porta e descobri que ela é, na verdade, o próprio Senhor (Jo 10:9). Ele nos afirma que, se por ali entrarmos, teremos visões magníficas, e foi isso que aconteceu conosco.

Quero falar de coisas tangíveis e intangíveis.

Ao longo dos dias, alguns objetos nos foram ofertados como presente, sem que nunca os tivéssemos mencionado a alguém. Na verdade, eles passaram a representar pessoas e são como corações pulsando em nossa casa.

Minha amiga Adélia tinha um lindo armário antigo, com pregos forjados à mão, e que já havia sido uma canoa. Na infância, suas filhas ficavam penduradas, buscando doces guardados nos compartimentos. Ao me oferecer essa peça por um preço que eu podia pagar, pediu-me apenas para rever o armário se a saudade apertasse.

Quando a avó do meu marido partiu, recebemos como herança um guarda-roupa, uma escrivaninha e uma cômoda. Restauramos essas peças de mais de um século para utilizar cada uma delas nos quartos dos nossos filhos.

Carle nos comunicou com doçura que guardara para nós uma maravilhosa cristaleira, já que um armário maior iria para o seu lugar. Naquela cristaleira ela havia guardado, por muitos anos, louças preciosas que foram de sua mãe.

Dioclécio nos trouxe um vinil. Quando alegamos que não teríamos como ouvir as músicas, ele nos olhou com um ar divertido. Então, nos levou até o carro, onde estava uma radiola que veio morar em nossa sala.

Da casa de Rose veio a escrivaninha amarela com gavetas e nichos, peça que reina no pequeno *atelier*, de onde saem embalagens de presentes e inventos infantis.

Dona Cidália nos presenteou com a mesa de centro que já não cabia no apartamento ocupado pelos filhos adultos; um amigo aplicou no tampo azulejos antigos de diferentes cores e desenhos.

Meu pai nos deu a cadeira de balanço que foi de minha avó e pinturas a óleo retratando uma cozinha caipira e ruas com casas históricas. Em um armário alto estão os bordados que minha mãe me fez, quando seus olhos ainda podiam enxergar os pontos marcados com capricho.

Luciano, um amigo que considera meu marido como a um irmão, lhe fez nova surpresa. Ele adora garimpar peças pelas ruas e depósitos e restaurou um pequeno

móvel marroquino que chegou às suas mãos. Os tons de azul colonial e ouro velho agora dão nova cor à entrada da nossa casa.

Cacá, dona de uma loja de usados, nos ofereceu um presente de vida. Ela soube de um cão de dois anos de idade que tinha um dono ocupado demais. Em minhas apreensões mais detalhadas sobre cães arteiros, nunca conseguiria imaginar que um animal pudesse integrar uma família de modo tão gentil. Suas longas orelhas felpudas, seus olhos meigos e o gênio afável enriquecem a infância de nossos filhos.

A vida continua me chamando para ir ao supermercado e às consultas naqueles corredores compridos, mas não estou mais aprisionada ao seu espectro cinza. Aprecio o instante, mesmo nas filas dos bancos ou nas ruas cheias de carros. Ajudo uma senhora idosa a sentar-se e observo seu lencinho delicado, assim como me permito agradecer pelo vermelho dos *flamboyants* da calçada, enquanto o sinal não abre.

O salmista pede que Deus o ensine a contar seus próprios dias, de maneira que alcance um coração sábio (Sl 90:12). Essa tem sido a minha oração. Tenho acordado bem cedo para encaminhar cada prece e ler minha Bíblia já desgastada, pedindo antes que as palavras se transformem em voz de nascente de rio.

Priorizo o tempo com meus pais. Fico olhando o rosto de ambos e afago suas mãos entre as minhas, dizendo o que é preciso ser dito enquanto estão aqui. Escuto suas lembranças, que vão me dando sinais de quem eu sou. Preparo almoços de família em que posso ver meu esposo, parentes, irmãos, cunhados e amigos rindo da folia das crianças, e é como se esses dias fossem mais lentos para mim.

Tenho estado consciente das necessidades deste corpo que envelhece de forma amigável e buscado o sono tranquilo, o alimento que faça bem, o movimento que lhe trará vigor. Não tenho relutado contra a pequena pausa contemplativa. Havia comprado biscoitos de gergelim que estalam entre os dentes e convidei a mim mesma para o chá naquela xícara que traz a imagem do passarinho sobre a rosa.

Aceito com alegria o ter menos, pois prefiro saber onde cada coisa se detém e deixar que todo objeto saia do escuro das gavetas para servir. Há agora menos distração e mais intensidade, menos foco em moedas e mais recursos, menos itens na lista e mais tempo para a profundidade.

Conduzo com firmeza as mãos de meus filhos, para ensinar a eles algum valor que determine zelo e atenção, enquanto fazem a lição de casa ao meu lado. Em uma

tarde, ao escutar pingos grossos no telhado, ensinei a eles uma lição singular. Propus que saíssem lá fora para o primeiro banho da chuva da primavera. Tenho as fotografias deles rindo, com gotas caindo sobre as mãos espalmadas, na tarde quente refrescada pelas águas.

Colhi bananas que amadureceram e, em um tacho de cobre, acompanhei o fervilhar das bolhas de caramelo de um doce com perfume de limão e notas de canela. Foi distribuído em potes enviados aos vizinhos.

Convido meus filhos e marido à nossa igreja e às suas festas solenes, ao trabalho de doar aos outros parte do que recebemos. Nos almoços de domingo, cada rosto e canção nos são ofertados como pão e vinho da comunhão que nos é devolvida por esse abraço imenso de amor.

Recebi sementes de miosótis nascidas no jardim de nossos vizinhos, onde galinhas brancas e felpudas passeiam garbosamente com seus pintinhos. Fomos até lá com as crianças para vê-las namorar o sol e depois observamos o canteiro de ervas e o prisma de luz na água que molhava a terra, onde a vida sempre esteve.

Vou caminhando devagar para a varanda onde leio poesias, enquanto o vento assopra folhas secas em meus pés. Tenho fechado meus olhos todos os dias para enxergar campos com flores simples de pétalas transparentes que aguçam a fome.

Estamos restaurando uma casinha de bonecas que meu pai e meu marido fizeram juntos. Vamos pintando e modificando os tecidos das janelas. Tanto meus filhos quanto os meus sobrinhos brincam ali e também os filhos de amigos. Para os meninos, fizemos uma casa na árvore, para onde sobem por uma escada de corda e madeira, até a tirolesa que desliza enquanto gritam.

Venho trabalhando em alguns projetos lindos, crendo cada vez mais no trabalho de fé que professamos a partir de corações sedentos por servir. Livros e canções estão construindo um referencial de infância para meninos e meninas no programa *Casa da Árvore*. Transmitido por emissoras nacionais de rádio a lugares distantes do nosso país, ele leva esperança por meio de nossas vozes, e nossos filhos têm aprendido um ofício de amor.

Com meu amado, tomo deliciosas xícaras de café ao sol. Prestamos atenção a borboletas que dançam na manhã de luz, enquanto compartilhamos sonhos. Perdemos a coragem de acender a lareira todos os meses, porque passarinhos de asas

minúsculas fazem seus ninhos no topo da chaminé em algumas épocas, e preferimos acordar ouvindo o pio do filhote sendo alimentado pela mãe.

O encanto com a palavra *relva* nos propiciou um deleite divino e nos nasceu no quintal uma relva ideal para piqueniques à sombra.

Nossos filhos chegarão da escola em alguns minutos e sempre os recebo com um abraço e perguntas sobre como foi a manhã. Se estão famintos, seguem para a sala de jantar e circulam os velhos móveis contando novidades. Vão em busca do que há para comer e tentam adivinhar que perfume está vindo das panelas.

Assim quero terminar este livro.

Mas, antes de ir, rogo que não se desfaça de seus sonhos e esboços. Permita que saltem das cadernetas apoiadas em sua mesa de trabalho para a vida verdadeira que há em Deus.

Pode ser que, como eu, você seja agraciada com um dia claro com pipas no céu, o olhar de seu amado anunciando que o inverno já passou e as vozes de seus filhos gritando:

— Pai! Mãe!

Agradecimentos

OS TEUS OLHOS VIRAM O MEU CORPO AINDA INFORME,
E NO TEU LIVRO TODAS ESTAS COISAS FORAM ESCRITAS,
AS QUAIS EM CONTINUAÇÃO FORAM FORMADAS,
QUANDO NEM AINDA UMA DELAS HAVIA.

(Sl 139:16)

Desde o instante em que Deus imaginou minha existência e, com mãos amorosas, me entreteceu – amo essa palavra, que me transmite os sentimentos de intimidade e delicadeza artesanal –, Seu canto reverbera a grata adoração que nasce dentro de mim.

A palavra “reverbera” eu pronuncio como sendo o eco do verbo eterno. O verbo salta da mente para os papéis, como respingos da torrente infinita de um amor que chega até você.

Se eu pudesse, faria nascer deste pequeno texto compêndios de gratidão. Assim, tentaria explicar o movimento de eternidade que veio nos conduzindo até aqui.

O “não caber em mim” é o sentimento possível quando presto esse tributo pequenino... aos meus pais que seguem envelhecendo, juntos, e me ensinando a vida, com paciência e sorrisos, que são como presentes para nós; a meu único irmão, que ainda guarda ares de infância e à sua esposa e filhos preciosos; ao meu marido que, como o amado dos cânticos bíblicos, destila bondade e cuidado intencionais em todas as suas atitudes; e aos meus filhos, com suas mãozinhas que me trazem pétalas do quintal.

Em nossa família, assumimos os papéis de patriarcas e conciliadores das pessoas com outras pessoas e com Deus. Por isso, nossa casa está sempre repleta dos que protagonizam historinhas de imensidão, que se eternizam nos livros que vão surgindo ao longo dos anos. Entre prateleiras e pratos cheios de comida feita

apaixonadamente, a fumaça em espiral permeia ingredientes imutáveis: a gargalhada, os meninos crescendo, as lembranças e um insistente nó na garganta.

Quando penso em quem mais devo agradecer, concluo que também sou resultado da caminhada dos que vieram de longe, na poeira do tempo: meus avós queridos, meus tios e seus descendentes; gente da minha rua e até velhos conhecidos que deixaram um legado em sinais que hoje reconheço claramente. Fui inspirada por fontes poéticas trazidas pelos amigos em seu floreio majestoso, seus livros e radiolas, chás no meio da tarde e músicas às quais fui apresentada.

Nos últimos meses, a atenciosa equipe de edição da Editora Ágape conduziu como um farol este projeto. Em especial, sou grata à querida Rebeca Lacerda, que visitou cada parágrafo deste trabalho com mãos de tutora cuidadosa; faço uso aqui da palavra “professar”, de onde deriva todo trabalho verdadeiro.

Enfim... meu coração se desprende na direção daqueles que me possibilitaram cristalizar a palavra, e aos quais quero aqui me inclinar, em reverente gratidão.

Sou grata a você, leitora, por fazer deste livro parte de sua história, também eterna.



www.agape.com.br



#Ágape nas redes sociais

